
IMPROVÁVEL
LIA AZEVEDO

1
Maia

Uma vez eu li uma reportagem em uma dessas revistas famosas e influentes, que a probabilidade de conhecer o amor da nossa vida é maior em ambientes que fazem parte da nossa rotina.

Eu não sei se isso de fato era alguma estatística real ou só suposição, eu só sei que enquanto eu passeava na farmácia a procura da prateleira de esmaltes, eu bati o olho em um menino que chamou a minha atenção.

Discretamente, eu o analisei e quando percebi que ele iria virar na minha direção eu encarei a primeira prateleira a minha frente disfarçando.

Ok, talvez eu não estivesse sendo tão discreta assim. Relaxa Maia, ele nem percebeu sua presença. E se percebeu também, isso não significava nada. Encarar pessoas desconhecidas era a coisa mais normal do mundo.

Respirei e me concentrei na prateleira fingindo que precisava de... *Ok!!! Xampu.* Pensei encarando as diversas opções.

Senti ele parando ao meu lado. De rabo de olho, eu o vi concentrado analisando a prateleira a sua frente.

Fingindo ler os rótulos eu o escuto ao meu lado.

- Por que essas embalagens precisam ser todas iguais!? – O menino exclamava para ele mesmo.

Olhei na direção da voz e vi que ele estava tentando escolher qual absorvente levar.

Analisei a cena por um segundo achando graça e me lembrando do dia em que o Guga, meu irmão, comprou absorvente para mim pela primeira vez e veio com todos os que existiam. Sorri sozinha e voltei a encarar os xampus.

Tá, eu não preciso de nenhum xampu, mas tem umas opções bem cheirosas. Talvez eu leve algum. Pensei devolvendo uma embalagem e pegando outra.

Ainda ao meu lado, ele pega uma embalagem e observa mais de perto, devolve na prateleira, pega outra embalagem, observa e

devolve. *Tá ok, isso está tirando a minha concentração*. Encaro ele por um momento e falo.

- Leva o mais caro e com aba. A chances de você errar são menores. - Ele olha na minha direção com uma cara de interrogação, eu dou uma olhada rápida na prateleira de absorvente por um momento e entrego a melhor opção disponível para ele. – Acho que esse vai servir.

- Obrigado... – Ele responde me olhando e depois analisa a embalagem.

- De nada. – Sorrio sem mostrar os dentes.

Coloco o xampu na cesta e passo por ele indo até a prateleira de esmaltes.

O menino do absorvente está na minha frente na fila do caixa, aproveito a oportunidade e analiso seu estilo dando uma olhada mais demorada. Calça jeans preta surrada, coturno um pouco gasto e uma camisa xadrez. Seus cabelos são quase na altura do ombro com um leve ondulado. *Nada mal.*

A moça do caixa o chama e ele avança. Agora eu consigo observá-lo de lado. Seu nariz é reto e o braço é levemente definido. Eu diria um definido magro.

Eu estava encarando por um bom tempo tão concentrada que a moça do caixa gritou duas vezes até eu perceber e avançar. Entreguei minha cesta e esperei ela passar os produtos.

Concentrada analisando o movimento da moça a minha frente eu escuto uma voz ao meu lado dizendo.

- Obrigado pela dica.

Me viro e vejo o menino sorrindo de forma contida, pegando a sacola ele se afasta eu respondo.

- Sem problemas.

Do caixa, eu consigo ver ele se afastando para fora da farmácia. Eu o observo uma última vez acreditando que seria a primeira e última vez que eu o veria.

Era incrível a vida no interior. Durante o dia as ruas eram lotadas, pessoas para lá e para cá, mas era só o sol começar a sumir que toda a vida da cidade ia morrendo aos poucos.

No caminho para a casa ainda era possível encontrar alguma vida em alguns pontos da cidade, mas de modo geral tudo era

quieto e silencioso.

Escuto o chuveiro no segundo andar assim que entro em casa. Jogo a sacola sobre o balcão da cozinha e abro a geladeira a procura de alguma coisa para comer.

Com o ventinho gelado da geladeira no meu rosto eu escuto a campainha tocar. Olho surpresa em direção a porta.

Eu moro em condomínio então é comum anunciar o visitante. Abro a porta e para a minha surpresa o menino da farmácia estava de carne e osso na minha frente.

- Oii... – Eu disse surpresa analisando melhor seu rosto.

Ele era bonito! Admito. E o que estava fazendo na minha porta?

- Oi... – Ele disse tão surpreso quanto eu. – O Guga está?

Ah, tudo fez sentindo agora. O Guga.

- Está tomando banho... – Eu disse encostada na porta. – Você é...?

- Eu sou o Marc, amigo dele.

Amigo do Guga. Esquece Maia. Estava bom demais para ser verdade. Você encontra um cara bonito na farmácia, incrivelmente ele bate na sua porta, mas é amigo do seu irmão.

- Eu sou a Maia, irmã do Guga. Entra aí. – Eu disse abrindo mais a porta e dando passagem. – Daqui a pouco ele desce.

Segui em direção a cozinha e senti ele me acompanhando. Ele se sentou na banqueta a minha frente. Abri a gaveta de comida procurando algum doce e acabei me contentando com um chocolate.

- Acho que te vi na farmácia uns minutos antes. Não!? - Perguntei

- Sim... Sou eu mesmo.

- Deu certo?

- O que? – Ele perguntou na dúvida.

- O absorvente...

- Deu sim... – E sorriu sem mostrar os dentes.

- Quer alguma coisa para beber ou comer? – Perguntei abrindo a embalagem.

- Não, obrigado. – Ele estava vendo alguma coisa no celular.

- Você mora aqui? No condomínio? – Pergunto.

Ele levanta a cabeça e bloqueia a tela do celular deixando sobre a bancada.

- Não. Por quê?

- Nada. – Dou de ombros. – É que geralmente a portaria liga para autorizar a entrada.

- Talvez como eu venho bastante aqui, eles meio que desistiram de avisar.

Vem bastante aqui?

- Faz sentido. – Disse dando uma mordida no chocolate.

Permanecemos em silêncio por um momento.

Me viro e jogo a embalagem no lixo que fica em cima da pia.

Escuto meu irmão descendo as escadas e o agradeço mentalmente porque o silêncio estava começando a ficar constrangedor e eu sou péssima e puxar assunto.

- E aí cara. – Meu irmão diz dando um soquinho no braço do Marc. – Foi mal, me atrasei.

O cabelo do Guga estava molhado e ele cheirava sabonete de neném.

- Pivete, a gente vai sair comer um hamburguer, quer ir?

Tentador. Não seria nada mal ficar olhando para o Marc por algumas horas.

- Não, valeu. Preciso revisar um monte de processo.

Me despedi, peguei a sacola sobre a bancada e fui direto para o banho.

*

Da janela do meu quarto eu consigo ver o céu cada vez mais escuro do lado de fora e o vento de verão refrescando o ambiente, sentada na cadeira eu analiso meu quarto por alguns minutos. Ele está do mesmo jeito que eu deixei quando fui para a faculdade em São Paulo. A parede da cabeceira da minha cama tem mais posters colados do que uma locadora de filmes dos anos 2000. Do lado direito fica meu guarda-roupas ocupando toda a parede e a porta de entrada. Do lado esquerdo fica a janela que começa em uma ponta do meu quarto e termina na outra, embaixo dela fica um banco/baú que geralmente eu guardo roupa de cama e algumas tranqueiras.

A vista da janela dá para uma pequena mata que tem atras do condomínio, um dos motivos que fez meu pai comprar exatamente esse terreno, porque segundo ele a vista era bonita, e realmente era. De frente para a cama fica a minha escrivaninha, a porta do banheiro ao lado e em cima uma prateleira com livros que eu precisava urgentemente doar.

Voltei minha atenção para a tela do notebook e comecei a revisar o processo de onde eu tinha parado antes de ir à farmácia. Depois de rolar e conferir se estava tudo certo, eu salvo o arquivo, abro meu e-mail e envio para o meu chefe. Hoje à noite ia ser longa.

2
Marc

Sexta-feira era sempre cansativo. Normalmente eu estava destruído e a única coisa que eu queria era chegar em casa e dormir, mas mudei de ideia quando o Guga me chamou para fazer pizza na casa dele. Não vou mentir, fiquei intrigado com a presença da Maia.

Ela abre a porta. Com o telefone na orelha ela faz um gesto com a mão para eu entrar. Fecha a porta atras de mim e segue em direção ao sofá, eu a acompanho, igual fiz no dia anterior.

Desligando o telefone, ela me fala ainda olhando a tela do celular.

- O Guga foi buscar as massas das pizzas.

Do sofá, eu a observo se aproximar do piano e recolher o tablet.

- Você toca? - Pergunto de forma aleatória.

Ela se vira na minha direção, parada com o tablet na mão. Seu cabelo preto está preso em um coque com alguns fios soltos pelo rosto e sua bochecha levemente corada. Ela está usando um short curto e uma camiseta do AC/DC. *Legal!*

- Toco sim. Você toca também?

- Piano não. Eu toco guitarra e violão.

- Legal. Eu arrisco um pouco no violão, mas não sou lá essas coisas. Você toca em alguma banda, ou algo assim?

- Não... Na verdade já tive uma banda, mas não toco mais tem uns bons anos.

Me levantei do sofá e fui na direção do piano, parei na frente e analisei as teclas por um momento. Senti seus olhos me observando.

- Não é tão difícil... você já tentou alguma vez? – Ela perguntou me chamando a atenção.

- Nunca tentei, na verdade. Mas acho um dos instrumentos mais bonitos.

- É sim. – Ela me respondeu me encarando.

A Porta da lavanderia bateu chamando nossa atenção. O Dr. Paulo, pai da Maia e do Guga, entrou na sala e ela deu um passo para trás se afastando de mim.

- Olá crianças. Cheguei.

- Oi Pai. – A Maia disse se virando para o pai.

- Finalmente decidiu tirar a poeira desse piano Maia? - Ela deu de ombros e seu pai continuou. – Onde está seu irmão?

- Foi buscar as massas das pizzas.

- Entendi. – Ele disse. – Bom, vou subir e tomar um banho porque mais tarde vou dar plantão. Juízo crianças.

E subiu as escadas.

A porta da entrada abriu e nela apareceu o Guga carregando um monte de sacola.

Eu e a Maia ajudamos a levar as coisas no fundo da casa onde ficava o forno de pizza.

- Vou tomar banho, já volto. – O Guga anunciou.

Sozinho com a Maia, eu a ajudava organizar os recheios em silêncio.

- Você está de férias? – Perguntei.

- Eu!? – Ela perguntou na dúvida. – Não... Na verdade, em resumo, meu chefe se divorciou e começou a namorar a professora dele de yoga. Decidiu levar um estilo de vida mais leve e deixou nossos horários flexíveis desde que a gente entregasse o mesmo nível de trabalho. Resolvi passar um tempo aqui. Por quê? – E virou me encarando.

- Curiosidade. Nunca te vi, sabe, você é meio misteriosa.

Ela deu risada.

- Misteriosa? – Disse franzindo o nariz.

- Sim... Eu só acreditava que você não era uma invenção do Guga porque já vi sua foto.

- Minha foto? Onde? – Ela perguntou com a testa franzida.

- Nas fotos que ficam espalhadas pela sua casa.

- Meu deus, aquelas fotos... – Ela riu. – Bom, eu costumo passar o Natal em casa... – Ela disse se explicando. – E alguns feriados.

- Faz sentido. Geralmente eu não fico na cidade nessas épocas.

- E onde você fica?

- Com a família da minha mãe no Natal e alguns feriados com o meu pai. Ninguém da minha família mora na cidade.

- Nem a sua mãe?

- Minha mãe sim.

- Entendi. Então é por isso que a gente nunca se viu. – Ela sorriu.

O Guga voltou depois de tomar banho e ligou o forno a lenha. A Maia se sentou na mesa e ficou mexendo no celular.

Depois de alguns minutos a Renata, namorada do Guga e o Vitor apareceram.

- A Lara e o Denis vêm também? – A Maia perguntou.

- Sim. – A Renata respondeu para a cunhada.

As duas ficaram sentadas conversando e eu tentava prestar atenção.

- Amanhã vai rolar Pub? A banda vai ser boa. – O Vitor disse chamando minha atenção.

- Eu topo. - Respondi.

O Guga concordou com a cabeça concentrado recheando as pizzas.

Aproveitei e me sentei na mesa junto com as meninas e depois de um tempo a Lara e o Denis chegaram.

- Ei, o que vocês acham de jogar paintball no domingo? – O Vitor perguntou mordendo um pedaço da pizza.

- Eu topo. – O Guga disse olhando na direção da irmã.

- Eu vou, mas só se a Maia for da minha equipe porque ela costuma ser agressiva. – A Renata disse.

- Eu? Agressiva? Sem essa Renata!!! – Ela respondeu fazendo uma careta.

- Não, preciso concordar com a Renata. – O Vitor disse. – Você é um pouco agressiva sim Maia.

Ela deu de ombros.

- Ah, e o Guga e a Maia não podem ser da mesma equipe!!! – A Renata disse.

- Ok… - A Maia disse revirando os olhos. – Renata é da minha equipe, pronto.

- Beleza!!! Todos topam? Vou deixar o nome na lista. – O Vitor perguntou.

Todos concordaram em afirmativa e o Vitor sorriu animado.

A Maia parecia um imã do qual eu me sentia atraído. Um enigma a ser desvendado. Ela ativou minha curiosidade e eu queria saber tudo sobre sua vida. Ela é bonita, muito bonita.
Dificilmente eu falaria que era irmã do Guga, os dois eram opostos se tratando de traços físicos. Enquanto o cabelo do Guga era claro igual do pai, o da Maia era preto, imagino que tenha puxado da sua mãe. Ela tinha o olho castanho e o nariz quase arrebitado.
Normalmente eu demorava meu olhar na Maia mais do que eu gostaria e torcia para que ninguém percebesse.

No final da noite, todo mundo ajudou a organizar a bagunça e depois disso aproveitei e fui embora porque estava cansado.

*

No dia seguinte combinei de encontrar o pessoal no pub. O lugar era relativamente novo na cidade e estava lotado, por sorte eu tinha reservado uma mesa próxima ao palco. Ela não era grande, mas servia de apoio.

O Denis, irmão da Renata e a Lara, sua noiva, também foram e já estavam lá quando eu cheguei.

Poucos minutos depois, o Guga e a Maia apareceram e eu quase perdi o folego quando eu a vi.

Ela estava linda, usando um vestido preto curto com um coturno surrado. Me forcei a desviar o olhar para o Guga.

Eles se juntaram a mesa e a Lara perguntou.

- Cadê a Renata?

- Ela não vai vir, está com cólica. – O Guga respondeu.

A banda era boa, um dos integrantes já tinha tocado comigo e mandava muito bem.

A Maia conversava bastante com a Lara e eu prestava atenção na conversa do Guga com o Denis.

No intervalo, eu aproveitei e fui ao banheiro e na volta parei no bar para pegar mais uma cerveja. A Maia estava encostada com a Lara no balcão e eu parei ao lado das duas.

- E aí Marc. – A Lara disse. – Que desânimo é esse?

Eu realmente estava cansado, não tinha dormido bem na última noite.

- Não dormi muito bem essa noite. – Me expliquei.

- Ei, vamos ali fora fumar um cigarro!? – A Lara gritou sobre a música.

Não estava a fim de fumar, mas as duas saíram e eu acompanhei porque também não estava a fim de voltar para a mesa.

Nos sentamos em um banco livre, a Lara acendeu um cigarro e passou outro para Maia.

- Quer Marc? – A Lara perguntou apontando o maço na minha frente.

- Tô de boa. Valeu.

O Denis apareceu assim que a Lara acendeu o cigarro e a chamou de longe.

- Ah, fala sério, só pode ser brincadeira. – Ela disse apagando o cigarro e se levantou. – Já volto pessoal.

A Maia se virou de lado ficando quase de frente para mim, uma das pernas estava cruzada, ela tragava o cigarro e assoprava a fumaça pelo ar.

Ela me ofereceu e eu recusei.

- Você não fuma? – Perguntou.

- Muito difícil. – Respondi me encostando no banco.

- Hmm. – Disse tragando e assoprando. – Com o que você trabalha Marc?

- Sou engenheiro. Trabalho com automação. E você?

- Sou advogada. Trabalho na área.

Ela sorriu e continuou fumando.

A banda começou a tocar e de fora dava para escutar o som abafado da música.

A Maia estava na metade do cigarro, a área de fumante estava praticamente vazia. Eu não estava com vontade de entrar porque a Gabi, minha ex, e sua turminha estavam perto demais da mesa e eu não estava no clima de lidar com isso. Mas a garota gostava de provocar. Ela e algumas amigas apareceram na área para fumantes. A Maia deu uma risada irônica quando a viu entrando e desviou o olhar encarando o próprio pé. As meninas encaravam e comentavam baixinho e a Maia fumou o cigarro mais rápido.

- Cara, cidade pequena é uma merda! – Ela sorriu irônica. – Essas meninas me odeiam de graça…

Fiquei surpreso com a revelação.

- Sério? Você as conhece? – Perguntei ficando de frente para ela.

- Estudei com elas até metade do primeiro ano do ensino médio. – Ela tragou o cigarro e assoprou. Me olhou por um segundo e perguntou. – Conhece alguma delas?

- A Gabi é a minha ex. – Eu respondi.

A Maia franziu as sobrancelhas. Pensou por um segundo e perguntou.

- Tá falando sério?

- Sim… - Respondi sincero.

- Cacete!!! – Deu uma risada irônica. Terminou o cigarro, apagou e jogou no lixo ao lado. – Cacete!!!

- É tão ruim assim? – Eu questionei sem entender a sua reação.

- Vocês são tipo, ex que nunca mais se falaram ou ex que vão e voltam? – Ela perguntou ainda com a sobrancelhas franzidas.

- Ex, ex!!! – Disse a encarando.

- Hm, menos mal. Ela já me odeia sei lá por que e se fosse sua ex que vai e volta com certeza ia armar uma para cima de mim.

- E por que ela te odeia? – Perguntei.

- Boa pergunta! Se tiver a oportunidade pergunta e depois me conta. – Ela disse se levantando acabando com a conversa. – Eu vou entrar, você vai ficar aí?

- Não, vou entrar também.

Depois da nossa conversa, a Maia ficou mais quieta e as vezes roía a unha pensativa. Eu tinha certeza de que ela não estava prestando atenção em nada a sua volta. Quando a banda terminou, ela falou alguma coisa no ouvido do irmão e os dois foram embora.

Em menos de meia hora, aproveitei e fui embora também.

Encarando o asfalto a minha frente, com a mão firme no volante, eu estava levando o Vitor até a sua casa que resolveu pegar carona comigo. Estava destruído e fiquei pensando na cara que a Maia fez quando disse que minha ex era a Gabi.

- Cara a Maia é muito gata!!! Sério. – O Vitor disse ao meu lado um pouco bêbado me tirando dos meus pensamentos. – Muito gata.

Ele não esperava nenhum tipo de resposta, mas eu dei mesmo assim.

- E por que você não investe nela? – Sugeri.

- A Maia? Não, ela tem uma regra sobre não se envolver com amigos do irmão. O que me resta é só admirar mesmo.

Não se envolve com nenhum amigo do Guga?

Por que essa informação me deixou desanimado?

- Hm... – Foi a única coisa que consegui responder.

3
Maia

- Porque você não me contou que o Marc é ex da Gabi? – perguntei para o meu irmão assim que entramos no carro.

Ele me olhou surpreso e respondeu.

- Sei lá!!! Nunca tive a oportunidade… - E deu de ombros. - Por quê?

- Porque eu acabei de ficar sabendo.

- E como você descobriu isso?

- Porque ele me contou!!!

- E qual era o assunto que vocês estavam conversando para ele te contar isso? – Ele perguntou com ironia dando um sorriso de

lado.

- Deixa de ser idiota! – Dei uma tapa na cabeça dele de leve. – Eu descobri por que a gente estava fumando e a Gabi apareceu, aí ele me contou. Agora toda a minha perspectiva sobre ele mudou!

- Só porque ele é ex da Gabi? Sério?

- Sim!!! Guga, é a Gabi!!! – Argumentei.

- Sim, eu sei. Mas ele é legal Maia, não tem nada a ver com a Gabi. Você acha que eu seria amigo dele se ele fosse um idiota?

Ele tinha razão. Meu irmão era seletivo nas amizades.

- E como você o conheceu afinal?

- A gente fez uma matéria juntos na faculdade. Depois ele começou a fazer estágio na mesma empresa que eu trabalho. Ficamos amigos.

- Vocês trabalham juntos?

- Não. Ele mudou de empresa quando o estágio terminou.

- Entendi.

- E Maia, você não deveria fumar, sério! Isso não traz nenhum benefício a saúde. – Ele me repreendeu.

Lá vem o Guga com o papo sobre cigarros.

- Eu sei Guga, eu não fumo, não de verdade. Enfim… Você poderia ter me contado, sabe…

- Desculpa Maia. Nem passou pela minha cabeça. De verdade. E outra, se eu tivesse contado você iria ser grossa com o cara.

- Não iria não. – Me defendi.

Ele não respondeu nada e eu encostei minha cabeça no assento.

Provavelmente eu não iria dar abertura, é verdade.

Caramba, de todas as meninas do mundo justo a Gabi era a sua ex? A Gabi que me perseguia na escola e gostava de me humilhar? Que droga. O problema era que agora toda vez que eu olhasse para ele minha mente ia me lembrar disso. E o pior de tudo, o Marc era bonito, incrivelmente bonito, até a sua voz era bonita. Espero que meu irmão tenha se enganado e que ele seja um completo idiota, assim toda a beleza dele vai embora pelo ralo.

*

O domingo estava perfeito, o sol estava mais contido e o dia estava fresco. Vesti uma calça de ginástica para ficar confortável, tênis e uma regata básica. Eu adorava jogar paintball, estava animada.

- Bom, vamos lá então. – O Denis falava. – Guga, Marc e Eu contra Lara, Renata, Maia e Vitor. Fechou?

- Minha equipe é maior porque você acha que somos mais fracos? – Provoquei em tom de brincadeira.

O Denis deu de ombros como se dissesse “sim”. A Renata passou o dedo sobre a garganta encarando-o como se dissesse “vamos acabar com vocês”. Fui até onde o Vitor estava, enquanto as meninas vestiam os equipamentos de proteção eu combinei uma estratégia com ele.

- Vitor, você ainda lembra um pouco da estratégia do Guga né? – Eu perguntei ao seu lado brincando com meu pé sobre a terra seca.

- Sim!!! Vamos nos separar no começo e depois a gente se junta, ok? – Ele me disse.

Concordamos com a cabeça. Olhei na direção da equipe do meu irmão e vi o Marc nos encarando.

Ele não desviou o olhar.

Ex da Gabi. Minha mente me lembrou.

Encarei meu pé quebrando o contato visual e fui vestir meus equipamentos.

O jogo começou. Eu não tinha uma ordem certa de quem eu queria eliminar. Já tinha jogado com todo mundo antes, menos com o Marc. Não sabia o estilo de jogo dele, resolvi ficar de olho.

A primeira eliminada foi a Renata pelo Denis. Estava apostando na Lara e incrivelmente ela ainda estava no jogo.

Eu atirei algumas vezes na direção do Guga, mas ele era ágil. Me juntei correndo ao lado do Vitor e decidimos quem iria eliminar quem.

- Eu fico com o Guga, provavelmente a Lara está tentando o Denis, então sobra para você o Marc, beleza? – O Vitor perguntou.

Concordei, ele saiu de onde estava e eu fiquei observando o Marc.

Ele estava focado no Vitor, porque quando ele saiu de onde estava, atirou, mas não conseguiu acertar.

Fui paciente, fiquei de olho no Marc porque assim eu o pegaria. E foi exatamente isso que aconteceu. Com um tiro certo, eu o acertei. O Vitor foi eliminado logo em seguida, sobrando o Guga, Lara, Denis e eu.

Eu estava ferrada, a única equipe minha era a Lara e da última vez ela acertou no seu parceiro. Não demorou muito e o Guga a eliminou sobrando somente eu.

- VAMOS MAIA!!! VOCÊ JÁ ERA… - Eu o escutava gritando de onde eu estava escondida!

Ok, respira Maia, não está tão difícil assim. Quero sair limpa daqui hoje. Você consegue. Falei para mim mesmo criando coragem.

Eu iria eliminar primeiro o Denis porque assim a confiança do Guga ficaria abalada.

Fui paciente, me mantive calma e esperei o Denis aparecer na minha visão, com certeza ele iria se encontrar com o Guga para discutir como me pegar e não deu outra. Mirei e acertei dois tiros o fazendo sair do jogo.

- CACETE MAIA!!!! VOCÊ NÃO ESCAPA. – Ouvi o Guga gritar.

O Denis saiu surpreso com o tiro e se juntou ao pessoal. Eu por outro lado me mantive calada. O Guga era besta, ele gritava e eu consegui deduzir onde ele estava. Fui me aproximando devagar no sentido dele e esperei pacientemente. Eu conseguia escutar passos, mas não conseguia ver o Guga, até que vi um vulto e me escondi. Ele não me viu e ia na direção que eu estava antes. Fiquei imóvel. Conseguia ver ele de relance, posicionei a arma, foquei e atirei. E eu não perdoei, porque ele no meu lugar iria fazer o mesmo. Dei três tiros mesmo sabendo que no primeiro eu já tinha acertado.

Ele abraçou o corpo se protegendo. Me aproximei parando ao seu lado.

- Quem já era? – Sorri levantando a mão pelo ar.

O Guga fez uma careta e minha equipe veio me abraçar.

Eu era a única limpa, sem nenhum tiro. Demos um tempo no bar do clube de paintball e decidimos jogar mais uma vez, menos a

Renata, uma rodada já era suficiente segundo ela.

Na minha equipe agora estava a Lara e o Marc e na outra, Guga, Denis e Vitor.

Reuni a equipe e não tínhamos nenhuma estratégia. Eu fiquei de eliminar o Guga, o Marc o Vitor e a Lara o Denis.

O Jogo começou mais agitado do que da última vez. A Lara quase me acertou, mas por sorte desviei a tempo. O Marc conseguiu eliminar o Vitor, que saiu reclamando e jogando a arma no chão. A Lara sobreviveu mais do que eu esperava e acabou sendo eliminada pelo Guga. Eu me aproximei com cuidado do Marc e disse baixo e perto para que ele escutasse.

- É o seguinte. Vamos tentar eliminar o Denis ok? Porque a gente acaba com a confiança do Guga. – Ele concordou com a cabeça e em menos de cinco minutos eliminamos o Denis.

Me aproximei de novo do Marc com movimentos leves. Estávamos agachados atrás de uma pilha de feno bem próximos porque o espaço era pequeno. Conseguia sentir sua respiração cansada.

Encarei seu rosto e pela primeira vez reparei em seus olhos cor de mel quase verdes.

- O Guga é ansioso. Ele até pensa um pouco, mas se a gente não aparecer, ele começa a ficar impaciente e é aí que a gente acaba com ele. – Ele concordou mais uma vez com a cabeça.

Agachada, comecei a me afastar do Marc.

Estava atrás de outro feno, conseguia o ver.

Quando me levantei para avançar mais um pouco, eu senti por traz, alguém agarrar minha cintura e me puxar para o chão. Escutei alguém atirando, mas não me acertou.

O barulho do tiro parou. Estava protegendo minha cabeça com os braços. Deitada no chão eu ainda sentia o braço em volta de mim. Me virei para entender o que estava acontecendo e o Marc aos poucos foi me soltando.

- Quase que o Guga te acerta. – Ele disse se afastando um pouco, mas seu braço ainda me segurava com firmeza.

- Valeu. – Eu subi um pouco. – Ele te acertou?

- Não.

Nesse momento ele me soltou. Agachado ao meu lado eu reorganizei minha mente e decidimos permanecer juntos até localizarmos o Guga, que tinha sumido.

Bolamos uma estratégia. Espiando por detrás do feno, eu vi a sombra do Guga. Cutuquei o Marc de leve no ombro e apontei para o local. Concordamos com a cabeça em afirmativa e seguimos separados, um de cada lado até a sombra.

Pulando de feno em feno, finalmente me aproximo o suficiente e atiro em direção a sombra. Vejo a movimentação e o Marc atirando da outra ponta acertando o Guga.

- AH CACETE. NÃO É POSSÍVEL. – Ele grita frustrado pela derrota.

Saio detrás do feno correndo e sem pensar abraço o Marc comemorando a vitória. A Lara vem correndo na nossa direção e comemora junto.

- Valeu por me salvar. – Falo para o Marc assim que me afasto do abraço coletivo.

- Somos uma equipe. – Ele diz sorrindo e eu sinto meu rosto esquentar.

O Vitor se aproxima e me abraçou me dando parabéns. Fico um pouco sem graça com a proximidade, mas tento não demonstrar.

*

No dia seguinte, embora fosse segunda feira, o Marc apareceu em casa. O Guga tinha combinado de ajudá-lo com alguma coisa do trabalho.

Estava sentada na mesa de centro da sala de estar, com as pernas cruzadas e concentrada no trabalho. O Marc se aproximou sentando-se no sofá de frente para mim, na outra ponta da sala.

- E aí, muito dolorida? - Fiz uma cara de interrogação tirando a minha atenção do notebook a minha frente e ele completou. – Sabe, do jogo.

- Ah, sim… um pouco, na verdade. E você?

- Um pouco também! – Ele sorriu sem mostrar os dentes.

- Você é boa, nesse negócio de mirar… e atirar - Ele disse com o cotovelo apoiado na perna.

- Obrigada!!! – respondi sincera.

- Afinal, como ficou tão boa assim?

Fiquei boa porque a sua ex e a turminha dela me perseguiam na escola, especialmente na educação física, por isso eu matava aula e ia jogar com o Guga. Fiz isso durante quase um ano. Pensei, mas não disse nada, afinal, que culpa ele tinha?

- Não sou tão boa assim!!! – Dei de ombros – Você joga bem também.

- Ah não. – Ele respondeu se jogando no sofá. – Dei sorte. Sou péssimo em mira.

Sorri e admirei sua beleza por alguns instantes quando a minha mente gritou.

PERIGO MAIA! EX DA GABI! AMIGO DO SEU IRMÃO!

Disfarcei e voltei a olhar para a tela do computador um pouco sem jeito.

Por sorte, cantando, meu irmão desceu as escadas segurando o notebook e se aproximou.

- E aí cara... Bora? – Ele perguntou parado ao meu lado de pé.

Permaneci na mesma posição fingindo estar concentrada no trabalho.

- Sim. – Ele respondeu se levantando. – Até mais Maia.

Olhei na sua direção respondendo.

- Até.

Os dois se afastaram indo até o escritório.

Soltei a respiração e relaxei.

4
Marc

A Maia é do tipo de menina que ficava mais na dela. Respondia com palavras suficientes para não parecer grosseira e nem desinteressada, mas também não prolongava muito o assunto.

Ela é bonita, seria um idiota se não achasse e a cada dia que a conhecia melhor ela ficava ainda mais bonita.

Às vezes me vinha a mente o jeito como ela falou as estratégias do jogo, de maneira concentrada e segura, com a testa franzida, seus cílios longos e curvados batendo conforme ela piscava o olho e seu narizinho quase arrebitado.

Às vezes, quando eu perguntava alguma coisa, ela estreitava os olhos e pensava por um momento antes de responder, e em algumas dessas respostas, eu sentia uma certa raiva contida que eu não sabia explicar.

Eu queria saber mais sobre ela, de uma forma curiosa, nada além disso, pelo menos era nisso que eu estava tentando me convencer, mas as vezes sentia que ela não queria muita conversa, então, sempre que eu conseguia, tentava tirar alguma informação do Guga.

- Você não pretende tocar mais em nenhuma banda? – O Guga me perguntou.

Eu estava deitado na espreguiçadeira encarando as nuvens se moverem lentamente enquanto o Guga brincava com o violão na espreguiçadeira ao lado.

- Não pretendo. Sabe, era legal tocar, mas a rotina é um pouco chata. Não ter final de semana livre ou então precisar tocar depois de ter trabalhado o dia todo, é cansativo. – Me expliquei.

- É. Por esse lado você tem razão. Mas, o lado bom é as meninas… - Ele disse sorrindo. - Que a Renata nunca me escute falando isso, até porque, eu estou muito bem acompanhado.

- Dispenso as meninas, geralmente são todas doidas. Você sabe do que eu estou falando.

- Sei, sei. – Ele respondeu encarando as cordas do violão.

- GUGA, ESTOU INDO AO CINEMA!!! – A Maia gritou da porta e saiu.

Cinema? Com quem será que ela iria ao cinema? É porque eu me importo com isso? Eu não me importo, só estou curioso!

- Ei Guga… - Eu disse me sentando, ficando de frente para ele. – Por que sua irmã e a Gabi se odeiam? – Perguntei.

Ele me olhou um pouco surpreso com a pergunta e respondeu.

- A Maia não odeia a Gabi na verdade, embora tenha motivos. Mas a Gabi sim, que parece odiar ela sem nenhum motivo aparente.

- Não entendi.

- É complicado. Mas, de modo geral, a Gabi sempre pegou no pé da Maia. Por quê?

- Nada. Curiosidade. – Respondi pensativo.

- Como você sabe que elas não se dão bem? Foi a Gabi quem te contou?

- Não!! Não… Eu não falo com a Gabi desde o término e pretendo continuar assim. A Maia comentou, sabe, no dia do pub, a gente foi na área de fumante, a Gabi apareceu e ela comentou. – Me expliquei.

- Entendi. Bom, se você realmente tem curiosidade em saber, pergunta para a Maia, quem sabe ela te responde.

Quem sabe… pensei.

*

Pela terceira vez na semana eu estava no mercado seguindo uma lista que a minha mãe tinha me dado. Será que não era mais fácil comprar tudo de uma vez?

A lista estava toda confusa, fiquei indo de um lado para o outro do mercado várias vezes. Eu lidava bem com uma lista de verdura e coisas básicas, afinal, sabia cozinhar. Mas minha mãe sempre pedia coisas específicas que eu nem sabia que existia.

Açúcar de confeiteiro? O que seria açúcar de confeiteiro? Tem mais do que um tipo de açúcar? Pensava analisando os rótulos.

- Não vai me dizer que está na dúvida de qual açúcar levar? – Uma voz ao meu lado disse, me virei e era a Maia, que sorria sem mostrar os dentes.

- Achei que comprar absorvente era difícil até descobrir que existem vários tipos de açúcar. – Dei de ombros devolvendo a embalagem na prateleira. – E aí, tudo bem?

- Lógico que existe vários tipos de açúcar. Está procurando qual? – Ela cruzou os braços ignorando minha pergunta.

- De confeiteiro.

- É essa aqui. – Ela disse pegando uma embalagem rosinha que estava mais acima da prateleira e me entregou. – Aqui está.

Quando ela me entregou, nossas mãos se encostaram. Ela ficou um pouco sem graça e levou a mão até o bolso da calça.

Analisei a embalagem disfarçando e disse.

- Valeu. Me salvou pela segunda vez.

Ela sorriu como se dissesse “sem problemas”.

Coloquei o açúcar no carrinho e perguntei.

- E o cinema, como foi?

Não deveria ter perguntado isso, talvez fosse íntimo demais ou xereta demais.

- Ah, foi normal… O filme era ok! – Ela deu de ombros.

- Qual filme? – Perguntei.

- Ideias brilhantes. Está concorrendo ao Oscar.

- Já ouvi falar... – Comentei.

Ela sorriu e disse.

- Bom, vou indo então… Boa sorte com as compras.

Quando estava quase se virando, eu disse.

- Maia!!! – Ela virou me olhando. – O que seria fermento biológico fresco?

Ela sorriu e voltou na minha direção.

A verdade é que eu sabia a diferença entre os fermentos, mesmo assim, eu pedi ajuda para ela porque gostava da companhia. A Maia me ajudou a encontrar o certo e me explicou a diferença entre os dois! Fingi surpresa com a explicação.

- Você é boa na cozinha?

- Eu? Não... – Deu risada. – Sou péssima na verdade. Às vezes eu assisto uns programas de culinária, por isso sei algumas coisas.

Sorri concordando.

O resto da lista era itens básicos que qualquer pessoa saberia comprar. Ela me acompanhou até o final e eu não me importei com isso. Na verdade, até gostei.

Ela me seguia, segurando um desodorante, uma barra de chocolate e um pão de forma. Foi a compra mais aleatória que eu já vi.

- Posso colocar minhas coisas no seu carrinho? – Ela me perguntou quando se deu conta que a minha lista era grande.

- Claro. – Respondi abrindo espaço entre a bagunça.

Conforme andávamos pelos corredores, vira e mexe a Maia pegava o celular, digitava alguma coisa, bloqueava a tela e colocava no bolso traseiro da calça.

- Muito trabalho? – Perguntei analisando a prateleira de sabão em pó.

- Mais ou menos… - Ela disse sem tirar a o olho da tela do celular.

Até tentei xeretar para ver o que ela tanto digitava. Automaticamente me corrigi e voltei a atenção para a lista!

Marc, seja lá o que ela estiver fazendo não é da sua conta. Me repreendi.

- Ei, deixa que eu passo tudo aqui. – Eu disse quando chegamos no caixa. – Estou te devendo pela ajuda.

- Er, não precisa! – Ela disse se recusando e pegando seus itens do carrinho.

Quando chegamos no estacionamento descobrimos que nosso carro estava parado quase do lado. A Maia me ajudou a colocar as coisas no porta-malas mesmo eu dizendo que não precisava. Entre uma sacola e outra, vejo o Leandro, um dos integrantes da minha ex banda, estacionando e saindo do carro, ele me cumprimenta de longe analisando por tempo demais a cena. Ignorei.

- Bom, é isso! Espero que tenha comprado tudo certo! – Ela disse assim que eu fechei o porta-malas.

- Aposto que essa foi a compra mais certa que já fiz. – Disse colocando as mãos no bolso da calça.

- Aposto que sim. – Seu celular tocou, ela tirou do bolso, analisou o visor franzindo a testa. – Ei, preciso ir. Até mais Marc.

- Até mais Maia. – Eu disse.

Observei ela entrando no carro e sumindo de vista!

*

- Que milagre aconteceu que você acertou a lista toda? – Minha mãe disse perplexa retirando os itens da sacola assim que cheguei em casa.

- Encontrei por acaso a irmã do Guga no mercado e ela me ajudou com algumas coisas. – Dei de ombros.

- Hmmm. – Minha mãe disse desconfiada. – E como chama a irmã do Guga? – Ela perguntou guardando as coisas no armário.

- Maia. Por quê?

- Maia... Hm... Nada, só para saber. – Ela tinha um ar de riso.
- Ela é minha amiga mãe. Só isso. – Disse revirando os olhos.
- Eu não disse nada!!! – Respondeu se defendendo.

Ignorei e sai da cozinha deixando minha mãe com suas suposições e fui direto para o quarto. Me joguei na cama com os braços abertos e tirei meu sapato que fez um barulho assim que encontrou o chão.

Encarando o teto, minha mente insistia em voltar até a Maia. Não entendia esse interesse em saber mais sobre ela. *Era apenas curiosidade? Certo? Certo!* Dizia tentando me convencer. Não tinha como não ficar curioso com ela. A irmã misteriosa do Guga. Eu nunca tinha a visto além das fotos espalhadas pela casa, morava em São Paulo e tinha a minha idade. De resto, tudo era um enigma do qual eu me sentia atraído em descobrir e com paciência eu iria descobrir.

Quais as chances de encontrar por acaso com ela em uma farmácia e vinte minutos depois dar de cara com ela abrindo a porta da casa do meu amigo? Posso dizer que foi o acaso ou coisa do destino? *Qual é Marc, você lá acredita em destino?*

Será que iria ultrapassar uma linha que não deveria se continuasse com isso? O Vitor já tinha me alertado – mesmo não perguntando – que ela não se envolvia com nenhum amigo do irmão. Era só que, ela era tão diferente e ao mesmo tempo tão igual a mim, não conseguia explicar nem se eu quisesse.

Sua cintura encaixou certinho na minha mão quando a segurei, e desde esse dia eu sonho com seus olhos piscando de forma assustada me olhando. Toda vez que meus pensamentos me levavam até esse dia, eu sinto uma emoção da qual não tinha certeza se gostava.

5
Maia

A semana começou com muito trabalho, eu tinha uma pilha de processo para revisar. Aproveitava o máximo possível do meu tempo livre com o meu irmão porque semana que vem ele entrava de férias e ia viajar com a Renata.

Eu não consegui decorar os horários do meu pai porque ele vivia mudando.

Na quarta-feira, eu tinha combinado de ir ao cinema com o Guga.

Quando éramos mais novos, nossa segunda casa era o cinema. Adorávamos filme de ação e terror e a cada lançamento nós comemorávamos.

- Dois bilhetes, por favor. – Meu irmão dizia para atendente do caixa.

A moça entregou o ticket depois de cobrar.

- Eu vou pegar pipoca, você come? – Eu perguntei.

- Sim. Pega um refrigerante também.

Por ser dia de semana, o cinema estava tranquilo. Comprei a maior pipoca que tinha e dois refrigerantes, voltei aonde o Guga estava e para a minha surpresa ele estava conversando com o Marc.

Ele ainda não tinha me visto. Fiquei alguns segundos parada olhando na direção dos dois. Caramba, ele era bonito. Estava ainda mais bonito do que da primeira vez em que o vi na farmácia. *A Gabi é a ex dele.* Minha mente me lembrava todas as vezes em que eu pensava na possibilidade, menor que fosse, de ter alguma coisa com o Marc. Como se ele quisesse. *Deixa de ser besta Maia.*

Respirei fundo afastando meus pensamentos e me aproximei dos dois.

- Oi. – Disse cumprimentando. Entreguei um dos refrigerantes para o Guga e permaneci em silêncio.

- Oi. – Ele disse de volta.

Uma moça com uma criança se aproximou da gente e parou ao lado do Marc. *Será que ele curte mulheres mais velhas? Essa criança é dele? Não pode ser, ou pode? Pelas contas até daria. E por que eu me importo?*

- Maia? – Meu irmão chama a minha atenção. – Planeta terra chamando.

- Ah... Oi... Desculpa. – Disse pausadamente. A Moça a minha frente sorria de forma angelical e a menina se escondia atras do Marc.

- Eu sou a mãe do Marc. – Ela disse estendendo a mão para me cumprimentar. – Julia, prazer.

Mãe? Está explicado de onde vem a beleza do Marc.

Meio sem jeito, eu segurei a pipoca e o refringente em uma mão deixando a outra livre para cumprimentar.

- Maia. – Eu disse. – Prazer.

- Ah. Obrigada Maia, por ajudar o Marc na lista do mercado. Primeira vez que ele acertou tudo.

Senti meu rosto esquentar.

- Sem problemas. – Respondi e olhei de relance para o Marc.

- Quando vocês foram no mercado? – O Guga perguntou.

- A gente não foi... Meio que se encontrou por acaso. – Disse me explicando. – Cidade pequena, sabe como é. – Dei de ombros.

Fiquei um pouco sem jeito.

- Maia, você é advogada né? – A Julia disse. – O Marc comentou comigo.

Ele comentou? Pensei e senti uma emoção estranha percorrer meu corpo.

- Sim. Sou sim.

- Ah querida. Será que você consegue revisar um contrato para mim?

- Mãe!!! – O Marc a repreendeu.

- Claro, consigo sim!!! – Eu disse.

- Viu só, deixa de ser chato. Eu peço para o Marc te entregar, pode ser? – Ela disse se virando para o filho e bagunçando seu cabelo.

- Claro. – Respondi.

- Perfeito. – Ela sorriu. - Bom crianças, vou indo ali na fila... Vamos Yara? – A menina a acompanhou até a fila e eu as observei se afastando.

O telefone do meu irmão tocou e ele se afastou por alguns segundos atendendo a ligação.

- Desculpa pela minha mãe. – O Marc me disse um pouco sem graça. – Não precisa revisar o contrato se não quiser...

- Não tem problema. De verdade. – Disse comendo uma pipoca, ofereci e ele recusou. – Depois você me envia, ou me dá impresso, enfim. Eu reviso sem problemas.

- Valeu Maia. – Ele disse.

Assim que o Guga voltou, nos despedimos do Marc e fomos até a fila da nossa sessão.

*

- Quantos anos a mãe do Marc tem?

Eu perguntei assim que o garçom se afastou com os nossos pedidos. Depois do cinema, aproveitamos e fomos comer hambúrguer em uma lanchonete nova na cidade.

- Uns 45 eu acho, por aí. – Ele disse sem tirar a atenção do celular.

- Ela teve ele nova então... Quando vi achei que fosse namorada, sei lá. – Pensei alto.

- Não... Ele não namora desde a Gabi. – Ele mantinha a atenção no celular.

- Você chegou a sair com a Gabi, na época? – Perguntei.

- Não. – Ele olhou para mim deixando o celular sobre a mesa. – Você sabe que eu não faria isso com você Maia. Na verdade, o Marc se aproximou mais no final do namoro e eu só o chamava para sair quando sabia que ela não iria poder ir. E acho que se fosse em casa, ela não teria a cara de pau de aparecer.

- Eu não duvido. – Disse. – Tem chance de eles voltarem?

- Não... Faz um tempo já que eles terminaram, e além do mais, ele não parecia gostar muito dela... Mas isso sou eu que acho. Por quê?

- Nada... – Dei de ombros.

O garçom se aproximou trazendo nosso hambúrguer.

Era bom sair com meu irmão. Ficávamos conversando sobre os assuntos mais diversos possíveis e rindo de bobeiras que ninguém mais ria.

*

Sábado à noite, combinei com meu pai de jantar.

O garçom tinha acabado de abrir o vinho quando ele recebeu uma ligação com emergência no hospital. Ele era obstetra e quando um bebê resolvia nascer ele corria na mesma hora para o hospital.

Isso já tinha acontecido antes. Toda vez que saímos para passear rolava comigo e com o Guga aquela tensão de precisar ir embora a qualquer momento. Tinha esquecido de como é a sensação.

- Pode deixar pai, depois eu chamo um Uber!

Meu pai estava tão concentrado em ir embora que esqueceu de me avisar que na cidade não tinha Uber, nem táxi e nem qualquer coisa do gênero.

O restaurante não ficava em um lugar tão deserto, mas eu tinha medo de voltar sozinha para a casa de qualquer forma. Meu irmão estava fora da cidade, talvez recorresse a Lara. Bom, vamos ver qual é a do bebê, talvez meu pai consiga vir me buscar.

Quando estava mandando uma mensagem para ele, meu celular tocou com um número que eu não conhecia, geralmente

costumo ignorar, mas dessa vez eu decidi atender.

- Alo. – Eu digo.

- Alo, Maia? – Uma voz conhecida do outro lado da linha responde.

- Sim. Quem é? – Perguntei para ter certeza.

- Ah, o Marc! Desculpa te ligar, é que eu acho que eu esqueci o carregador do meu notebook na sua casa, liguei para o Guga e esqueci que ele está viajando. Ele me passou seu número. Será que eu posso passar aí pegar?

- Sim. Mas tem um problema. Eu estou jantando e não sei que horas chego.

- Ah, tudo bem. Pode ser amanhã então!

Foi aí que eu pensei. Provavelmente vou precisar de uma carona e ele precisa do carregador.

- Ah, sabe de uma coisa? Você está muito ocupado? – Perguntei.

- Não, por quê?

- Será que você consegue vir me buscar? Eu meio que levei um bolo.

- Claro, tudo bem. Onde você está?

Passei a localização e desliguei o telefone. Pedi a conta e levei a garrafa de vinho embora. Sentada na mureta enquanto esperava o Marc, eu bebia o vinho direto da garrafa.

Mandei uma mensagem avisando meu pai, bloquei o celular e guardei na bolsa.

Um carro se aproximou, abaixou o vidro, estava pronta para xingar, mas antes de fazer isso o Marc disse.

- Não desconte as suas mágoas na bebida. – Ele disse brincando.

Me levantei da mureta onde estava sentada e entrei no carro.

- Valeu por me buscar. Quer? – Apontei a garrafa na sua direção.

- Valeu. – Ele disse recusando.

Coloquei o cinto de segurança.

- Você tem alguma regra de não poder beber nem comer no seu carro? – Eu perguntei olhando para ele.

- Não…. – Ele respondeu achando graça.

- Perfeito!!!- Me encostei no banco e dei mais um gole direto da garrafa. Tirei meu coturno porque estava machucando meu pé. Ele dirigia concentrado, apertando o volante com força e olhando para a frente. Conforme os segundos foram passando, sua expressão foi ficando mais relaxada. – Droga, cadê o verão dessa cidade? – Eu estava com frio.

- Tem uma blusa minha aí atras... – Sem tirar a atenção da direção, ele procurou a blusa no banco traseiro e me entregou. – Pode usar.

Um pouco relutante eu vesti o moletom.

- Valeu. Você já jantou? – perguntei.

- Já na verdade, por quê?

- Você está com muita presa?

- Não, por quê?

- Você poderia parar em algum lugar para eu pegar um lanche?

- Sem problemas.

Quando ele estacionou em frente ao Trio Hambúrguer, o mesmo que tinha ido com meu irmão alguns dias antes, eu vesti com uma certa dificuldade o meu coturno reclamando baixo. Procurei meu cartão na bolsa e levei minha mão até a maçaneta.

- Cinco minutos. – Anunciei.

- Eu te acompanho. – Ele disse desligando o carro.

- Não precisa. – Eu abri a porta.

Ele me acompanhou mesmo assim. Perguntei mais uma vez se ele queria algo e ele recusou. Fiz meu pedido e decidimos esperar no carro, assim que ficasse pronto o atendente levaria até a gente.

Quando entrei no carro, tirei meu coturno de novo soltando um som de alívio. Hoje eles realmente decidiram se vingar de mim.

Bebi mais um gole do vinho e ofereci de novo.

- Não me deixe beber tudo sozinha, eu vou vomitar se fizer isso. – Apontei a garrafa na sua direção.

Ele pensou por um momento, relutante pegou a garrafa da minha mão e deu um gole. Observei a cena. Me virei no banco ficando de frente para ele, que me devolveu a garrafa.

- Escolheu bem o vinho.

- Não fui eu quem escolhi.

- Quem escolheu?

Senti uma certa curiosidade em sua voz.

Eu estava viajando pela bebida? Provável. Será que eu deveria ser enigmática? Por quê? Seria deprimente para no final revelar que era só meu pai. Até porque, ele não se importa, eu acho.

- Meu pai! Depois ele precisou ir embora fazer um parto. Só depois descobri que não tem táxi, nem nada do gênero na cidade. – Poderia jurar que vi sua expressão relaxar quando disse que meu grande encontro fracassado era com o meu pai.

- Descobriu da pior maneira! Como você ia voltar? Caso eu não tivesse te ligado.

- Ah, tentaria a Lara, Denis… - Disse encostando minha cabeça no encosto do banco.

- Sinto informar, mas eles estão fora da cidade hoje.

- Bom, então esperaria meu pai ou pediria uma carona para algum funcionário do restaurante… - Dei de ombros.

- Você poderia ter me colocado em uma das suas opções.

- Eu não tinha seu número.

- Seu irmão tinha.

- Você tem razão. De qualquer forma, acabou sendo você.

- Sim. Se tivesse combinado não daria tão certo. – Ele disse.

Sorri.

O carro ficou em silêncio, dava para escutar o som das vozes do lado de fora. Me virei para a frente e analisei o movimento de dentro por alguns segundos. Ali estava, a Gabi e sua turminha. Se eu não estava louca, aquele alto moreno com cara de burro era o Aldo, irmão dela.

Eu estava um pouco alegre e isso me deixava mais corajosa e sociável.

- É a segunda vez que a sua ex me vê com você. Provavelmente já deve ter algum boato na cidade rolando por aí, ainda mais eu usando seu moletom. Por favor, me diz que esse moletom não foi presente dela! – Comentei e me arrependi logo em seguida.

Vi seus olhos se movendo na direção da lanchonete e acho que pela primeira vez ele notou que sua ex estava ali.

- Eu não me importo. – Ele disse me encarando. – E não, não foi presente dela.

Respirei aliviada e apoiei meu pé em cima do banco ficando de frente para ele.

- Posso te fazer uma pergunta?

- Pode! – Ele respondeu olhando bem fundo nos meus olhos. Senti uma leve eletricidade correr pelo meu corpo.

- Não precisa responder se não quiser. Talvez seja pessoal demais, enfim.

- Você faz uma pergunta e eu faço outra, o que acha?

- Tá legal. – Respirei fundo e bebi mais um gole do vinho ganhando coragem. – O que você viu na Gabi?

Não desviei do seu rosto nem por um segundo.

Ele ficou buscando na memória por uma resposta.

Entendi seu silêncio como se não quisesse responder, olhei na direção da entrada da hamburgueria analisando mais uma vez o movimento. Virei o encarando novamente. Percebi que ele não sabia como responder então disse.

- Sua vez. O que quer saber?

- Nada... – Ele disse um pouco sem jeito.

- Sério? – Franzi minhas sobrancelhas. – Eu fiquei curiosa.

Ele respirou fundo.

- Com quem você foi ao cinema?

Segurei para não sorrir.

Ele queria saber se eu estava saindo com alguém? Será que eu estava entendendo certo? Ele estava curioso sobre minha vida amorosa? Eu estava começando a acreditar que sim.

Antes que eu conseguisse responder, uma batida no vidro chamou a minha atenção.

Era a atendente. Abaixei o vidro e peguei meu pedido.

O Marc permanecia quieto e não insistiu na resposta. Talvez ele tenha se arrependido. Talvez ele estivesse só curioso e percebeu como a pergunta poderia sugerir algum interesse em mim do qual ele não tinha.

- Prontinho, podemos ir.

Em silêncio, ele ligou o carro e perseguimos o caminho até a minha casa.

6
Marc

O que eu tinha visto na Gabi? A pergunta da Maia se repetia na minha cabeça. E por que eu perguntei sobre o cinema? Não que eu não quisesse saber, mas se ela fosse inteligente, o que ela era, deduziria meu interesse com base na pergunta.

Eu não me importava se a Gabi estava achando coisas. Olhando de fora, parecia sim que eu e a Maia estava tendo algum envolvimento, e de verdade? Talvez eu quisesse. Ainda mais agora que eu vi o quanto parece certo ela usar o meu moletom. Por um segundo me permiti acreditar que ela fosse *minha*.

Sim, eu estava encrencado e sabia disso.

Quando saímos do carro, eu não olhei a minha volta porque as chances de encontrar alguém que eu não queria era alta.

Eu não vi a Gabi, mas depois do que a Maia disse, na segurança do vidro escuro, eu me permiti analisar as pessoas do lado de fora. E lá estava, ela e sua turminha. Depois a pergunta e agora o silêncio e minha mente gritando *“o que você viu na Gabi?”*.

Fiz o caminho todo no automático. A Maia permaneceu em silêncio sem beber mais nenhum gole do vinho e sem responder a minha pergunta. Não que eu merecesse alguma resposta.

Quando vi ela sentada na mureta, na frente do restaurante, um frio percorreu meu estômago. Isso estava acontecendo com mais frequência do que eu gostaria. Na verdade, isso não é bom? Me interessar por uma garota? Eu nunca tinha sentido nada desse tipo por nenhuma delas. Eu deveria me permitir ter esses sentimentos e seguir meu coração.

Normalmente, ela sempre usava roupas mais largas, mas dessa vez estava usando um vestido preto de alça mais agarrado e seus coturnos surrados no pé. Fiquei me perguntando que tipo de idiota dá um bolo em uma garota como a Maia e fiquei aliviado ao saber que na verdade era o seu pai.

Assim que estacionei na frente da sua casa, a Maia pegou o hambúrguer, a garrafa de vinho e na outra mão segurou o coturno. Fez o caminho até a porta e eu a acompanhei.

- Ei, será que você consegue pegar a chave na minha bolsa. – Ela disse equilibrando tudo nas mãos.

Fiquei um pouco inseguro. Abri a sua bolsa e tirei a chave de dentro abrindo a porta.

- Valeu. – Ela me respondeu.

Foi até a cozinha, colocou a garrafa e o hambúrguer sobre a bancada e disse.

- Vou lá buscar para você o carregador, sabe onde está? – Parou de frente para mim ainda com o coturno nas mãos.

Caramba, ela é linda! Seu cabelo levemente bagunçado, só com as meias nós pés e usando meu moletom por cima do vestido me deixou sem fôlego. Eu senti vontade de me aproximar e de beijá-la. Ela piscava de forma lenta e pesada, talvez pela bebida. Voltei para a realidade e respondi.

- Eu espero você comer, sem problemas.

Ela deu de ombros, deixou o coturno no meio da sala, lavou as mãos, abriu a geladeira pegando uma água, ofereceu uma e eu aceitei, pegou duas taças no armário, preencheu com vinho e me entregou uma sem perguntar se eu queria, sentou-se na banqueta e com esse movimento, suas pernas ficaram mais evidentes e eu me controlei para não olhar.

Marc, você está com sérios problemas!!!

- Não quer mesmo? – Ela perguntou abrindo a embalagem que estava segurando.

- Não, obrigado. – Peguei a taça na minha frente e bebi um gole do líquido vermelho escuro tentando relaxar.

A pergunta da Maia ainda ecoava na minha cabeça e eu sentia que precisava responder alguma coisa, mas ela disse antes.

- O que você está fazendo afinal, sábado à noite que precisa do carregador do notebook? Espero que não seja nada relacionado a trabalho. – Ela devorava o lanche.

- Mais ou menos!

- Sério? Que deprimente!!! Você me parece ser uma pessoa normal.

- Pareço? Isso é um elogio? - Disse brincando.

- É sim. Todo mundo gosta de pessoas normais.

- Nem todo mundo... – Comentei e ela deu de ombros. – E você, não quis ver seu pai trabalhando?

- Tenho pavor a sangue. - Ela fez uma careta.

- Sério? Você é dessas que desmaia se vê?

- Não chega a tanto. Acho que fico mais apavorada mesmo. Mas consigo lidar com ele em uma emergência.

- Interessante.

Ela sorriu. Terminou o lanche, se levantou e jogou a sujeira no lixo da pia. Aproveitei e a analisei de costas.

- Marc?? – Ela disse se virando. – Tá tudo bem?

- Sim… Sim! Desculpa, me distrai. O que você disse?

Provavelmente eu estava com uma cara de bobo. Espero que ela não tenha notado.

- Perguntei se você lembra onde deixou seu carregador? Não que eu esteja te expulsando, lógico que não. – Ela disse me analisando.

- No quarto do seu irmão. Posso te ajudar se você quiser. – Respondi um pouco atrapalhado.

- Por favor. – Ela começou a andar sentido a escada e eu a acompanhei. – Aquele quarto dele é uma bagunça.

E ela tinha razão. O quarto do Guga vivia bagunçado. Demoramos alguns minutos para achar o carregador. A Maia estava um pouco alegrinha pela bebida e com a coordenação lenta. Eu estava procurando embaixo de uma pilha de roupas quando ela gritou.

- Achei. – Disse puxando pelo fio o carregador o tirando debaixo de um monte de roupas. – Ponto para mim!!!

Automaticamente parei de procurar e olhei na sua direção que mostrava o carregador com orgulho e me entregou.

- Prontinho.

- Obrigado. – Nossas mãos se tocaram quando eu peguei o carregador e vi seu rosto ficar um pouco vermelho.

Saímos do quarto e quando passamos pela porta do quarto da Maia eu disse.

- O seu costuma ser bagunçado também?

Ela se virou parando, aproximou-se da porta estreitando os olhos e disse.

- Veja você mesmo.

Com cautela, eu me aproximei, parei na soleira da porta e analisei o quarto demoradamente.

O quarto era incrivelmente organizado. A cama estava feita. Não existia nenhuma roupa fora do lugar e o perfume que ela usava preenchia o ambiente.

- Estou surpreso. – Confessei.

- Fala sério!? Eu tenho cara de bagunceira? – Disse colocando as mãos na cintura.

- Um pouco… - Respondi estreitando meu olho esperando um xingo.

- Bom, sinto em te decepcionar, mas eu não sou.

- Não me decepcionou. Gostei da parede. – Comentei apontando para os pôsteres. - Me identifiquei com grande parte.

- Ah, eu também gosto, mas confesso que já enjoei. Queria tirar eles.

- Sério?

- Sim! Talvez pintar as paredes, sei lá!

- Não sabia que você era aventureira a esse ponto.

- Não sou na verdade. Sempre tem a primeira vez, ne!? – Ela disse me olhando.

- É o que dizem.

Sempre tem a primeira vez para quebrar uma promessa e ficar com o amigo do seu irmão. Tive vontade de dizer.

É errado da minha parte aproveitar que a Maia está mais sociável pela bebida e tirar informações que ela dificilmente iria me dar? Sim!!!

Descemos a escada.

A Maia ficou parada no último degrau segurando o corre mão. Me virei na sua direção e parei de frente para ela. A gente estava quase da mesma altura, a Maia era uns dez centímetros mais baixa do que eu. Ficamos em silêncio pelo que pareceu ser uma eternidade. Eu não queria ir embora e ela não me dispensou. Arrisquei.

- Ei, você poderia tocar alguma música no piano… - Sugeri um pouco inseguro torcendo para ela aceitar.

Ela encarou o piano por um momento pensando na possibilidade e me disse.

- Tudo bem. Mas eu não canto…

Desceu o último degrau, passou por mim e se sentou de frente para o piano. Fiquei ao seu lado e ela fez um gesto para eu me juntar no banco.

Sentei-me ao seu lado um pouco nervoso e aos poucos fui relaxando.

- Alguma sugestão de música? – Ela perguntou me encarando.

Estava próximo demais, sentia o cheiro do vinho da sua boca misturado com o seu perfume.

- Você escolhe.

Ela franziu o nariz fazendo uma careta. Encarou as teclas na sua frente, respirou fundo e sem dizer nada começou a tocar.

My Immortal do Evanescence. Conheço essa, um clássico gótico dos anos dois mil. Os dedos da Maia dançavam sobre as teclas e a melodia preenchia o ambiente. Sua unha curta pintada de

preto ia de um lado para o outro e sua testa estava franzida, concentrada. Eu ia dos seus dedos para o seu rosto com olhares demorados, analisando cada pedacinho, não deixando escapar nenhum movimento. Inalando seu perfume como se isso pudesse acalmar essa ansiedade que eu estava sentindo.

Meu coração bateu descompassado.

Se existia dúvida no começo do dia ela acabou de morrer ali, naquele momento em que por uma distância mínima, nossas pernas se encontraram fazendo meu corpo se arrepiar por dentro.

Eu estava gostando da Maia, eu realmente estava gostando dela.

7
Maia

Eu não teria baixado a guarda, se não fosse pelos goles a mais do vinho.

Eu deveria ter pegado a carona, entregado o carregador e dispensado o Marc. Fiz tudo ao contrário e para piorar ainda perguntei o que ele tinha visto na Gabi.

Sério mesmo Maia?

Acordei repassando a noite na minha cabeça lembrando de cada detalhe.

Depois que terminei de tocar, ficamos em silêncio. Estava relaxada o suficiente para tocar uma, mas, mais do que isso não!

O Marc se levantou sem jeito, parecia um pouco confuso e eu perguntei se estava tudo bem, ele concordou em silêncio e disse que precisava ir embora.

Levei ele até a porta.

Comecei a tirar o moletom para devolver quando escuto ele dizendo.

- Pode ficar. Depois você me devolve.

Parei e o olhei para ele.

Seu cabelo estava mais rebelde do que o normal e ele estava incrivelmente bonito.

Ele deu um meio sorriso quando vesti o moletom de volta e se virou para ir embora.

Com uma distância segura, da qual eu evitaria de fazer alguma besteira sem pensar, eu o chamei.

- Marc. - Ele virou me olhando. – Eu fui sozinha...

Ele não respondeu nada.

Me encarou por um tempo e se despediu com um meio sorriso.

O que ele estava pensando?

Quando o vi dar partida, eu fechei a porta.

Me sentei na frente do piano outra vez. Não sei por quanto tempo fiquei imóvel encarando as teclas na minha frente.

Voltei para a realidade quando escutei meu pai entrando.

- Maia, você não vai acreditar. Fiz um parto de gêmeos, foi mais complicado do que eu imaginava. – Meu pai disse cansado. – Me desculpa querida, podemos almoçar amanhã se você quiser.

- Tudo bem pai. – Sorri sonolenta.

A noite não foi tão ruim assim.

Meu pai estava cansado demais para se lembrar que eu estava sem carro e me perguntar como eu tinha voltado para casa. Duvido que tenha percebido as duas taças sobre a bancada.

Encarei as duas taças quase vazias, bebi todo o conteúdo delas, coloquei na lava louças e subi as escadas colocando meus pensamentos em ordem.

Eu não queria ter baixado a guarda. Foi legal sim, mas não podia ignorar o fato da ex dele ser a Gabi e nem de ele ser amigo do meu irmão, que era o menor dos problemas.

Existia uma linha invisível que eu não queria ultrapassar, mas parecia que ela estava pressionando meu tornozelo pronta para romper.

Eu senti seus olhos em mim enquanto eu estava tocando, senti sua respiração e senti o calor do seu corpo quando nos encostamos sem querer.

Concentrei meus pensamentos na música e consegui terminar sem sair correndo para longe.

Acho que passar uma semana em São Paulo iria me fazer bem. Cair na real e ver que as chances de isso dar certo são mínimas. Até porque, de onde eu tirei que o Marc queria alguma coisa comigo? *Acorda Maia*. *Realidade chamando.*

*

O dia amanheceu chuvoso.

Ontem, do jeito que subi no quarto, eu me deitei na cama e acabei dormindo. Acordei ainda vestida com o moletom do Marc.

A noite anterior veio com tudo na minha mente.

Eu não deveria ter respondido à pergunta dele sobre o cinema. Eu não sei se interpretei a pergunta de maneira certa e não sei como ele interpretou a minha resposta.

Me forcei a sair da cama porque meu pai estava me esperando para almoçar.

Olhei no espelho e me encarei. O moletom não era nada diferente do que eu usava na minha adolescência. Preto e dois números maiores. A diferença era que ele cheira o Marc.

Verifiquei meu celular e não tinha nenhuma mensagem dele. E porque teria afinal?

Bloqueei a tela e fui tomar banho.

Desci as escadas e meu pai estava me esperando sentado no sofá lendo jornal.

Dessa vez iriamos cada um com um carro, até porque, meu pai iria trabalhar logo em seguida.

- Maia querida, me conte alguma coisa interessante. – Meu pai disse bloqueando a tela do celular e deixando sobre a mesa.

A única coisa interessante que tinha acontecido na minha vida ultimamente estava relacionada ao Marc e eu não queria contar isso para o meu pai.

- Pai, é mais fácil você ter alguma história interessante do que eu.

- Que isso Maia. Minha vida se resume a hospital, consultório e casa. – Ele disse cruzando os braços.

- Então... Hospital sempre rende boas histórias.

- É verdade. – Ele sorriu e começou a contar de casos aleatórios que aconteceram recentemente.

Vira e mexe ele verificava o celular e nessas horas eu fazia o mesmo.

Um número desconhecido tinha me mandado uma mensagem e quando abri vi que era o Marc. Meu coração disparou e eu senti meu rosto ficar vermelho.

Estava ansiosa demais para esperar e abri a mensagem.

Aproveitei e adicionei seu número na minha agenda.

Marc: Maia, será que posso passar qualquer dia dessa semana na sua casa para te entregar o documento da minha mãe? Não tenho ele em pdf.

Ele precisava entregar o contrato que eu tinha prometido revisar. Nada de mais. Nenhuma mensagem dizendo o quanto ele estava pensando em mim e como queria me ver outra vez.

Não era isso que eu queria afinal? Não me envolver? Por que eu fiquei decepcionada por ser exatamente o que eu queria? Nenhum envolvimento.

Maia diz: Sim... Quando quiser. Chego em casa daqui uma hora, caso queira me entregar hoje.

Marc diz: Beleza. Te aviso antes.

Maia diz: Ok!

*

Pela segunda vez em menos de vinte quatro horas o Marc estava sentado na banqueta da minha cozinha.

Analisei por alguns segundos o documento dando uma olhada geral.

- Maia!!! – Tirei minha atenção do documento e o encarei.

- Marc!!!

- O que você faz afinal no seu emprego?

Deixei o documento sobre o granito e respondi.

- Eu reviso e começo do zero processo de imposto, sabe, quando a empresa deve, ou quando ela quer negociar... aí

geralmente eu procuro alguma brecha na lei e coisas do tipo. Mas quando eu era estagiária, basicamente eu só revisava contrato de trabalho. Por quê?

- Nada. Curiosidade. – Ele sorriu.

Voltei minha atenção para o contrato analisando.

- Sua mãe é psicóloga né? – Perguntei.

- Sim. Como sabe?

Apontei para o papel indicando como eu sabia.

- Olha, não sabia que o Dr. Tadeu tinha virado diretor da clínica. – Disse pensando alto.

- Você conhece? – Ele perguntou.

- Sim. Essa clica é antiga. Uma vez fui com o meu pai lá... na época tinha uma paciente gravida e ele deu assistência. O Dr. Tadeu era um dos médicos na época. Os dois são amigos. – Disse explicando. – Eu estudei com o filho dele.

- E por que você foi junto? – Ele me perguntou.

Tirei os olhos do processo e pensei por um tempo. Será que ele ouviu alguma história sobre mim?

- Ele me buscou na escola e precisou ir direto. – Disse analisando sua reação. – Posso te fazer uma pergunta?

- Pode.

- Porque você me perguntou, sabe, por que eu fui lá?

- Curiosidade. – Ele disse parecendo sincero.

- Só isso? Curiosidade?

- Sim. Sabe, minha mãe não fala muito sobre esse emprego. Imagino que não seja agradável.

- Não é tão ruim quanto parece. Não tem ninguém em camisa de força e nada do tipo. É quase um retiro. – Dei de ombros. – Mas, voltando, eu consigo te entregar essa semana ainda. Pode ser?

- Sim. Sem pressa. - Ele não disse mais nada. Fiquei sem saber o que fazer e ele perguntou. – Acordou de resseca?

Fiz uma careta e respondi.

- Pouquinho… Você não me ajudou, precisei beber praticamente a garrafa toda sozinha. – Provoquei.

- Mil desculpas!!! – Deu de ombros sorrindo.

- Te perdoo dessa vez. – Fui até a geladeira e peguei uma água para ter o que fazer. Ofereci e ele recusou.

- Marc, sobre ontem… - Disse meio sem jeito. Percebi ele ficando tenso. – Eu não deveria ter te perguntado sobre a Gabi. Não é da minha conta, sabe… Desculpa.

- Não precisa se desculpar. De verdade.

Acenei com a cabeça um pouco sem graça.

- Ah, e depois eu te devolvo seu moletom tá? Não tive tempo de lavar.

- Tudo bem.

Me virei para guardar a água de volta na geladeira.

- Maia. – Ele disse.

- Marc! – Respondi fechando a porta da geladeira e me virei.

- Tá a fim de ir ao pub, daqui tipo, uma hora?

Olhei para o relógio como se não soubesse que horas eram.

Eu e o Marc no pub? Era isso que eu esperava quando ele me mandou mensagem mais cedo, não era? Algum sinal de que ele estava a fim de mim? E por que agora mesmo ficando animada com essa possibilidade eu sentia que deveria recusar? A resposta mais segura é não, eu sei disso, e por que eu tenho vontade de dizer sim?

- O Denis e Lara também vão… não tenho certeza se o Vitor vai. – Ele completou antes que eu respondesse.

Ok! Ok! Não sei se me sinto aliviada ou triste. É um convite amigo. Mesmo assim talvez você devesse recusar. Diga não, vamos lá Maia. Você está confusa e precisa pensar melhor.

- Tudo bem!! Pode ser. A gente se encontra lá? – *Por que você disse sim?*

- Posso te dar uma carona! Aliás, se você estiver pronta, dá para ir agora. Tinha combinado com o Denis as cinco, mas dá para ir antes.

- Tá… tá… - Disse pausadamente reorganizando as minhas ideias. – Só preciso, só vou trocar de roupa.

- Tudo bem, sem pressa!

- Tá… - Me virei e subi as escadas me xingando mentalmente.

8
Marc

Eu menti. Eu improvisei. Não existia nada marcado hoje. Senti a relutância da Maia ao aceitar o convite, me desesperei e disse que o Denis e Lara iriam, e aí ela aceitou. Quando a Maia se afastou, automaticamente mandei uma mensagem para o Denis e para a minha sorte ele aceitou ir. Ufa! Pelo menos a minha mentira iria se sustentar.

Fiquei diversas vezes repassando a noite de ontem na minha mente. Eu deveria ter beijo ela. Era o que eu estava com vontade de fazer e essa vontade ainda existe e está cada vez mais forte.

Quando ela me disse que foi sozinha no cinema eu fiquei tão feliz que me segurei para não sorrir feito um bobo. Sua resposta foi alguma espécie de permissão para eu avançar? Eu queria acreditar que sim.

Ela desceu as escadas e me esqueci de respirar por alguns segundos. Estava usando uma calça cintura alta xadrez e uma blusa preta gola alta que ela deixou por dentro da calça e no pé um all star preto.

Ela fica incrível de preto.

Demorei mais do que gostaria com o meu olhar nela. Corrigi minha atitude e perguntei.

- Pronta?

- Pronta!!!

A Maia mascava um chiclete sabor tuti-fruti, descobri pelo cheiro que preenchia o carro toda vez que ela assoprava uma bola com a boca.

- Tem alguma banda ou algo assim lá hoje? – Ela me perguntou se virando na minha direção.

Olhei rápido na sua direção e voltei minha atenção para o trânsito.

- Tem… tem sim!

- Hm… E você conhece?

- Não. Os caras são de outra cidade. Mas já vi um show deles. São bons.

- Legal.

Como era um domingo chuvoso e quatro da tarde, o estacionamento estava mais tranquilo de vagas. Estacionei o carro. Destravei as portas. A Maia saiu fechando a porta delicadamente. Tranquei o carro e seguimos até a entrada do Pub.

- Tem reserva? – A garçonete perguntou.

- Não. – Respondi.

- Pode ficar à vontade então. Só as mesas com a placa “reservado” que não pode utilizar.

Escolhemos uma mesa alta mais escondida, dava para ver o palco e ficava perto do bar. Perfeito.

- Vou pegar bebida, chopp? – Perguntei.

- Chopp!!! – Ela concordou com a cabeça.

Meia hora depois, para o meu alívio, o Denis e Lara chegaram. O Vitor não tinha respondido.

O Denis era gente boa. Não era tão amigo assim dele igual do Guga, mas o papo fluía bem. A Lara por sua vez, não parava de falar nenhum minuto. Ela ia de um assunto para o outro sem nenhum esforço. A Maia prestava atenção ou pelo menos fingia bem.

Eu aproveitava e a observava sempre que dava.

Ela fez uma careta e se ajeitou na cadeira quando olhou na direção do bar, foi imperceptível, mas eu notei e disfarçadamente me virei como se analisando a decoração e vi, a Gabi, sua turminha e seu irmão idiota que vivia se metendo em briga. Um alerta se acendeu na minha cabeça.

A banda começou. Era acústica então ninguém estava prestando muita atenção. A Lara continuava falando, só via seu lábio se mexendo e a Maia concordando.

Ela me chamou com um aceno e eu me aproximei.

- Quer ir ali fora fumar? – Ela disse próximo ao meu ouvido. Senti seu hálito quente.

Concordei com a cabeça.

Não queria fumar, mas a ideia de ficar um pouco sozinho com ela me pareceu boa.

Ela pegou um cigarro com a Lara e fomos até a área de fumante.

- Eu adoro a Lara, mas as vezes ela fala demais. – Ela comentou se sentando.

Me sentei ao seu lado.

Ela acendeu o cigarro, tragou e me entregou.

Existia algo íntimo em dividir um cigarro. Será que ela pensava assim também?

Analisei seu rosto por um momento, traguei o cigarro, devolvi para ela criando coragem para perguntar.

- Maia, posso te fazer um convite?

- Pode. – Ela respondeu.

- Sábado que vem, o pessoal do meu trabalho vai se reunir para jogar paintball, sabe, no mesmo lugar que a gente foi outro dia. Normalmente eles reúnem os aniversariantes do mês e fazem uma espécie de festinha, digamos assim. É permitido levar alguém de fora e a empresa até gosta que leve para ter convívio fora da área de trabalho, eles acreditam que a relação muda e melhora o desempenho dos funcionários, balela do RH. Será que você consegue vir comigo? Eu nunca levo ninguém, sabe, tá começando a ficar chato! Tão achando que eu sou um esquisitão psicopata!

- E você é um esquisitão psicopata? – Ela brincou me entregando o cigarro.

- O que você acha? – Provoquei.

- Você não é esquisito. – Ela tragou o cigarro. – E psicopatas geralmente não assumem que são psicopatas. Entende. – E entregou o cigarro assoprando a fumaça pelo ar.

- Obrigada pelo não esquisito. Às vezes eu me acho esquisito.

- Acho que todo mundo se acha esquisito as vezes.

- Talvez. – Disse dando de ombros.

- Eu posso ir sim. – Ela respondeu.

- Legal. – Tentei não soar animado demais. – Depois eu te aviso o horário.

Terminamos o cigarro e ficamos por mais alguns minutos em silêncio.

O único barulho era o som abafado do interior do pub.

- Marc, você se importa se a gente for embora? – Ela me perguntou. – Caso você queira ficar, eu me viro. Não tem problema.

Coloquei a mão de leve sobre seu joelho e respondi.

- Não!!! Podemos ir sim.

Ela me encarou por um momento e sorriu.

A Maia voltou até a mesa para buscar sua bolsa. Nós despedimos da Lara e do Denis, que estavam conversando com outro casal que eu não conhecia. Paguei minha comanda e esperei a Maia pagar a dela e saímos do bar indo para o estacionamento.

Não tinha segurança nesse dia olhando os carros, isso só acontecia quando o movimento era alto. No portão de entrada, o idiota do irmão da Gabi estava com mais um cara que eu já tinha visto por aí. Mudei a Maia de lado segurando de leve seu braço para me dar passagem quando estávamos para passar perto dos babacas. Ela encarava o chão durante o caminho. Assim que passamos, escutei alguns passos atrás de mim e ouvi.

- Qual é babaca!!! Não sabia que você gostava de comer psicopatas!

Senti meu sangue subir, fiz movimento para virar, mas senti a mão da Maia no meu pulso me segurando forte e dizendo.

- Ignora!

Continuei andando, mas ainda escutava ele me seguindo quando disse de novo.

- Sempre soube que você era um frouxo! Faz sentido você estar comendo essa maluca ai!

Nessa hora meu instinto foi mais forte do que a minha razão.

A Maia não teve tempo de me parar e eu meti um soco, o mais forte que consegui, acertando o imbecil. Mal tive tempo de raciocinar. Um soco me acertou e senti uma dor no meu rosto. *Droga!* O outro idiota tinha revidado enquanto o irmão da Gabi estava caído no chão.

Senti um líquido quente escorrendo no meu rosto e uma mão me segurando.

- Marc!!! Vem, vamos. – Era a Maia me chamando. Ela estava trêmula e nervosa. Acompanhei levando minha mão para o

olho e vendo que o líquido quente era sangue. Merda, não parava de sangrar.

Entrei do lado do passageiro. Procurei alguma coisa para estancar o sangramento e não encontrei, tirei minha camiseta e pressionei sobre a ferida. A Maia ligou o carro dando ré e saindo do estacionamento. Os idiotas não estavam mais lá.

- Sério, você poderia ter ignorado. – A Maia dizia apertando o volante tão forte que os nós dos seus dedos estavam brancos.

- Não, não podia! – Respondi sendo sincero pressionando meu maxilar.

Eu estava furioso. Com vontade de dar meia volta e confrontar aquele idiota. Já tinha me encarado outras vezes querendo briga, mas tinha ignorado todas elas. Quer me chamar de frouxo, de corno, seja lá o que for, me chama. Mas desrespeitar a Maia, eu não iria permitir, ainda mais com palavras baixas.

Senti meu olho inchar e estava doendo para cacete.

A Maia parou o carro na frente da sua casa e disse.

- Vem. Preciso ver se você não vai precisar levar ponto.

Ponto? Droga.

Subimos as escadas. Ela me fez sentar na privada enquanto pegava uma caixa de primeiros socorros embaixo da pia do banheiro.

Abriu a caixa sobre a bancada e analisou o conteúdo por alguns segundos.

- Ok! – Ela disse respirando fundo. – Ok!!!

Deixei minha camiseta ensanguentada sobre a bancada da pia.

Com um uns três gases, ela pressionou a ferida.

- Cacete. – Isso doía. De forma automática eu subi minhas mãos até sua cintura apertando de leve.

- Desculpa. – Ela disse com a voz trêmula.

Pareceu uma eternidade até finalmente ela parar de pressionar a ferida.

Minha mão permanecia no mesmo lugar. Ela molhou uma gaze limpa em algum líquido e disse.

- Vai arder.

E antes que eu falasse qualquer coisa ela passou o mais delicado possível a gaze sobre a ferida e cacete, ardeu muito. Eu fiz uma careta e me controlei para não gritar.

- Desculpa. – Ela repetia. – Se isso te ajuda, você não vai precisar levar nenhum ponto.

Concordei com a cabeça. Ela mexeu mais uma vez na caixa sobre a bancada e pegou uma espécie de spray e espirrou no machucado.

Estava preparado para a dor que não veio.

- Esse aqui é antisséptico, dá uma leve anestesiada.

Quando finalmente a dor diminuiu, senti seu dedo passando alguma coisa gelatinosa bem devagar pela ferida.

Encarei a Maia, analisando cada movimento. Ela tinha um leve hálito de cerveja e cigarro. Seus cílios compridos permaneciam imóveis, concentrado em cada movimento do seu dedo. Ela tirou a atenção da minha ferida e me olhou nos olhos. Apertei um pouco mais minhas mãos sobre a sua cintura. Nossos olhos não se desviaram nem por um segundo, senti uma eletricidade no ambiente, o ar ficou pesado. Meus olhos passeavam pelo seu rosto, sua boca levemente aberta. Ela fazia o mesmo. Me encarava e demorava o olhar na minha boca. Isso era um sim. Definitivamente isso era um sim. Eu estava quase a puxando para mais perto de mim levando uma das mãos até seu rosto, mas o barulho de passos na escada rompeu qualquer contato que estava prestes a acontecer.

Automaticamente soltei minha mão da sua cintura.

- Maia? – Era a voz do Dr. Paulo.

Droga! Eu estava sem camisa.

- Aqui pai! – Ela disse se afastando e olhando na direção da porta.

- O que aconteceu? – Ele perguntou analisando a cena. Se aproximou e me encarou por um momento.

- Uns idiotas. É isso que aconteceu. – A Maia disse sem grandes explicações.

O olhar do Dr. Paulo passou de mim para a Maia e depois se aproximou olhando a ferida mais de perto.

- Você higienizou? Passou pomada? Antisséptico?

- Sim! – Ela disse.

Ele mexeu na caixa ao seu lado, pegou alguma coisa e depois apontou uma luz em cada olho.

- Tudo certo. – Ele disse. – O tal do idiota usava anel! Pelo corte… Maia, lá na cozinha tem um anti-inflamatório. Antes de ir embora, toma um. – Disse me olhando.

Se despediu e saiu do quarto.

A Maia começou a guardar as coisas de volta na caixa e mesmo tentando esconder com a cabeça baixa, eu pude ver pequenas lágrimas escorrendo pela sua bochecha.

Eu não sabia se deveria, mas segui meu instinto.

Segurei seu pulso a fazendo parar. Ainda de cabeça baixa, eu levei uma das mãos até seu queixo fazendo ela olhar para mim.

Enxuguei com os dedos sua bochecha, ela fechou os olhos e eu encarei seu rosto por alguns segundos e puxei ela para um abraço.

Ela não se afastou.

Me abraçou de volta enfiando seu rosto entre o meu peito. Passei os dedos entre seu cabelo enquanto meu outro braço a envolvia em um abraço.

Estava com o maxilar trincado, respirando fundo porque a raiva me consumia. Esse era o tipo de perseguição que a Gabi fazia com ela na escola? Eu queria perguntar, queria muito, mas não achei o momento apropriado e apenas continuei em silêncio.

De repente, ela rompeu o contato se afastando. Enxugou as lágrimas e disse.

- Vem, vou te dar o comprimido.

Se virou e desceu as escadas.

Eu a acompanhei um pouco atordoado.

9
Maia

Eu me sentia ridícula. Extremamente ridícula. Me concentrava para não chorar mais do que já tinha feito.

Por sorte antes de descer o Marc se lembrou de vestir sua camiseta ensanguentada. Se ele ficasse mais cinco minutos sem, talvez eu não conseguisse mais me controlar. Caramba, mesmo no meio de tanto sangue meu cérebro conseguiu captar cada pedaço do seu peito e quando ele me abraçou senti seu perfume sem nenhum tecido nos separando.

Ele fazia algum tipo de exercício? Não imaginava que existiam gominhos por baixo da sua camisa.

Entreguei o comprido para o Marc que tomou sem reclamar.

Eu não sei por que ele revidou. Provavelmente pela ofensa dirigida a ele. Eu conhecia suficiente o babaca do Aldo para saber o tipo de provocação que ele estava acostumado a soltar. Sério, continuava o mesmo idiota de antes. Me surpreendeu a Gabi não estar junto. Senti falta dela me provocando, como nos velhos tempos. Será que o Marc tinha consciência de quem realmente era a Gabi? Duvido muito que ela iria me provocar na frente dele. Não iria sujar sua imagem de menina boazinha.

Eu sabia que não deveria sair hoje.

Imaginava que alguma provocação iria rolar depois de ver o modo como a Gabi me encarava no outro dia. Sabia quando vi o irmão dela no estacionamento. Sabia como alguns tipos de pessoas eram babacas. Mesmo passando tanto tempo, ainda precisava lidar com a infantilidade de algumas delas.

Para piorar, pelo que o Aldo disse, bem provável de acharem que eu e o Marc estávamos tendo algum tipo de relacionamento mais do que amizade.

Eu imaginava que isso iria acontecer.

Cidade pequena, nós dois juntos em um sábado à noite comprando hambúrguer e eu vestido seu moletom? Fala sério. Até eu acharia isso.

Se eu precisava de um sinal para ter certeza de que, mais do que amizade, ou até mesmo amizade, era um erro com o Marc, eu recebi esse sinal hoje, depois de ver ele sangrando no meu banheiro, e o problema era que eu tinha certeza que se meu pai não tivesse chegado a gente teria se beijado. Sério, o Marc sem camisa me desestabilizou totalmente. Até onde o beijo iria se tivesse acontecido? Eu queria me afastar e eu queria o beijar. Por que eu não conseguia decidir isso e tomar uma atitude?

O que você tinha na cabeça Maia?

Permaneci calada. Seu olho estava inchado e não ia demorar muito para ficar roxo. Desviei meu olhar por um segundo encarando a minha mão sobre a bancada e respirei fundo.

Eu deveria agradecer ao Marc por ter me protegido! Minha cabeça estava toda bagunçada e eu precisava ficar sozinha. Eu estava sensível e confusa e tenho certeza de que se ele se aproximasse eu não iria pensar direito e acabaria o beijando.

- Marc, acho melhor você ir! – Eu disse tentando não soar ríspida.

- Maia… - Ele disse respirando fundo. – Era com esse tipo de provocação que você tinha que lidar? – Ele perguntou.

- Tinha? – Questionei dando uma risada irônica. – Marc. Realmente acho melhor você ir.

- Tudo bem. – Ele disse um pouco sem jeito.

Levei ele até a porta.

Ele ia dizer alguma coisa, mas parou, me olhou por um segundo e se virou entrando no carro.

Respirei fundo e fui direto conversar com o meu pai, porque sabia que ele iria querer mais explicações.

*

Eu tinha acabado de terminar de revisar o contrato da Julia.

Queria me encontrar com ela para explicar alguns pontos.

Ir até a casa do Marc me deixou um pouco nervosa, mas precisava ser feito.

Depois da noite de ontem, ele não tinha me mandado nenhuma mensagem, mas eu entendo por que fui um pouco grossa. Talvez no lugar dele eu faria o mesmo. Desbloqueei o celular e escrevi para ele.

Maia diz: Finalmente terminei de revisar o contrato da sua mãe. Será que eu consigo passar hoje para conversar com ela?

Marc diz: Claro! Ela vai estar aqui o dia todo, pode passar quando quiser.

Maia diz: Aviso quando for sair.

Bloqueei a tela e fui tomar um banho.

Estacionei na frente da casa do Marc e fiquei por alguns segundos observando a faixada.

Assim como eu, ele também morava em condomínio e imagino que já estava me esperando porque a portaria deveria ter avisado que eu cheguei.

Sai do carro com o documento na mão e respirei fundo me acalmando.

Levei minha mão até a campainha e antes que conseguisse apertar a porta se abriu.

- Oi… - Disse abaixando a mão.

O olho dele estava roxo e inchado. Senti uma pontada no estômago ao ver, respirei fundo e disse.

- Oi!!! – Ele me respondeu um pouco inseguro. – Entra ai!!! – E me deu passagem.

Entrei na casa.

A primeira coisa que vi foi um aparador com algumas fotos e um vaso com flor.

- Minha mãe está na cozinha. Vem aqui. – Ele disse andando e eu o acompanhei.

Quando entrei na cozinha, a Júlia estava sentada na mesa mexendo no computador.

- Maia!!! – Ela disse quando me viu. Se levantou e me cumprimentou.

- Finalmente terminei de revisar. – Disse sacudindo o contrato no ar.

- Ah querida! Senta-se aqui…

Nos sentamos um do lado da outra.

O Marc permaneceu quieto e quando comecei a revisar o contrato com a sua mãe ele saiu da cozinha.

Relaxei e me concentrei.

Quando finalmente terminei com a Júlia, fiquei sem saber o que fazer.

- Ah, provavelmente o Marc está no quarto. É só pegar o corredor e parar na última porta. – Ela me disse de forma aleatória.

Não sabia ao certo se eu queria ver o Marc. Na verdade, sim, eu queria. Mas tudo tinha ficado um pouco confuso e não eu sabia o que dizer.

Mesmo assim, caminhei pelo corredor e ao me aproximar da porta, escutei o som do violão do lado de fora.

Discretamente, eu avancei e parei na porta que está quase fechada. Empurrei com a mão bem devagar, ele não percebeu minha presença. Tocava de forma concentrada. O analisei por alguns segundos e demorei meu olhar nele. Por que precisava ser tão complicado? Por que eu tinha esse conflito dentro de mim? Eu estava gostando dele, precisava admitir para mim mesmo.

Ao trocar o peso do meu corpo para a outra perna, sem querer eu encostei na porta fazendo barulho e isso chamou sua atenção. Ele parou de tocar e olhou na minha direção.

- Não quis te atrapalhar. – Disse me desculpando.

- Não atrapalhou. – Ele me respondeu com um meio sorriso ficando com a postura ereta e jogando seu cabelo para traz.

Entrei devagar no quarto e parei próximo a sua escrivaninha.

- Qual era a música? – Perguntei por que não conhecia.

- Você conhece a banda Queensryche? – Ele me perguntou ajeitando o violão.

- Quase certeza que não… - Respondi. Talvez já tenha escutado alguma música, mas de nome não lembrava de nada.

- Era uma música dessa banda. Silent lucidity é o nome da música.

- Toca aí… - Eu sugeri sorrindo. – Você já meu viu tocando uma vez, nada mais justo… - Brinquei.

Ele sorriu sem mostrar os dentes e concordou com a cabeça.

Enquanto a melodia preenchia o ambiente, eu o observei por alguns segundos e depois me aproximei da sua escrivaninha analisando.

Era organizada comparada com a do Guga. Junto com seu notebook ficava uma caneca com algumas canetas, um bloco de anotação e um livro, que imagino que fosse a sua leitura atual.

Analisei a prateleira de cima, mais livros e um porta retrato que me chamou atenção.

Nele, estava sua mãe, irmã, ele é um cara que eu imaginava ser seu pai. Sem pensar eu peguei e trouxe para mais perto. A música parou. Me virei ainda com o porta-retrato na mão.

- É seu pai? – Perguntei um pouco insegura.

- É sim! É no aniversário da Yara do ano passado. Minha mãe revelou e colocou aí. - Deu de ombros.

Sorri e voltei a analisar a foto.

- Você lembra um pouco ele. – Comentei.

Ele não respondeu nada.

Ele me encarava.

Coloquei o porta-retrato no lugar. Um pouco sem jeito eu me aproximei e me sentei ao seu lado, na cama.

Eu sabia que precisa me desculpar. Eu fui grossa com ele porque estava nervosa e isso foi errado.

- Você chegou a colocar gelo no seu olho? – Perguntei.

- Acabei esquecendo. – Ele me respondeu colocando o violão sobre a cama.

- Tenta colocar, vai ajudar bastante. Está doendo?

- Só quando eu encosto.

Concordei com cabeça. Fiz um gesto com a mão para ele me passar o violão.

Quando me entregou eu o ajeitei no meu colo e disse.

- Como eu já te disse antes, eu não sou lá essas coisas.

Sem dizer nada, eu me ajeitei, mordi minha boca por dentro e comecei a tocar encarado meus dedos.

Toquei a primeira música que eu aprendi no violão, something in the way do Nirvana.

Senti seus olhos me observando e dessa vez não fiquei nervosa como da outra.

Incrivelmente eu ainda lembrava de tudo e consegui tocar até o final.

Quando o som parou, eu olhei para ele, que como eu imaginava estava me encarando, deixei o violão de lado.

- Você toca bem. – Ele comentou. Fiz uma careta e sorri. – Você fez aula?

- Aprendi com o Guga. – Respondi me ajeitando na cama. – Nunca pratiquei muito igual foi com o piano. Essa foi a primeira música que eu aprendi. Sabe, eu gosto bastante das bandas grunge. – Comentei.

- Tem bandas muito boas… - Ele me respondeu.

Aproveitei o silêncio e disse.

- Sabe Marc, eu queria me desculpar por ontem. Eu fui um pouco grossa, eu sei que fui e você não merecia… é só que… - Antes de terminar ele me interrompeu.

- Tudo bem Maia.

- Não… sério… - Eu respondi. Coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e respirei fundo fechando meus olhos. Quando abri, reuni minha coragem e continuei. – Eu só não achava que iria precisar lidar com isso, sabe, depois de tanto tempo.

Ele encarou as próprias mãos e depois me olhou sem dizer nada. Aproveitei e continuei.

- Marc, você sabe sobre a minha mãe? – Perguntei.

Eu não sabia o que o Marc sobre a vida do meu irmão. Os dois eram amigos, mas sabia que o Guga era bastante fechado e nunca perguntei para ele com quem ele dividia essa história.

- Não… - Ele disse baixo. – Só sei que vocês cresceram com o seu pai e que sua mãe não mora na cidade.

Ok! Ele não sabe de nada. Eu não queria entrar nesse assunto porque era cansativo, por outro lado, eu precisava entrar nesse

assunto para deixar as coisas um pouco mais claras. Ele apanhou ontem me defendendo de uma coisa que ele nem sabe.

Tirei meu tênis, cruzei as pernas em cima da cama e de frente para ele eu disse.

- Minha mãe decidiu nos abandonar quando eu tinha sete anos. – Encarei minha mão com a testa franzida. – Isso empacotou para mim de um jeito diferente do que impactou para o Guga. Ele era mais velho, lembrava mais da minha mãe. Eu não sei o que é ter uma mãe Marc, e sabe o que é mais triste? Que eu nunca vou saber. – Olhei pra ele e dei um sorriso triste. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa eu continuei. – Eu fui criada pelo meu avô por parte de pai. Eu nunca conheci a minha avó porque ela morreu antes do Guga nascer. Toda a família da minha mãe é do Sul, eu não conheço ninguém. Meu pai sempre trabalhou bastante, ainda mais quando a minha mãe nos abandonou. Meu avô cuidava de mim e do Guga ajudando meu pai. Acontece que eu nunca tive influência feminina na minha vida. Cresci cercada por três homens. Meu avô pouco se importava se eu usava roupas largas, na maioria das vezes, eu e o Guga nós vestíamos iguais. Eu ia para a escola parecendo um menino, a cidade é pequena e as pessoas sabiam sobre a minha mãe. As professoras geralmente olhavam com cara de pena. Eu tive uma colega de classe até os onze anos, ela mudou de cidade e eu acabei ficando praticamente sozinha se não fosse pelo irmão no intervalo das aulas. As roupas masculinas incomodavam as pessoas. Eu não ligava muito na verdade, até antes dos onze anos. Depois disso a Gabi… - Respirei fundo e continuei. – Ela sentia prazer em me provocar só porque eu me vestia assim. Eu sempre ignorei. Eu sempre fui mais fechada, as vezes conversava com meu irmão que me dava alguns conselhos. De qualquer forma, eu me mantinha sempre concentrada nos estudos. O intervalo era um horário tranquilo porque ficava com o meu irmão e alguns dos seus amigos. Quando chegava em casa me distraia com meu avô que me ensinava a tocar piano. – Parei, cocei minhas sobrancelhas e olhei para o Marc que me analisava com a testa franzida. – Acontece que quando eu completei treze anos meu avô fiou doente e acabou morrendo. Meu pai sempre trabalhou muito para manter a casa, ele até diminuiu um pouco a rotina, mas

conforme a gente foi crescendo ele voltou a trabalhar mais. Quando o Guga saiu da escola, as provocações aumentaram porque agora eu ficava sozinha no intervalo. Em um certo dia, a Gabi acabou passando do limite. Normalmente eu não contava em casa sobre o que acontecia na escola, mas nesse dia não teve como. Depois disso eu mudei de escola, fui estudar fora da cidade e as coisas finalmente melhoraram. Depois eu fui pra faculdade e quando voltava pro interior mal saia, acreditei que não iria mais precisar receber ofensas até ontem. Eu não sei se, isso aconteceu por sabe, eu estar com você. Não estou te culpando, quero que você saiba disso. Mas, ela me viu com você e talvez sei lá, ela ainda te ame!? Tenha sentido ciúmes... – Dei de ombros me enrolando nas palavras.

- Eu não sabia Maia. – Ele disse com a voz baixa.

Dei um sorriso triste e respondi.

- Eu sei. – O encarei. – Essa música, que eu toquei… embora seja um pouco deprimente e triste, me ajudou bastante na época. Sabe, sempre acreditei que existia algo no meio do caminho, que as coisas não deveriam ser para sempre tão ruins assim. E de fato, não são. Eu só queria que você soubesse que ontem, alguns sentimentos ressurgiram e eu não lidei muito bem e acabei descontando em você. Quando isso só me afetava era uma coisa, mas seu olho roxo Marc…

- Meu olho roxo!?

- Seu olho roxo me deixa triste. Se você não estivesse comigo isso não teria acontecido.

Ele se ajeitou na cama e ficou um pouco mais próximo de mim.

- Não é culpa sua Maia.

Eu contei o suficiente para o Marc, talvez me tenha me aberto até demais. Me senti um pouco mais leve, ele merecia saber o porquê das ofensas. Ele merecia saber uma parte, fui transparente e caso ele quisesse se afastar eu iria entender e se caso isso fosse continuar, eu sabia precisava contar a parte complicada da história.

- De qualquer forma, eu queria que você soubesse.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. O ar ficou pesado e eu daria tudo para ler a mente do Marc.

Passos no corredor chamou a nossa atenção.

A Júlia apareceu colocando a cabeça para dentro do quarto e dizendo.

- Vou pedir pizza. Maia, você fica para a janta?

Me levantei da cama e aproveitei a brecha.

- Na verdade eu já estou indo embora, combinei de jantar com meu pai e estou atrasada. – Disse me desculpando.

O Marc não acreditou muito na minha mentia, mas não contestou. Se levantando ele disse.

- Eu te levo até a porta.

Concordei com a cabeça.

- Que pena! Vamos combinar um jantar qualquer dia então. Ta? – A Julia disse.

- Sim. – Respondi.

A noite estava fresca. Mesmo fora de época o vento estava gelado.

Com as mãos no bolso, parado em frente à porta o Marc me disse.

- Sábado ainda está de pé?

- Sim. – Respondi tentando parecer animada. – E por favor, promete que você vai colocar gelo nesse olho?

- Prometo.

Sorri, ele sorriu de volta e eu me afastei entrando no carro.

*

Nada como o tempo para amenizar nossas emoções. Durante a semana me concentrei totalmente no trabalho e organizei meus pensamentos no tempo livre.

A imagem do rosto ensanguentado misturada com ele sem camisa e o quase beijo ainda era presente. Tinha aceitado o convite para ir à festinha da empresa e permaneci com o combinado. Não seria justo pular fora, além do mais, me sentia em dívida por ele ter me defendido.

Quando foi nove da manhã, o Marc me buscou em casa.

O dia estava fresco e eu vestida uma legging, camiseta larga e um tênis confortável. Fiz uma trança e me senti pronta para a guerra.

Entrei no carro e o cumprimentei tentando parecer mais animada do que realmente estava. No começo o clima ainda estava um pouco estranho. Depois da nossa conversa ele não me mandou mensagem e nem eu mandei para ele. Não sei o que ele estava pensando em relação a mim, acho que o fato de ele não cancelar hoje é um bom sinal.

- Como é o pessoal do seu trabalho? Alguém extremamente mala que eu precise manter distância? – Disse olhando na sua direção.

Concentrado no caminho, eu o vi sorrir e me responder.

- Sempre tem um mala e geralmente é o primeiro que confirma. Mas, pode deixar que eu te salvo. – E olhou na minha direção.

O olho dele ainda apresentava um leve tom amarelado. Meu estomago retorceu ao lembrar da cena e eu tentei conter uma careta.

Assim que o Marc estacionou o carro, eu abaixei o quebra-sol e comecei a passar protetor no rosto.

- Ei, você passou protetor no rosto? – Perguntei sem tirar a minha atenção do espelho.

- Não.

Ele estava encostado no banco, sentado de lado me observando.

- Quer passar? – Sugeri apontando o frasco na sua direção.

- Não tenho habilidade para isso. – E sorriu.

O sol estava começando a aparecer com força total e levar um tostão não parecia uma boa ideia.

- Er, qual é Marc. Vem aqui que eu passo. Rapidinho.

- Tudo bem.

Me virei ficando de frente para ele e me aproximei.

Despejei a quantidade suficiente de protetor nos dedos e apliquei delicadamente sobre seu rosto. Com uma das mãos eu afastei seu cabelo que insistia invadir seu rosto e com a outra eu fui

espalhando o produto. Quando cheguei perto do olho machucado eu tomei cuidado para não doer.

- Não está mais doendo. – Ele disse se referindo ao olho.

Eu estava acostumada a passar protetor no meu irmão.

Não via nada de íntimo no gesto até aquele momento.

Senti minha respiração falhar e me concentrei em terminar o mais rápido possível.

Os olhos do Marc não desgrudavam de mim e eu evitei o encarar.

- Prontinho. – Disse meio sem jeito tampando a embalagem e guardando na bolsa. – Sem rosto vermelho agora. – E sorri olhando para ele.

- Obrigado. – Ele respondeu com um sorriso torto. – Ok! Hora do social.

Aparentemente, o pessoal do trabalho dele adorava se atrasar. O lugar do paintball evoluiu muito com o tempo, eu tinha reparado da última vez. Eles fizeram uma espécie de miniparque. Tinha restaurante, área de jogo, uma minipista de kart e até um carrossel.

Quando todos chegaram, respirei aliviada por não conhecer ninguém.

Estávamos definindo as equipes. Uma das colegas de trabalho do Marc, um ou dois anos mais velha do que eu, não parava de querer chamar a atenção. Fazia questão de mostrar quem era a líder. Não fui com a cara dela de primeira e acho que nem ela gostou de mim.

Com as equipes definidas, fomos vestir nossa roupa de proteção.

- Não vai apresentar sua amiga Marc? – A menina se aproximou enquanto eu vestia minha joelheira.

- Oi Bruna. – Ele disse fazendo um aceno de cabeça, ela se aproximou e cumprimentou com um beijo pousando a mão sobre seu braço. Desviei o olhar para o meu tênis e fingi amarrar o cadarço. – Essa é a Maia. Maia, essa é a Bruna.

Olhei na sua direção, ela me olhava com um risinho no rosto e eu disse.

- Prazer. - Levantei me ajeitando e ela respondeu.

- Bom, a gente se vê, sabe... – E fez um gesto de arma com a mão.

Dei um sorriso forçado e não disse nada.

O Marc também ficou em silêncio e ela se afastou ainda sorrindo.

Não tinha como negar. Ela era bonita. Com pernas cumpridas e loira. Parecia uma modelo.

- Vamos!? – Disse para o Marc.

- Vamos!

A Bruna era agressiva. Se a Renata estivesse aqui ela iria mudar a perspectiva sobre a forma como eu jogava. Não era boa de mira, mas quando acertava, fazia questão de atirar no mínimo cinco vezes, como se fosse preciso. As vítimas sempre saiam reclamando, exceto o Marc que, quando foi atingido por ela, recebeu um tiro só.

Interessante. Pensei.

Por sorte eu fui eliminada por um cara nerd que deveria ser especialista em jogos online. Ele comemorou quando me acertou. Caminhando até a saída eu senti um tiro na minha panturrilha. *Caralho!* Quis gritar. Será que não dava para perceber que eu já tinha sido eliminada?! Não olhei de onde o tiro veio, ignorei e me juntei ao Marc que estava sentado bebendo água.

- Quem te eliminou? – Ele perguntou me oferecendo água. Aceitei e respondi.

- Um nerd aí. – Procurei por ele e apontei mostrando para o Marc quem era.

- O Junior. Ele é nerd mesmo. Quantos tiros?

- Dele? Um só. Mas na saída recebi um na minha panturrilha. Não vi de onde veio. – Dei de ombros. – E você?

- Um.

- Quem te eliminou? – Perguntei mesmo sabendo a resposta.

- A Bruna.

- Sério? E você recebeu um tiro só? As outras vítimas dela receberam no mínimo cinco. – Encostei na cadeira cruzando os braços.

- Talvez ela estivesse com pouca munição. – Deu de ombros.

- Talvez. – Respondi pensativa.

Não foi surpresa nenhuma. A equipe da Bruna ganhou e ela entrou no restaurante sorridente e se achando mais do que o normal.

Conhecia meninas como a Bruna. Precisei lidar com elas a minha vida toda. Na escola, na faculdade e até mesmo no trabalho. Sempre querendo ser o centro das atenções. A melhor resposta para esse tipo de comportamento era ignorar.

O almoço aconteceu de forma tranquila. Algumas pessoas aproveitaram o tempo livre antes da outra partida para se aventurar no kart.

O Junior, bonitinho com o cabelo ruivo, porém nerd demais para o meu gosto, sentou-se ao meu lado e se desculpou pelo tiro. Aparentemente, ele era dessas pessoas super corretas e mala, porque não parou de me alugar com assuntos aleatórios. Enquanto ele falava, o Marc permaneceu em silêncio com a testa franzida e braços cruzados sobre o peito e as vezes soltava um riso forçado dependendo do que o Júnior dizia! Ele tinha mania de conversar encostando a mão em mim e eu detestava isso!

- Você trabalha com o que Maia? – O Junior perguntou.

- Sou advogada. – Respondi.

- Que bacana, minha tia também é. Talvez você a conheça.

- Duvido muito. Eu não trabalho na cidade.

- Mas você é daqui?

- Sim. Mas trabalho em São Paulo.

- Bacana!!! Depois me passa seu telefone, sempre bom conhecer advogados. – E sorriu como se fosse uma piada engraçada.

- Vou no banheiro, já volto. – O Marc disse parecendo irritado levantando-se de forma brusca.

Observei se afastar e o Junior voltou a falar.

Depois de mostrar foto de todos os animais de estimação, incluindo uma galinha, que morava no sítio do seu avô, ele continuava falando tanto que eu só concordava com a cabeça soltando um “legal” no meio de cada frase. Desvie meus olhos por um momento e vi a Bruna conversando próxima demais do Marc. Ele estava de lado, eu conseguia analisar seu perfil – perfeito

demais – de onde eu estava. Ela sorria enquanto sua mão pousava sobre seu braço e disse alguma coisa no seu ouvido. Senti uma raiva percorrer meu corpo e meu rosto esquentar, não conseguia desviar meu olhar da cena.

Que sentimento é esse Maia? Respirei fundo oxigenando meu cérebro.

Ao meu lado o Junior me chamava.

- Maia? Tá tudo bem? – Ele olhava interrogativo.

- Sim... Sim. – Disse pausadamente. – Desculpa, viajei aqui. O que você disse?

- Estava perguntando se você tem algum animal de estimação...

- Ah, não. Não tenho. Sempre quis um gatinho, mas nunca adotei nenhum.

O Marc se aproximou sentando-se na nossa frente. Não olhei para ele porque ainda sentia um pouco de raiva.

Eu sabia que era ridículo. Sentir ciúmes do Marc. As coisas entre a gente eram confusas.

Tentei recuperar o pouco humor que tinha sobrado e tentei focar no jogo que estava prestes a começar.

O meu foco principal era a Bruna. Eu não queria levar cinco tiros e ficar toda roxa e aposto que todo mundo iria me agradecer quando ela saísse.

Atras de um feno, me recuperando, eu respirava fundo me concentrando. O Marc se aproximou e se sentou ao meu lado.

- Quem você pretende eliminar? – Ele me perguntou.

- Ainda não sei. Talvez o Junior. – Menti. – E você?

- Ninguém específico. O primeiro que aparecer. – Concordei com a cabeça.

Me ajeitando para me levantar, um tiro quase me acerta acima do meu ombro. O que era extremamente proibido. Assim como eu, o Marc se assustou e antes que outro me acertasse ele me puxou para perto dele me protegendo e mais três tiros atingiram o feno ao meu lado. Me virei na direção de onde os tiros vinham e lá estava, uma cabeça loira mirando na nossa direção.

- É a Bruna. – Eu disse.

Isso explicava o fato de os tiros terem parado.

O Marc estava totalmente me dando cobertura e, mesmo ele sendo da minha equipe, o foco era eu.

Ela pareceu irritada e saiu correndo sumindo de vista.

O sol estava forte e eu estava começando a ficar esgotada. Jogar com um grupo pequeno era uma coisa, mas com grupo grande era mais cansativo, especialmente quando tinha uma Bruna que levava a rivalidade a sério.

Uma sequência de tiros começou, duas pessoas do meu time foram eliminadas e precisei sair de onde estava me escondendo. Eu senti, um, dois tiros me atingirem, no terceiro eu parei de contar. A maioria deles me atingiram onde a regra não permitia e ficavam cada vez mais próximos. Sai correndo procurando um abrigo. Perto de uma rampa, eu senti o impacto de alguém esbarrando em mim e quando vi estava no chão.

Droga.

Cai feito saco de batatas e senti uma dor absurda no meu tornozelo.

O jogo parou. Com a maior cara de sínica a Bruna se aproximou desculpando-se.

- Desculpa Maria. Não consegui parar de correr.

Me segurei para não acertar um tiro bem no meio na testa dela.

- É Maia. – Eu disse respirando fundo e jogando a minha arma para o lado.

Meu tornozelo latejava e quando fiz movimento para me levantar parecia que uma faca tinha atravessado a minha pele.

Voltei a me sentar e comecei a me livrar do capacete e joelheira. O Marc se aproximou e agachou do meu lado.

- Tudo bem Maia? – Ele disse me analisando. – Qual o seu problema Bruna? – Ele disse a encarando.

Ela fez uma cara sem graça e tentou se explicar gaguejando.

Minha mão estava ralada, comecei a sentir dor em todas as partes do meu corpo e segurei lágrimas que ameaçavam aparecer.

- Meu tornozelo. – Eu disse. – Não consigo ficar de pé.

Ele levou a mão até meu tornozelo e pressionou de leve. Mesmo de forma delicada eu senti a dor me atingir com mais força e emiti um gemido.

- Acho melhor te levar no hospital. – Ele disse me olhando e quando menos percebi senti sua mão na minha cintura me levantando.

No carro, eu me ajeitei no banco e o Marc deu partida ligando o ar-condicionado.

- Vou tentar ligar para o meu pai. – Eu anunciei.

Com uma expressão séria, ao meu lado, sua testa franzida o Marc dirigia apertando forte o volante.

- Eu não acho que tenha quebrado nem nada do tipo. – Disse tentando afastar a minha dor.

Ele permanecia quieto ao meu lado.

- Marc!? – Eu disse tentando chamar sua atenção.

- Oi... Desculpa... – Ele disse ainda com a testa franzida. Seu peito subia e descia de forma rápida. – O que você disse?

- Que eu acho que não quebrou. Meu tornozelo.

Ele concordou com a cabeça e apoiou sua mão sobre meu joelho.

Esse gesto me deixou confusa. Ele já tinha feito isso no pub da última vez, mas acreditei que não fosse nada demais. Mas dessa vez, eu senti alguma coisa que não sabia explicar.

Meu pai não me atendia. Estava com dor em todas as partes do meu corpo. Minha mão ralada começava a arder. Estacionamos na frente do hospital e o Marc me ajudou a descer do carro. Não conseguia apoiar meu pé no chão e a dor continuava forte.

Quando o ortopedista me chamou eu não acreditei quem era!!! O Henrique, filho do Dr. Tadeu!

- Maia? Não acredito!!!! – Ele disse me cumprimentando com um abraço. – Quanto tempo.

- Muito tempo. – Eu respondi surpresa.

Me sentei na maca. Parecia que eu tinha voltado de uma guerra. Estava toda suja de tinta rosa, mãos raladas e mancando.

- Vamos ver o que temos aqui!!! – Olhando a prancheta na sua frente disse – Tornozelo né? - A mão dele, um pouco gelada, foi até meu tornozelo.

Ele massageou de leve a área que agora estava vermelha e inchada me fazendo reclamar de dor.

- Faz tempo que você está trabalhando aqui? Pensei que estivesse morando no sul. – Disse para tentar afastar a dor.

Quando era mais nova, meu pai era muito próximo do Dr. Tadeu, vira e mexe, nas festas de amigos, eu encontrava o Henrique. No final, eu acabei terminando meu ensino médio na mesma escola que ele e nos tornamos mais amigos. Depois seguimos caminhos bem diferentes, especialmente porque ele fez faculdade no Sul e a gente acabou perdendo contato.

- Não, faz duas semanas! Decidi voltar e passar um tempo aqui! – Ele sorriu. - E você? Passando férias aqui?

- Mais ou menos. Ainda continuo trabalhando em São Paulo, mas consigo fazer grande parte do trabalho de casa.

- Isso é bom. Passar mais tempo com a família. – E sorriu.

Concordei com a cabeça tentando aguentar a dor enquanto seus dedos ainda massageavam minha pele vermelha.

No fundo da sala, o Marc pigarreou chamando nossa atenção.

- Como conseguiu esse tornozelo inchado eim? – Ele me perguntou ainda massageando a área e ignorando o Marc ao fundo.

- Escorreguei jogando paintball. – Disse sem muitas explicações.

- Pelo visto você continua aventureira!!! – Ele disse subindo a mão um pouco mais acima analisando. – E essa mão?

Mostrei a palma da minha mão que estava vermelha e suja, misturando sangue com areia.

- Vou limpar. – Ele disse se afastando pegando soro e gases.

O Henrique limpava a ferida de forma delicada. Entre uma esfregada e outra eu reclamada de dor. No fundo da sala eu escutava o Marc se movimentando de forma impaciente. Não olhei na sua direção.

- E então, o que pode ser? – Escutei a voz entrecortada do Marc que se aproximou parando do meu lado. – Está quebrado?

Com a testa ainda franzida ele encarava o Henrique que terminou de limpar a ferida, jogou os gases no lixo, colocou a mão no bolso do jaleco e disse calmamente.

- Provavelmente só uma luxação, mas vou pedir um raio x para ter certeza.

De uma forma quase primitiva, o Marc concordou com a cabeça ainda encarando o Henrique. Senti uma eletricidade percorrer meu corpo.

Ele estava com ciúmes de mim?

A porta se abriu e meu pai entrou com tudo na sala fazendo todo mundo se assustar.

- Maia, o que aconteceu?

Seu rosto exibia uma expressão de preocupação, ele olhou por um momento para o Marc e depois se voltou para mim.

- Estava jogando paintball, escorreguei e torci meu tornozelo.

Ele se aproximou e apalpou como o Henrique tinha feito me fazendo reclamar de dor de novo.

- Dr. Paulo, provavelmente é só uma luxação, mas vou fazer raio x mesmo assim. – O Henrique disse enquanto preenchia alguma coisa no papel.

Meu pai assentiu com a cabeça e os dois saíram da sala.

Depois do raio x, fiquei aguardando na mesma sala com o Marc. O resultado confirmou que era só uma luxação, meu pai se despediu me deixando sozinha com o Marc.

Permaneci em silêncio.

O Marc continuava com a testa franzida pensativo. Não sabia definir se ele estava nervoso, irritado, bravo ou tudo junto.

- Tudo bem? – Eu perguntei.

- Não. Lógico que não. Olha seu tornozelo. – Ele disse irritado. – Desculpa, eu só estou… - Massageou a testa e disse - estou puto da vida.

Não disse nada. Encarei a minha mão. O Henrique voltou na sala trazendo uma bota ortopédica. Me explicou como colocar e tirar na hora do banho. Depois disso aplicou uma injeção para dor e inflamação e me liberou.

- Obrigada. – Eu disse.

- Magina Maia. – Ele sorriu e piscou. – Sempre que precisar. Vamos marcar alguma coisa qualquer dia desses para colocar o assunto em dia.

- Claro!!!

Ao meu lado, escutei uma risada irritada vindo do Marc.

Não olhei na sua direção, mas senti sua mão na minha cintura me ajudando a andar.

Ele estava com uma postura tensa e assim que entrei no carro eu pude escutar sua respiração pesada ao meu lado.

- Marc, qual o seu problema? – Eu perguntei.

Ele ligou o carro e saiu da vaga.

- Nenhum. – Ele disse seco. – Eu só não deveria ter levado você hoje.

Senti uma pontada no peito e lágrimas ameaçando aparecer!

Não Maia, engole esse choro.

Fizemos o percurso até a minha casa em silêncio.

- Se você achou que eu não deveria ir hoje, por que me chamou então? – Disse o encarando assim que ele estacionou o carro na porta de casa.

- Não foi nesse sentido. Maia, não foi isso que eu quis dizer! – Ele encostou a cabeça no acento do carro fechando os olhos. - Só não queria que você se machucasse! Fiquei irritado… - Ele disse me olhando. – Desculpa.

Fiquei em silêncio por alguns segundos, precisei deixar meu orgulho de lado e pedi sua ajuda.

- Tudo bem! Você consegue me ajudar a entrar? Acho que não consigo sozinha.

- Claro.

Ele destravou e porta e saiu pulando do carro. Era a terceira vez no dia que ele segurava a minha cintura e em todas elas eu senti como se um choque tivesse percorrido meu corpo.

10
Marc

- Você precisa de ajuda para tomar banho? – Perguntei assim que entramos no seu quarto.

- Não. Acho que eu consigo sozinha. Mas se você puder me esperar sair, sabe, caso precise de ajuda. – Ela respondeu insegura.

- Lógico. Eu espero aqui.

E foi o que eu fiz. Me sentei no banco perto da janela. Escutava a água escorrendo e fui me acalmando aos poucos.

Desde a segunda, quando a Maia me contou sobre como ela era perseguida na escola, eu senti uma mistura de sentimentos. Eu estava gostando da Maia e protegê-la me parecia tão certo. Eu sei que, as chances de ela querer ficar comigo eram baixas ou nem existiam, mas eu não consegui falar não para o meu coração.

Ver ela se machucando me machucou também. Saber que não consegui protegê-la me fez sentir um inútil e eu fiquei irritado com isso.

O Junior estava de papo furado com a Maia, senti ciúmes, foi ridículo, eu sei. Depois ela se machucou e eu fiquei mais irritado ainda e para finalizar, o médico me pareceu bem íntimo dela.

A Maia não tinha consciência do quanto era bonita e de como os caras ficam caidinhos por ela.

- Marc!!! – Ela me chamou do banheiro.

Me aproximei e abri a porta devagar.

- Oi!!!

- Você pode me ajudar a colocar a bota? Minha mão está ardendo um pouco.

Me aproximei. A Maia estava vestida, com a toalha na cabeça, sentada no vaso. Me agachei e delicadamente calcei a bota na Maia que me observava e as vezes emitia um som de dor.

- Desculpa.

- Não tem problema.

Fechei a última tira da bota, me levantei e estendi minha mão para ela ter algum apoio. Ela se sentou na cama, tirou a toalha da cabeça e disse.

- Não querendo abusar, mas será que você consegue pegar o secador de cabelo na gaveta do banheiro?

- Claro.

Voltei com o secador verde, liguei na tomada e entregue pra ela.

- Ai droga. – Ela disse tentando segurar o secador.

Sua mão estava bastante ralada e provavelmente ardia quando ela fechava. Peguei o secador da sua mão e liguei secando seu cabelo. Ela não protestou.

- Para um homem, você sabe secar o cabelo direitinho. – Ela disse. – Mas faz sentido, visto que seu cabelo é comprido.

Meus dedos passeavam por entre os fios pretos e lisos.

- Nem sempre eu tive cabelo comprido. Todo inverno eu seco o cabelo da minha irmã. Ela odeia e se eu não faço isso, ela deixa molhado e acaba sempre gripada. – Me expliquei.

- Não sabia que isso vinha no combo de irmãos. Vou cobrar do Guga! – Ela sorriu.

- Não vem. É um serviço especial que eu forneço. – Sorri desligando o secador, terminei de pentear seu cabelo, agora seco, com meus dedos.

Ela apenas sorriu e me observou guardando o secador e estendendo a toalha no banheiro.

Quando voltei para o quarto, a Maia permanecia na mesma posição. Ela estava com cara de cansada e eu também estava.

- Vou te deixar descansar. – Eu disse.

Ela assentiu com a cabeça e fez um gesto que ia se levantar.

- Não precisa. – Eu disse. – Eu encosto a porta quando sair.

- Tudo bem!

Já no corredor, escuto a Maia me chamando.

- Marc! – Voltei pro quarto e olhei pra ela. – Apensar de tudo, hoje foi divertido.

Me aproximei e beijei sua testa dizendo.

- Foi. Foi sim! Obrigado por ido.

Fui embora ainda com um sorriso bobo no rosto, apesar de tudo.

*

Na segunda fui obrigado a suportar o Junior pedindo o número do celular da Maia. Fiquei na dúvida se dava, mas não tinha o direito de escolher por ela, resolvi passar. A Bruna, se me viu, fingiu que não. Agradeci por ela ter no mínimo a decência de ficar envergonhada.

Quando cheguei em casa, cansado pela noite mal dormida do dia anterior, recebi uma mensagem da Maia.

Maia diz: Não sabia que você me odiava tanto a ponto de passar meu número para o Junior. Agora sou obrigada a receber foto dos trezentos animais de estimação que ele tem. Pelo menos é bonitinho.

Excelente Marc. Palmas para você!

Marc diz: Desculpe. Ele realmente foi bem convincente e me persuadiu bem. Mas que bom que pelo menos você o acha bonito.

Maia diz: Er, não. Eu me referi aos animais de estimação.

Não pude conter um sorriso e respirar aliviado.
Marc diz: Ahhhh... Certo!
Marc diz: Como está seu tornozelo?

Maia diz: Melhor a cada dia. Sabe, até que está me sendo útil, sempre consigo um bom lugar no metrô. Se eu soubesse... Agradeça a Bruna por mim.

Senti uma leve provocação, mas acho que poderia ser paranoia da minha cabeça.

Marc diz: Improvável.

Maia diz: Não seja cruel.
Marc diz: Longe disso.

Maia diz: Você pode ser bem intimidador quando quer.

Marc diz: Eu? Duvido muito.

Maia diz: Fala sério! O Henrique me mandou mensagem perguntando se ele corria risco de vida caso me chamasse pra sair qualquer dia. Talvez você tenha assustado ele.

Senti uma raiva correr pelo meu corpo e me forcei a respirar fundo me acalmando.

Marc diz: Talvez você não devesse sair com um cara que não correria o risco por você!

Maia diz: Talvez ele só estivesse tentando ser educado ou tem muito amor pela vida, vai saber…

Marc diz: E o que você respondeu afinal?

Maia diz: Que ele não corria risco de vida. Porque, ele corre?

Ótimo! Em um dia eu arrumei dois concorrentes.

Não respondi. Eu não sou violento e lógico que não iria sair por aí batendo em ninguém, exceto o Aldo que realmente mereceu. A Maia era livre e mesmo se fosse minha namorada, ainda assim não teria o direito.

Bloqueie a tela do celular e fui direto para o chuveiro.

- Marc, esse final de semana a sua tia vai vir nos visitar. Sexta-feira combinei de jantar com ela. Não marque nada. – Minha mãe anunciou gritando da porta do meu quarto e sumiu logo em seguida.

Ótimo! Jantar em família. Era tudo o que eu não precisava.

11
Maia

Última reunião do dia! Que alívio. Eu me controlava para aguentar a coceira que estava no pé graças essa bota ortopédica que estava sendo obrigada a usar!

Enquanto o cliente fazia piadinhas sem graça com meu chefe eu verifiquei meu celular.

Henrique diz: Tudo certo para hoje?
Junior diz: *você recebeu uma foto*

Provavelmente de um dos seus animais de estimação. Ignorei a mensagem do Junior e respondi para o Henrique.

Maia diz: Sim! Última reunião finalizada com sucesso. 20h no Cantina italiana?

Henrique diz: Combinado. Te encontro lá.

Depois do hospital, segundo o Henrique, ele pegou o número com meu pai e desde então estamos trocando algumas mensagens.

Sem mensagens do Marc. Depois da última conversa, só trocamos algumas palavras com assuntos bem aleatórios e ele ignorou minha pergunta. Não sei se o Marc se sentia culpado por alguma coisa ou se ficou incomodado quando falei do Henrique, talvez? O que era ridículo de muitas maneiras. Uma, eu e o Marc não tínhamos nenhum tipo de compromisso. Duas, eu e o Henrique era apenas amigos. Três, mesmo que eu e o Marc tivéssemos

algum tipo de relacionamento, ele deveria confiar em mim. Quarto, talvez me manter afastada do Marc era a decisão mais correta.

Afastei meus pensamentos.

No carro, voltando para o interior, eu liguei o som no volume máximo e cantei gritando tentando afastar minha tensão que estava acumulada.

*

Verifiquei meu celular assim que desliguei o carro.

Maia diz: Cheguei!

Henrique diz: Cinco minutos.

Encostei a cabeça no assento e fechei meus olhos descansando. Um som de notificação me chamou atenção. Verifiquei o celular.

Henrique diz: Cheguei.

Olhei pelo retrovisor e vi um carro ainda ligado. *Deve ser ele*. Pensei.

- Oi. – Ele disse me cumprimentando.

- Olá. – Me aproximei.

- Infelizmente eu tenho duas horas livres! Hoje é dia de plantão.

Médicos!!! Jantares com tempo limitado correndo o risco de ser abandonada.

- Bem-vindos. – Uma moça sorridente disse assim que chegamos na entrada. – Mesa para dois?

- Sim. – O Henrique respondeu.

Ela pegou os cardápios e fez sinal para nós acompanharmos. Na mesa, puxei minha cadeira e dei uma olhava geral no ambiente e vi o Marc, umas três mesas de distância, me encarando com a testa franzida. Acenei um oi de longe mesmo e ainda sério ele me cumprimentou de volta e desviou o olhar. O Henrique olhou na direção onde eu olhava e se sentou sem dizer nada.

Afastei o incomodo que senti e decidi ignorar.

- Você vem sempre aqui? – O Henrique me perguntou.

- Não muito. E você?

- Não também! O restaurante é relativamente novo, não?

- Sim!!! Sabe, as vezes esqueço que você não estava morando aqui também!

- Pois é! E como está sendo, voltar? – Ele me perguntou.

O garçom se aproximou, fizemos nosso pedido e continuamos a conversa quando ele se afastou.

- Sei lá. No final as coisas não mudaram tanto assim. Você acredita que a Gabi ainda me provoca?

O Henrique sabia tudo sobre a minha antiga escola e toda a provocação da Gabi. Quando as coisas ficaram realmente feias e o meu pai decidiu me mudar de escola, foi o Dr. Tadeu que sugeriu que eu estudasse em outra cidade. Acabei parando na mesma escola do Henrique, seu filho, e foi a melhor coisa. Lá ele me ajudou a ser “normal” e tive um final de adolescência sem graça e no anonimato como sempre quis.

- Não brinca Maia. Você já pensou em processar ela, agora que é advogada?

Dei risada.

- Processar por ela ser uma tremenda de uma vadia?

Ele sorriu.

- Exatamente.

- Existe algum motivo da perseguição?

- Dessa vez!? Talvez. Eu descobri que ela é ex do Marc.

- Marc? – Ele franziu a sobrancelhas. – Aquele Marc? – E fez um gesto com a cabeça onde o Marc estava.

- Esse mesmo. Ele é amigo do Guga. A gente saiu em grupo e acho que ela deduziu sei lá por que, que a gente estava, sei lá...

- E você estava... sei lá? – Ele perguntou.

- Não. Não estava. Não estou.

- Bom, ele pareceu bem intimidador outro dia. E hoje, seu olhar continuava tão intimidador como da última vez. Talvez ele queira “sei lá”. – Ele disse fazendo aspas com as mãos e sorrindo.

Corri os olhos até onde o Marc estava e para a minha surpresa ele estava me encarando e assim que nossos olhos se encontram ele desviou.

Voltei minha atenção para o Henrique e disse.

- Por que você acha isso?

- Além do olhar intimidador? – Deu de ombros – Sei lá, pelo modo como ele ficou incomodado quando te examinei? Ou quando limpei a ferida da sua mão? Ou como ele te puxou pra perto te ajudando a sair da maca me dizendo por olhar “ela é minha babaca, cai fora”? – E sorriu como se achasse graça.

- Não... – Discordei com a cabeça. – Não faz sentido.

- Não mesmo? – Ele parecia se divertir.

Fiquei pensativa e ele decidiu mudar de assunto. Me contou sobre a faculdade, sobre as ex-namoradas, sobre uma menina que ele estava de conversa, sobre o divórcio dos seus pais, sobre como estava se adaptando ao novo trabalho. Sem perceber a hora passou voando e ele precisava ir embora. Pedimos a conta e ele fez questão de pagar.

- Pela nossa amizade!

Não protestei. Na saída, olhei uma última vez para o Marc para me despedir, mas ele não estava na mesa. Cumprimentei sua mãe e a moça ao lado dela sorriu de forma animada.

- Vamos marcar mais vezes. – O Henrique disse parando ao meu lado. – E vê se passa essa semana no hospital pra ver se já podemos tirar essa bota!

- Você não sabe como eu fico feliz em escutar isso!

- De nos vermos mais vezes? – Ele sorriu brincando. – Falando sério, passa no hospital.

- Passo sim!

Ele se despediu me abraçando de forma amigável, entrou no carro e o observei dando ré.

Abri a porta do meu carro e escutei alguém me chamar.

- Maia!!! – Me virei assustada, mas relaxei assim que vi que era o Marc.

- Ei!!! – Eu disse sorrindo. – Não te vi na mesa agora, achei que já tinha ido embora.

- Não. Estava no banheiro. – Um silêncio constrangedor se instalou até que finalmente ele disse. – E seu tornozelo?

- Ah, está quase cem por cento. Essa semana acho que já dá para tirar a bota. Sorte que foi o esquerdo, pelo menos consigo

dirigir. – Sorri. – E ah, você me deve uma eim. Recebi só essa semana mais de cem fotos de gatinhos e cachorros do seu amigo. – Revirei os olhos.

- Ele não é meu amigo na verdade, mas me desculpa por isso. – Ele se aproximou um passo na minha direção. – Achei que não teria problema e ele foi bem insistente.

- Tudo bem. Perdoado. Andei ignorando e acho que ele percebeu.

- Que bom. – Ele disse me encarando de uma forma enigmática.

Ao fundo, vozes e risos se aproximavam chamando a nossa atenção.

- Aí está ele. Marc, vamos!? – Sua mãe disse. – Oi Maia querida, como anda?

- Ando bem, e você?

- Tudo bem também! Ah, antes que esqueça, essa é a minha irmã Laura! – Olhei na sua direção e acenei um oi com a cabeça. – Ela não é uma graça? – Disse olhando na direção da irmã. – É amiga do Marc. – Dizia como se a gente não estivesse bem na frente dela. – Vamos te esperar no carro. – Disse se despedindo.

Quando elas se afastaram, eu voltei a olhar na direção do Marc e sorri. Ele sorriu de volta e disse um pouco sem jeito!

- Bom, vou indo nessa! Foi bom te ver Maia.

Ele se virou e antes que se afastasse eu segurei seu pulso fazendo o parar.

- Vamos marcar alguma coisa qualquer dia desses? – A gente se encarava na meia luz do estacionamento.

- Vamos sim! – Ele disse sorrindo.

Ficamos nos encarando por mais alguns segundos.

Me beija Marc! Pensei.

Mas ele sorriu e se afastou.

Entrei no carro com um sentimento confuso dentro do meu coração! Eu queria o Marc! Eu não sei se chegava a ser amor, mas definitivamente tinha algo acontecendo. Ele é um enigma, as vezes eu sinto que ele quer o mesmo e as vezes eu acho que não!

Liguei o carro dando partida e fui direto para casa!

12
Marc

A imagem da Maia no restaurante não saia da minha cabeça! Que o tal do Henrique estava de bobeira para cima da Maia eu desconfiava, mas não achava que ele iria ser tão rápido assim.

A última vez que eu senti esse sentimento de raiva e tristeza juntos, foi quando peguei meu pai traindo a minha mãe! Era a pior

sensação. Eu tremia por dentro e me controlei para não sair correndo.

Por mais que eu desejasse ignorar a Maia naquele momento, meus olhos insistiam em ficar analisando a cena me torturando! Ela parecia feliz, eu via o modo como ela ria de forma relaxada!

Droga! Eu amava a Maia!

O problema era que eu sentia que a cada dia que passava as minhas chances com ela iam diminuindo! Eu não deveria deixar isso acontecer.

Fiquei me perguntando se ela disse pra gente marcar alguma coisa porque queria me ver ou se foi por educação…

Talvez eu deveria ter beijado ela ali no estacionamento, mas eu não me senti seguro mesmo com seus dedos delicados e quentes apertando o meu pulso de leve.

Minha mente girava e eu estava ansioso. Não sabia o que fazer! Ligaria? Mandaria uma mensagem? Ia direito no assunto e diria que eu a amava? Ignoraria ela até me procurar?

Me perdendo no meio de tantas perguntas sem respostas, meu celular tocou me chamando de volta a realidade!

- Alo. – Eu disse.

- Marc, cara! É o Leandro. Como anda as coisas por aí!

Leandro é um dos integrantes da minha antiga banda.

- Tudo bem, e aí?

- Tudo quase bem! Era sobre isso que eu queria conversar com você! Será que a gente pode marcar alguma coisa? Para conversar?

- Claro! Amanhã estou livre depois das seis.

- Combinado. Te mando a localização por mensagem de uma padaria legalzinha.

No dia seguinte, cinco minutos adiantado, eu entro na padaria e escolho uma mesa de forma aleatória para me sentar. Nunca estive aqui antes. Analiso o ambiente minimalista com paciência e correndo os olhos por entre a mesas eu vejo o tal do ortopedista de conversa e risinhos com uma loira alta! Se esse era o tipo de cara que a Maia gostava, acabei de confirmar que ela tem dedo podre. Menos de uma semana e ele estava de graça com outra menina. Sim, poderia ser irmã ou prima, mas eu tive certeza de que não era

porque os dois se beijaram na mesa! Daria tudo pra Maia estar aqui agora!

Se eu precisava de uma motivação para não desistir da Maia, eu acabei de ter ela hoje.

- E ai cara!?? Desculpa a demora! Acabei me atrasando. – O Leandro disse se jogando na cadeira a minha frente.

- Tranquilo, não faz muito tempo que eu cheguei. – Digo. – Mas e aí, beleza?

- Mais ou menos Marc!!! Era disso que eu queria falar com você.

- Manda ai! – Disse sentindo a tensão no meu corpo.

- Tenho um convite pra você! Antes de recusar escuta!!! – Ele disse apoiando as mãos sobre a mesa.

- Qual?

- Queria te convidar para tocar na banda de novo! – Estava quase recusando quando ele completou. – Só por um tempo. Acontece que nosso vocalista fez o favor de quebrar uma perna e um braço em uma manobra de skate. O cara está parecendo uma múmia e a gente tem dez shows já programados. Vai complicar muito se a gente cancelar e os caras estavam contando com o dinheiro, entende? Você já conhece grande parte da playlist… O que você acha?

- Eu não sei cara! Você sabe que o Aldo anda me provocando, não sabe? Ele é amigo dos caras, não sei se vai ser uma boa!

- Eu ouvi sim, algo do tipo! Tem a ver com a irmã do Guga, não é?

- Ele me provocava antes! Mas piorou sim, depois que a Maia apareceu!

- Olha cara, não gosto de fofoca, mas, tá rolando por aí que vocês dois estão… - Ele parou e eu supôs o que ele quis dizer. Não respondi. – Eu não deveria falar cara… sabe, mas te considero muito!!! – Agora fiquei curioso.

- Falar o que?

Ele respirou fundo e disse.

- A menina é meio pirada!!!

- Que? – Disse incrédulo.

- Poxa cara, você não sabe de nada? – Ele fechou os olhos, encostou na cadeira, olhou para os lados, se aproximou e disse. – Sabe, parece que quando ela tinha quinze ou dezesseis, sei lá, ela pirou na escola porque descobriu que o pai não era o seu pai de verdade, daí internarão ela em uma clínica psiquiatria!!!

Decidi cortar o Leandro.

- Vou pensar e depois te aviso, pode ser?

- Pode! Se você conseguir me avisar até terça, agradeço! Porque daqui duas semanas a gente tem show…

- Combinado.

Terminei meu café, o Leandro estava com pressa. Me forcei a manter uma conversa, mas eu ainda estava processando tudo o que ele me disse!

Clínica psiquiátrica? Não era filha do Dr. Paulo?

Impossível! Tudo parecia bizarro. Bem se vê que, a Maia me perguntou se eu tinha escutado algum boato dela quando ela estava lendo o contrato da minha mãe! Ela me disse que terminou o ensino médio fora da cidade e que um dia não teve como não ignorar a provocação.

O que a Maia escondia?

*

- Mãe, você tem acesso a ficha de ex pacientes da clínica? – Eu perguntei assim que cheguei em casa.

- Que? – Ela disse com a testa franzida.

- Se você tem acesso a ficha de ex pacientes da clínica? – Repeti já me arrependendo da pergunta.

- E por que você quer saber?

- Para consultar um nome!

- Pelo amor de deus Marc! – Ela disse irritada. – Sim, eu consigo ter acesso. E não, eu não vou te dar a ficha seja lá de quem você quer ver, além de ser ilegal é totalmente errado e invasivo! De quem você quer ver afinal?

- Eu nem sei se essa pessoa já passou por lá, pra ser sincero. – Eu disse me sentindo envergonhado. – Esquece isso! – E fui saindo da sala.

- Marc! – Minha mãe chamou, voltei e ela completou. – Seja lá de quem você quer saber, por que não pergunta pra pessoa?

- É, pode ser. – Disse desanimado.

Minha mãe não disse mais nada. Me deitei na cama e fiquei repassando tudo o que o Leandro tinha me falado. Ainda precisava decidir se entrava para a banda ou não e o que eu faria sobre ter visto o Henrique com outra menina.

Não faria nada, Marc! Você não tem nada a ver com isso.

Acordei assustado com um barulho de mensagem!

Que horas eram? Que dia era hoje? Onde eu estava?

Desbloqueia tela do meu celular que marcava: 22h – Quinta-Feira. Mensagem de Maia.

Abri a mensagem.

Maia diz: Finalmente livre da bota ortopédica. Tornozelo 100%

Maia diz: Onde vamos comemorar?

Sorri ao ler a mensagem!

A Maia confundia a minha cabeça de uma forma como eu nunca tinha visto antes. Eu estava gostando dela, queria ficar ao seu lado todos os segundos do dia. O ciúme me atingiu de uma forma forte e direta quando precisei ver o Júnior e o Henrique dando em cima dela. Mas o que me incomodava, não eram eles, e sim o que a Maia sentia. Eu estava totalmente inseguro, em algumas vezes poderia jurar que a Maia queria que eu a beijasse, e eu queria a beijar, mas quando vi ela com o Henrique no restaurante, essa possibilidade de ela me querer sumiu da minha mente! Agora ela me mandou uma mensagem e eu não sabia o que isso significava de fato. E pra piorar tudo, tem toda a história que o Leandro me contou, que não fazia o menor sentido.

Marc diz: Sugestões?

Maia diz: Algo tranquilo.

Marc diz: Piquenique no parque sábado à tarde?

Maia diz: Combinado! Você me busca?

Marc diz: Sempre.

Sorri feito um bobo para o celular e resolvi comer alguma coisa.

13
Maia

Minha vida no interior andava mais agitada do que eu esperava! Finalmente me livrei da bota ortopédica.

- Seu tornozelo está excelente Maia. Nem fisioterapia você vai precisar! – O Henrique disse quando consegui dar alguns passos de maneira firme pela sala.

- Fico feliz em saber! – Sorri animada.

Desde o jantar, não trocamos mensagens muito profundas! O Henrique era realmente um amigo muito querido, mas tínhamos nossas vidas separadas e não importava a distância, quando nós encontrávamos nenhum clima esquisito nos perseguia.

- Outro dia eu vi seu amigo Marc no café. – Ele disse.

- Sério? Ele te viu? – Perguntei curiosa.

- Viu sim! Mas seu olhar não foi tão intimidador assim, acho que era porque eu estava com a Isadora. – Deu de ombros.

- E como anda as coisas com a Isadora? – Perguntei mudando de assunto.

- Cada dia melhores! A gente se dá bem em quase tudo… - Deu um sorriso bobo. – É diferente de tudo, sabe…

- Acho que sei. – Sorri e o abracei de forma amigável. – Fico feliz em saber.

Embora o Henrique tenha contado praticamente tudo sobre a sua relação com a Isadora, eu não comentei nada sobre os meus sentimentos em relação ao Marc. Talvez no fundo ele sabia que eu estava interessada, mas mantive isso em segredo, porque não sabia se teria futuro.

Quando mandei uma mensagem convidando para comemorar a aposentaria da minha bota ortopédica achei que ele não fosse responder, mas me surpreendi positivamente.

A Renata me ligou naquele dia, para sair com ela e a Lara na noite seguinte, como estava de bobeira acabei aceitando.

- Espero que o filme seja bom! – A Lara nos disse entregando o bilhete.

- As críticas são todas positivas! – A Renata defendeu, visto que a escolha foi dela.

E de fato, o filme era bom. As críticas não mentiram, até a Lara se surpreendeu.

Resolvemos ir jantar em uma pizzaria tradicional da cidade e colocar os assuntos em dia!

- Maia, seu irmão me contou que quem cuidou do seu pé foi o Henrique!!! É verdade?

- Sim! Me surpreendi também quando vi ele. Achei que estivesse morando no sul.

- Quem é Henrique? – A Lara perguntou.

O garçom anotou nossos pedidos, esperei ele se afastar e respondi.

- Filho do Dr. Tadeu, amigo do meu pai. Sabe, quando precisei mudar de escola foi ele quem sugeriu o colégio FOCO, porque o filho dele estudava lá. Me mudei de escola acabei me tornando mais amiga do Henrique, mas perdemos contato quando ele foi pro Sul fazer faculdade.

- Hmmmm… E você e o tal do Henrique já… - A Lara deu um risinho.

- Não… - Revirei os olhos. – A gente realmente é só amigos!

- Que desperdício. Ele é maior gato! – A Renata disse. – É verdade que o Marc não foi com a cara dele?

- Acho que não. Ele só estava irritado. Sei lá. – Eu disse dando um gole da minha cerveja.

- Marc irritado? Por quê? Que parte eu perdi? – A Lara perguntou.

- A Maia foi com o Marc em uma reunião de colegas de trabalho, escorregou, caiu, fraturou o tornozelo, o Marc a levou no hospital e ficou com ciúmes do Henrique! Fim. – A Renata despejou.

A Lara abriu a boca espantada e depois soltou alguns risinhos.

- Não foi isso! – Protestei. – Ele realmente me convidou COMO AMIGA para ir com ele na confraternização dos aniversariantes do mês do escritório onde ele trabalha. Escorreguei e torci meu tornozelo que no final se resumiu a uma luxação. O Marc estava irritado com a situação e acabou sendo um pouco ácido com o Henrique. E só. Do jeito que Renata fala, parece que a história é outra. – Olhei na direção da Renata repreendendo-a.

Quando meu irmão voltou de viagem, ele quis saber como eu consegui ganhar uma bota ortopédica. Resumi ocultando alguns detalhes da história, como o fato de a Bruna ter ficado com ciúmes do Marc e me derrubando. Pelo menos era nisso que eu acreditava.

- Aham Maia!!! Se é nisso que você quer acreditar. – Deu de ombros.

- Devo concordar com a Renata, Maia.

- Qual é!? Ele só ficou estressado com o meu tornozelo. – Me defendi.

- Porque ele gosta de você! – A Renata argumentou e a Lara concordava ao lado com a cabeça.

- Também acho. Aquele dia no pub, ele bem que não tirava o olho de você. - Lara comentou.

- Qual dia? - Perguntei curiosa.

- O dia que estávamos nos duas, Denis e o Marc... no domingo. - Ele deu um gole da cerveja.

- O dia em que ele defendeu a Maia do Aldo? - A Renata perguntou para o Lara.

- Esse mesmo.

- Ele se defendeu do Aldo. - Corrigi. - As ofensas afetaram mais ele do que a mim.

- Maia. O Aldo já provocou o Marc antes... E ele nunca revidou. - A Lara disse com um ar de triunfo desfazendo a minha teoria.

Acontece que, as pessoas de fora talvez enxerguem melhor uma situação da vida melhor que você. E talvez, era isso que estava acontecendo aqui.

Eu desconfiava em alguns momentos que o Marc poderia estar interessado, mas essa ideia nunca se sustentava por muito tempo embora no fundo, ou nem tão no fundo assim, eu queria que fosse verdade mesmo relutando em admitir isso.

- E por que vocês acham isso? Quer saber, não importa! Você sabe que eu não fico com nenhum amigo do Guga! – Disse olhando para a Renata.

- É sério? – A Lara perguntou. – Nem se for o mais bonito de todos?

- Lógico que não. – A Renata disse virando para a Lara. – Ela tem essa regra boba porque o Guga só tem amigo sem graça. Mas aposto que é diferente com o Marc.

- Ah, que o Denis não me escute, mas ele é bem bonito. – A Lara disse concordando com a cabeça.

Eu fiquei em silêncio alguns minutos refletindo.

- Então Maia. – A Renata disse me tirando dos meus pensamentos. – Essa regra tonta que você criou vale para o Marc também?

- Eu não sei. – Confessei tímida.

- Você está a fim dele? – A Renata perguntou.

- Nãoo!!! – Disse tentando ser convincente.

- Sei… vou fingir que acredito… E te digo uma coisa, eu acho que ele está a fim de você. O que você acha Lara? – E disse olhando para a cunhada.

- Eu também acho. Te levar pra conhecer os amigos de trabalho, ficar irritado com o tal do médico, te defender do Aldo… faz sentido.

- Eu não sei… - Disse pensativa.

- Faz todo sentido sim, Maia.

- Interessante. – A Lara comentou.

- Acho que vocês estão viajando. – Eu disse tentando mudar de assunto. – E outra, a ex dele é a Gabi!!!

- E o que isso tem a ver Maia? Você mesmo disse, é ex!!!! – A Renata argumentou.

- Você conhece a Gabi? – A Lara perguntou.

- Ela estudava comigo, era uma idiota. Me odeia de graça. – Eu resumi para a Lara.

- Sério? Nossa! Mas já ouvi histórias dela. Você sabe né, que ela traia super ele? – Ela disse preenchendo nossos copos com cerveja.

- Traia mesmo… - A Renata concordou.

Fiquei chocada e curiosa com a revelação.

- Nossa! Sério? Não sabia.

- Sim! Foi logo depois que ele saiu da banda… acho que deu o que Renata, uns três meses? Para ela começar a trair? – A Lara perguntou.

- Acho que um pouco mais… ou ela traia antes e escondia melhor, mas desde quando a gente soube dos boatos, acho que deu mais do que três meses! – A Renata disse pensativa.

- Pois é!!! Acho que foi isso mesmo. – A Lara continuava. – Enfim. Os boatos rolavam sabe, que ela pegava vários caras de bandas por aí, porque o irmão conhece um monte deles. E ela ia nos ensaios de alguns shows e fazia a festa, segundo as más línguas… que no final acabou sendo verdade! – A Lara concordava com a cabeça…

- E como ele descobriu? – Perguntei curiosa.

- Ah, sabe como é né Maia. O corno é sempre o último a saber!!! Ele demorou para descobrir. Já tinha chegado no nosso ouvido o boato sabe, mas como não tínhamos certeza e nem sabíamos como contar, a gente achou melhor descobrir quando a possível traição iria acontecer. Marcamos com o Marc de sair, ele já estava com a relação abalada então foi fácil, até porque no dia a Gabi já tinha combinado com outro. Daí marcamos com ele de ir em um barzinho que nem existe mais, e cinco minutos antes mudamos para o bar onde a Gabi iria estar. Bom, e aí quando chegamos ela estava lá, de casalzinho com outro cara.

- Sério? E aí??? – Eu não sabia. Fiquei chocada.

- E daí que ele foi embora assim que ele viu. O Guga foi atrás e logo em seguida a Gabi apareceu inventando mil desculpas. Ele nem respondeu para ela, ignorou total. Entrou no carro e foi embora. – A Renata concluiu.

- É…. A gente ficou mais uns minutos lá dentro. Depois que o Guga entrou, deu cinco minutos a Gabi voltou para dentro e foi procurar o irmão. Depois disso fomos embora. – A Lara disse bebendo a cerveja. – E até onde a gente sabe, nunca existiu mais nenhuma conversa entre eles depois disso, ele simplesmente sumiu e passou a ignorar a Gabi. No final, acho que ele fez certo… Ela implorou várias vezes, acho que ficou no pé quase uns seis meses… Ele parou de sair na cidade porque não queria encontrar com ela por aí, e foi aí que ele se aproximou mais do seu irmão e são amigos até hoje. E se ele descobriu todas as traições a gente não sabe!!! – A Lara deu de ombros.

- Eu acho que a Gabi se arrepende até hoje. – A Renata disse.

- E ela ficou com o cara? A Gabi… - Perguntei.

- O cara não ficou com ela… no final, eles só se envolviam com a Gabi porque sabiam que ela namorava e não iria ficar no pé. – A Renata disse. – Aí quando ficou solteira, ninguém mais quis se envolver sabe? Porque ela é grudenta, segundo boatos.

- Nossa, mas ela achou que nunca iriam descobrir? Ela fazia na frente de todo mundo. – Disse.

- Pois é!!! Nunca achou que ir ser pega… E o Marc não tinha muitos amigos na cidade, então ela imaginou que ele não iria descobrir. E demorou né? Mas uma hora a verdade aparece. – A Lara disse.

- E depois disso, ele namorou alguém? – Perguntei curiosa.

- Hmmmm… tá interessada né… - A Renata disse.

Revirei meus olhos e respondi.

- Curiosa!!! Estou curiosa só…

- Aham… sei… - A Lara disse depois olhou para a Renata e as duas sorriram.

- Er… esquece a minha pergunta! – Eu disse.

- Fala sério Maia… é super aceitável você estar a fim dele… Ele é bonito, inteligente, educado… tem fila de meninas querendo

pegar. E não, ele não ficou com mais ninguém depois da Gabi. Sempre foi mais tranquilo… até tentei empurrar umas amigas, mas ele nunca deu bola. – A Renata disse.

- Será que ele é gay? – Perguntei mesmo achando difícil a possibilidade.

- A gente chegou a pensar nisso, mas daí um amigo meu tentou pegar ele, e segundo meu amigo, zero chances de ele ser gay!!! – A Lara disse. – Talvez ele esteja procurando a menina certa.

- Talvez a menina certa seja você Maia…. – A Renata disse!!!

Fiquei sem saber o que responder e achei melhor não falar nada. No fundo eu queria que eu fosse a menina certa para ele, mas eu estava longe de ser certa!!!!

*

O Marc chegou em casa exatamente no horário combinado. Meu irmão e meu pai não estavam em casa quando sai.

Entrei no carro com um frio na barriga.

Depois da noite passada eu fiquei repassando alguns momentos com o Marc e talvez eu não tenha enxergado tão claro suas intenções.

A última vez desde que eu o vi, foi no estacionamento do restaurante e eu não sabia como andava nossa *amizade*.

- Oi!!! – Disse assim que abri a porta. Coloquei o cinto e olhei na sua direção.

- Oiii… - Ele disse curvando os lábios em um sorriso que aqueceu meu coração.

Diferente do que da última vez, existia algo enigmático no seu olhar.

- Eu trouxe alguns lanchinhos. – Disse balançando a sacola no ar.

- E eu trouxe as cervejas.

Concordei com a cabeça e ele deu partida no carro.

Escolhemos um lugar na sombra, embaixo de uma arvore encorpada. Estendi minha toalha no chão e nos sentamos. O Marc abriu uma cerveja, me entregou e nós brindamos.

- Ao seu tornozelo. – E sorriu.

- Ao meu tornozelo. – Disse.

O parque não estava cheio. Algumas crianças passavam por nós correndo feito malucas e dava para escutar as folhas se mexendo quando a brisa fresca batia.

- Seu pai ficou muito bravo comigo? – Ele perguntou.

Eu encostei minhas costas sobre o tronco da árvore, o Marc estava sentado de lado, eu conseguia analisar cada pedacinho do seu perfil, *e que perfil*. Ele usava uma regata preta que deixava a mostra seu braço levemente definido e eu me lembrei dele sem camisa no meu banheiro e senti um frio na barriga.

- Meu pai? – Perguntei com testa franzida.

- Sim. Pelo tornozelo. – Ele disse me encarando.

- Não. Não ficou e nem teria. A culpa não foi sua. – Ainda com a testa franzida continuava analisando seu rosto.

- Eu me sinto responsável. – Ele voltou sua atenção para a paisagem a sua frente.

- Eu me senti responsável pelo seu olho roxo. Estamos quites?

- Você não foi responsável por aquilo.

- Não? Aposto que se você estivesse sozinho ele não iria provocar. – Comentei.

- Iria sim! – Ele me olhou. – Ele já me provou antes.

- E o que você disse para a sua mãe, sobre o olho?

- Eu disse a verdade.

- E ela?

- Não disse nada. Ela sabe que eu não me meto em briga, então, se eu briguei ela sabe que foi por um bom motivo.

- Por que ele te provoca? - Perguntei mesmo sabendo a resposta.

- Acho que ele não gostou muito de eu ter ignorado a irmã dele. - Deu de ombros.

Será que eu deveria perguntar como eles tinham terminado mesmo sabendo a resposta? Talvez estragasse com o dia. Deixei de lado.

- Mesmo assim. Você não precisava ter revidado se eu não estivesse junto, porque ele não falaria tudo o que falou. Resumindo, eu sou responsável sim. – Dei de ombros.

Ele ainda me encarava sem ter resposta.

Em um movimento ágil, ele ficou de frente para mim, com as mãos em volta do joelho.

- Maia, posso te fazer uma pergunta?

- Pode.

- Não precisa responder se não quiser!

- Tudo bem.

- É verdade que você ficou um tempo em uma clínica psiquiátrica?

Senti uma pontada no meu coração.

Finalmente os boatos tinham chegado até o Marc.

Encarei meus dedos por alguns segundos me perguntando com quem ele andou conversando, talvez com a Gabi? Essa possibilidade me atingiu feito um raio e eu quis sair correndo dali. Respirei fundo algumas vezes me acalmando.

- Com quem você andou conversando? – Me forcei a olhar na sua direção.

- Um dos integrantes da minha ex banda, me chamou para tomar um café porque queria me propor para voltar a tocar, na verdade não é definitivo, só terminar de cumprir a agenda até o vocalista voltar, sabe, ele quebrou o pé e o braço… - Ele encarou as mãos e depois se voltou para mim novamente. – Eu disse que eu não pensava na possibilidade, ainda mais com o Aldo sendo amigo dos caras… foi aí que o Leandro, comentou que ficou sabendo da briga e me contou, sobre… sobre você!

Não fazia ideia de quem era o tal do Leandro.

- E você acreditou? – Perguntei o encarando.

- De verdade? Não. Mas, depois parei para pensar que se isso tivesse acontecido, eu não teria como saber.

Eu não sei como estava me sentindo.

O Marc escutou um boato sobre mim, ele me perguntou diretamente e isso é bom, pelo menos quis saber direto da fonte. Ele poderia ter acreditado e sumido sem eu nunca saber o motivo.

- É mentira! – Voltei encarar meus dedos. – Quem inventou foi a Gabi. – Sorri de forma triste. - Ela inventou quando eu saí da escola.

- Por quê? – Ele me perguntou.

- Porque ela é cruel! – Disse sincera. – Eu não ligo se ela é sua ex Marc, mas é o que ela é. Uma pessoa terrível. Sempre me perseguiu por puro prazer. – Eu senti todas as emoções passadas voltando com tudo. Eu não queria chorar e nem iria, não na frente do Marc. – Será que a gente pode ir embora? – Eu fiz movimento para me levantar, mas senti sua mão me impedindo.

- Ei Maia. – Eu parei encarando a toalha. – Olha para mim. – Ele pediu.

Respirei fundo e ele me encarava.

- Se eu soubesse… - Ele fez uma pausa. – Se eu soubesse que a Gabi iria me trazer tantos problemas, eu nunca teria me envolvido. – Ele continuava me encarando. – Eu não queria que o fato de ela ser minha ex fosse um problema entre a gente.

Fechei meus olhos e respirei fundo.

Relaxei ao seu lado e senti suas mãos me libertando.

Eu também queria que isso não fosse um problema entre a gente. Seria tão mais fácil se ele nunca tivesse namorado a Gabi. Mas ele namorou e isso não tem como ser desfeito.

E aí Maia, você precisa se decidir se ele vale a pena para gastar energia lidando com isso. Pensei.

- Eu acredito em você!!! Desculpa se te ofendi perguntando. Sem querer isso chegou no meu ouvido, como disse, não acreditei, mas se fosse verdade, não teria como eu saber. Resolvi te perguntar por que eu acredito em você! Se você está me dizendo que é mentira, é mentira e pronto. E se fosse verdade Maia… - Ele olhou bem fundo nos meus olhos. – Nada mudaria!

Voltei a encarar minhas mãos. Ao fundo eu escutava os passarinhos cantando e algumas crianças brincando.

- Maia, você lembra quando me perguntou o que eu tinha visto na Gabi?

- Lembro. – Eu disse olhando na sua direção.

- Eu não te respondi no dia, porque a verdade é que eu não sabia, ou melhor, eu não sei o que eu vi na Gabi! – Ele encarou os dedos brincando no ar e voltou a olhar na minha direção. – Sabe. Eu me mudei para cá, quando tinha dezesseis anos. Eu era um garoto normal, como todos os outros, sem grandes problemas na vida. Uma vez, eu estava com alguns amigos no shopping e eu vi meu pai

com outra mulher! Sabe Maia, uma criança jamais deveria lidar com uma situação dessas! Eu era grande o suficiente para entender que o que ele estava fazendo era errado. Senti todo o peso em cima do meu ombro. Uma responsabilidade que não era minha. Ele não me viu, eu fiquei me perguntando por dias o que eu faria e no final, acabei contando para minha mãe. Ela disfarçou e inventou uma desculpa, eu sabia, mas eu conseguia ver decepção nos seus olhos. Eles não se separaram logo em seguida, eu não entendia na época e na verdade, eu não sei se eu entendo hoje. As brigas começaram e o ambiente familiar começou a ficar caótico. Em algumas vezes, quando os gritos chegavam até meu quarto, eu pegava a Yara e saia dar uma volta no condomínio. A situação ficou insuportável para todos os lados e minha mãe resolveu terminar. Um dia fizemos nossas malas e viemos para cá. Meu pai insistiu para voltar algumas vezes, por quê? Não faço ideia, visto que era ele quem tinha outra vida! Entrei na escola, não conhecia ninguém. Me sentia responsável por coisas das quais eu não era. Ficava me perguntando se eu fiz bem em contar para a minha mãe e ao mesmo tempo, nos dias em que não contei sentia que eu estava traindo-a também. Sempre fui mais na minha e na escola não foi diferente. Fiz alguns colegas. Entrei para faculdade e lá eu recebi o convite para participar da banda. Precisava de um dinheiro extra, era a oportunidade perfeita. Nos ensaios, o Aldo sempre aparecia por ser amigo dos caras e depois de um tempo a Gabi começou a frequentar. A gente estudou na mesma escola, mas em salas diferentes. Eu não lembrava muito dela na escola. Não queria nada sério na época, não acreditava muito nessa coisa de amor entende? Mas ela insistia, eu estava ocupado demais precisando lidar com faculdade e dinheiro e quando vi, a gente estava ficando e quando dei por mim a coisa ficou séria. – Ele respirou fundo. – A verdade é que eu nunca vi nada na Gabi. Eu nunca a conheci direito para ser sincero, porque se tivesse conhecido como a conheço hoje, eu não teria me envolvido. As coisas só foram acontecendo. Ela me traiu, não foi surpresa porque o namoro não ia nada bem, era questão de tempo até acabar, mas ninguém gosta de ser traído né!? O fato de eu não gostar da Gabi fez a traição ser menos dolorosa, mas eu fiquei imaginando o que a minha mãe tinha passado, porque no

caso dela, existia amor. Depois eu me tornei ainda mais amigo do seu irmão e pela primeira vez eu comecei a sentir que eu tinha um lugar, entende?

- Sim! – Eu disse sem ter certeza se eu entendi a parte de sentir que tem um lugar. Porque na verdade, nem eu sabia se eu me sentia parte de algum lugar. – Desculpa Marc, eu não queria… não queria… - Tentei encontrar as palavras.

- Tudo bem Maia. De verdade. Só quero que você saiba que a gente é do mesmo time.

Concordei com a cabeça.

A gente é do mesmo time.

Senti uma barreira sendo quebrada entre mim e o Marc.

Eu estava começando a baixar a guarda e espero não me arrepender.

14
Marc

Eu espero que a Maia comece a perceber que eu realmente me importo com ela. Perguntar sobre a clínica psiquiátrica foi arriscado, mas me sinto aliviado por ter feito. Por mais que no fundo, lá no fundo, eu imaginava que fosse mentira, eu queria saber dela. E se fosse verdade, bom, não mudaria nada.

A oportunidade me fez desabafar sobre o divórcio dos meus pais. Ninguém sabia disso. Eu nunca tinha contato.

Não perguntei sobre o Dr. Paulo, porque na verdade, de nada mudaria e se um dia ela se sentisse confortável, aposto que me contaria. Vou dar tempo ao tempo. Eu não tenho pressa e afastar a Maia é a última coisa que eu quero, ainda mais agora que eu sinto que estamos ficando mais próximos.

- E o que você decidiu sobre a banda? – Ela perguntou de forma mais relaxada bebendo um gole da cerveja.

- Não vai rolar!!!

- Sério? Por quê?

Me deitei sobre a toalha e encarei as nuvens.

- Acho que já passei dessa fase, entende? Tenho certeza de que eles vão arrumar um bom vocalista! Até melhor do que eu. – Tampei meus olhos com a minhas mãos.

Senti a Maia se deitando ao meu lado e o seu perfume invadiu minhas narinas. Permaneci na mesma posição.

- Como é tocar na frente de muitas pessoas? – Ela me perguntou. Sua voz agora mais próxima.

Tirei as mãos dos meus olhos e virei a cabeça analisando seu perfil.

- Nada de mais, para falar a verdade. Nas primeiras vezes eu ficava um pouco ansioso, depois percebi que ninguém prestava

atenção ou estava bêbado o suficiente para não lembrar, aí eu liguei o foda-se. Me responde uma coisa...

- O que?

- Que perfume você usa?

Ela franziu a testa achando graça na pergunta.

- Chloé. Por quê?

- Cheira bom. - Respondi sincero.

Ficamos assim por alguns minutos, apenas curtindo o barulho a nossa volta e o azul do céu.

Meu celular tocou acabando com os poucos minutos de paz.

- Oi mãe!! – Eu disse assim que atendi.

- Marc. A Yara está no hospital. – Automaticamente me levantei rápido. – Ela estava no aniversário da amiga e caiu do escorregador. Ela está bem, parece que machucou o braço! Será que você consegue ir até lá? Eu vou conseguir sair daqui em meia hora! – Minha mãe disse se explicando.

Em alguns dias do final de semana, ela precisava trabalhar na clínica que ficava afastada da cidade.

A Maia se levantou ficando sentada ao meu lado.

- Tá tudo bem?

- Mais ou menos. – Expliquei para ela a situação.

Na mesma hora recolhemos nossas coisas e seguimos para o hospital.

- Posso tentar ligar para o meu pai. – Ela dizia ao meu lado digitando o número do pai.

- Acho que não precisa, pelo menos por enquanto.

- Tudo bem.

Chegando no hospital, fui direto na recepção e me liberaram para entrar. A Maia conseguiu me acompanhar porque sabiam que ela era filha do Dr. Paulo.

- Eu espero aqui! – Ela disse parada na porta da sala onde a Yara estava.

- Tudo bem.

Entrei na sala. Que ótimo. O Dr. Henrique era quem estava atendendo. Deixei meu ciúme de lado e foquei na Yara.

- Marc, querido. – A mãe da amiga da Yara dizia. – Foi tudo tão rápido. Por sorte a fratura não foi tão feia.

Como eu era o responsável legal ali presente, o médico dispensou a mãe da amiga da minha irmã.

Me aproximei da minha irmã e fiquei o tempo todo ao seu lado enquanto a enfermeira e o Henrique terminavam de engessar o seu braço.

Assim que a Yara terminou, sem grandes trocas de palavras, o Henrique me receitou alguns remédios e me dispensou abrindo a porta. A Maia estava parada no mesmo lugar, ela acenou um oi quando o viu.

- Marc!!! – Ele me chamou. Me virei e o encarei. – Esqueci de uma receita. Você pode entrar aqui. Sem a Yara.

Acenei com a cabeça e pedi pra Yara esperar com a Maia.

Voltei para dentro da sala, ele fechou a porta atrás de mim.

Colocou a mão no bolso do jaleco e disse!

- Eu sei que você não vai muito com a minha cara e o único motivo que eu encontrei é por causa da Maia.

Correto! Permaneci em silêncio.

- Sabe. Só queria deixar claro que, eu e a Maia somos grandes amigos, de uma forma estranha, mas somos. Ela me contou que você é ex da Gabi. Provavelmente você já andou escutando algumas histórias dela por aí.

Troquei o peso do meu corpo de uma perna para a outra. Não sabia o que responder, mesmo sem dizer nada ele continuou.

- Sabe. A Maia já passou por muitas merdas. Ela já te contou?

Acenei um sim com a cabeça.

Ele continuou.

- Mesmo assim ela sempre se manteve forte. Quando as coisas ficaram mais pesadas e ela precisou mudar de escola, meu pai, que é bastante amigo do pai dela, sugeriu a mesma escola que eu estudava e com isso a gente acabou se aproximando mais. – Ele respirou fundo. – Ela não precisa de ninguém a defendendo, eu sei, mas no fundo ela precisa de alguém ao seu lado, entende? Tem sim o irmão e o pai, mas cada um tem um pedaço da vida sem a Maia. Se os seus sentimentos não forem sinceros, por favor, se afasta, por ela. Mas se forem sinceros, seja paciente.

Eu não tinha o que dizer! Não esperava essa sinceridade do Henrique. Queria muito saber se eles já tinham se relacionado, mas

não perguntei.

Dei um meio sorriso e sai da sala fechando a porta atras de mim.

A Maia estava conversando com Yara.

- Eu acabei de tirar a minha bota ortopédica, mas alguns dias atrás eu estava igualzinha você! – Ela comentava e minha irmã prestava atenção de boca aberta.

Quando me viu, ela se levantou e minha irmã pulou da cadeira ficando de pé.

- E aí, o que ele queria? – Ela me perguntou no caminho até o carro.

- Tinha esquecido de fazer mais uma receita e me avisou como fazer na hora do banho.

- Hm… - Ela disse ao meu lado.

Não olhei na sua direção porque eu era péssimo em mentir.

Liguei para minha mãe e avisei que já estava indo para casa e que tudo estava sob controle.

15
Maia

Subi as escadas cansada. Na porta do meu quarto escuto meu irmão me chamando. Vou até o seu quarto e paro encostando no batente.

- Me chamou? – Perguntei.

- Sim.

Esperei em silêncio.

- Onde você estava? – Ele estava dobrando algumas roupas que estavam espalhadas sobre a cama.

Me aproximei, me sentei na cama abrindo espaço entre a bagunça.

- Fui ao parque, com o Marc. Por quê!?

- Nada. – Ele continuou dobrando as roupas.

- Posso te fazer uma pergunta?

- A gente não tá se pegando, se é isso que você quer saber.

- Não. Na verdade, ia te perguntar se você está gostando dele.

Eu não queria ter essa conversa com o meu irmão.

Eu estava gostando dele? Sim, eu estava gostando dele.

- É complicado.

- O que é complicado?

- Mesmo se eu gostasse, isso não exclui o fato de ele ser ex da Gabi. Sabe?

- Ela é ex Maia. E se tem uma pessoa que não quer nenhum contato com ela além de você, essa pessoa é o Marc.

- Guga, o Marc já se abriu com você alguma vez sobre a Gabi? Sobre o término ou algo do tipo? – Disse encarando as minhas unhas.

Ele parou de dobrar a camisa e se sentou na cadeira, ficando de frente para mim.

- Você sabe por que eles terminaram né?

- Porque ela estava traindo.

- Ele pretendia terminar antes disso. Eu não sei todos os detalhes porque me aproximei mais quando o namoro acabou, mas pelo que eu entendo, a relação nunca foi, sei lá, acho que ele nunca gostou dela. E aí ele descobriu a traição e acabou. Se o problema é você se sentir insegura achando que ele ainda tem algum sentimento por ela, pode ficar tranquila.

Mordi meu lábio pensando.

- Sei lá. Às vezes eu sinto que se eu me envolver com ele, meio que vai parecer que eu estou me vingando da Gabi, sabe? - Comentei.

- Você nunca ligou para o que os outros falavam de você Maia. Quando isso mudou?

- Não mudou, eu acho. Não sei.

- Você deveria pensar nas coisas boas que vocês podem ter juntos. Que se foda os outros. Se quiserem acreditar que você é uma invejosa e pegou ele só para se vingar, que pensem. O que importa é o que você sente, o que você acredita.

- Você tem razão. Mesmo parecendo simples, não é. Ainda preciso pensar. E outra Guga, o que faz você pensar que ele está a fim de mim?

- Eu o conheço. Eu vejo o modo como ele te olha e eu nunca o vi olhando assim para nenhuma menina. Aliás, eu nunca o vi se interessar por nenhuma menina.

- E como ele me olha?

- Como se quisesse te proteger. - Ele deu de ombros sorrindo. - Mudando de assunto! A Renata estava querendo acampar em um camping novo. Parece que uma prima foi… sei lá! Topa ir?

Fiz uma careta!

- Não sei. Quem vai?

- Por enquanto a Lara e o Denis. Vitor e Marc estavam para decidir.

- Me passa o nome do lugar para eu pesquisar. – Disse me levantando saindo do quarto.

- E Maia… - Me virei quando ele me chamou. – Você deveria seguir mais seu coração. -E sorriu piscando.

Concordei com a cabeça pensativa.

*

A página do camping estava aberta fazia meia hora na minha frente e o único pensamento na minha cabeça era a voz do meu irmão, "*como se quisesse te proteger".*

Puxei na memória alguns momentos com o Marc e lembrei o modo como ele me segurou na primeira vez do paintball. Como ele me protegeu do Aldo e como ele me defendeu da Bruna.

Algumas coisas faziam mais sentido agora.

Tudo indicava que o Marc estava a fim de mim, mas porque ele não avançava? Eu estava parecendo tão desinteressada assim? Será que no final eu era uma boa atriz? Aposto que não!

Voltei no foco e naveguei pelo site.

Pelas minhas pesquisas, o camping era legal. Tinha um lago onde dava para pescar. Tinha piscina, mas não era aquecida e a gente estava começando entrar no outono e mesmo não sendo

comum, os dias estavam mais frios do que o normal. O vestiário era bonito e tinha cara de limpo, muito importante. O restaurante era convidativo e pelas regras, fogueira era permitido.

Fui facilmente convencida pela propaganda e acabei topando.

Só precisava fuçar nas coisas do meu pai e ver se a barraca ainda existia.

Para a minha sorte, depois de pouco tempo de procura eu achei. No meio da bagunça, eu encontrei uma caixa e por curiosidade acabei abrindo-a.

Dentro tinha alguns papéis antigos e uma foto. Meu pai, Guga com uns três anos e eu bebê no colo da minha mãe. Olhei a foto por alguns segundos analisando os mínimos detalhes como se isso fosse responder algumas perguntas sobre a minha vida.
Peguei a foto e levei comigo.

*

Montar uma barraca definitivamente estava no top um de coisas mais chatas para se fazer, a segunda era encher um colchão inflável.

- Ai cacete! – Escuto a Renata gritando enquanto tentava montar a barraca!

Vou até ela e a ajudo.

- Não poderia inventar um negócio mais fácil? – Ela reclamava.

- Onde está o Guga afinal? Que não está te ajudando?

- Foi no mercado com os meninos.

No final, todo mundo veio.

A Lara voltou do banheiro e começou a tentar fazer uma espécie de fogueira.

O Marc e o Vitor iriam dividir a mesma barraca.

- Aí droga. Entrou uma farpa no meu dedo. - Dei risada. - Onde a gente estava com a cabeça de acampar? Fala sério. Preferia um resort cinco estrelas. Sem contar que está frio. – A Lara reclamava.

- Melhor acampar no frio do que no calor. – A Renata disse. - Menos inseto. Ninguém quer morrer assada dentro de uma barraca.

- Verdade. – Comentei.

Por sorte, nossas barracas não ficavam tão distantes do banheiro. Quando os meninos estavam preparando para acender a fogueira eu aproveitei e fui tomar banho.

O vento gelado fazia com que o fogo dançasse a minha frente. Agradeci mentalmente meu conjunto de moletom e meu cobertor de pelinhos ao redor do meu corpo.

A Lara reclamava tanto que qualquer clima de romance que poderia existir sumia.

O restaurante servia uma ótima pizza que devoramos em cinco minutos.

- Trouxe marshmallow para a gente fazer na fogueira. – A Lara anunciou pegando a embalagem.

- Esse negócio sempre queima! – O Denis disse.

- É porque você precisa tirar a capinha que forma. – Eu disse enquanto demonstrava como fazia.

- Nossa Maia, como você é um gênio. – O Denis disse.

- É, eu sei. – Dei de ombros sorrindo.

- Quando você vai deixar essa regra boba de não pegar amigo do seu irmão e me dar uma chance eim? - o Vitor disse brincando.

Gelei. Senti meu rosto ficar branco e dei um sorriso forçado.

Olhei de relance para o Marc que encarava o pé remexendo a terra.

Será que ele sabia da minha regra? Talvez por isso... Talvez por isso que ele não avançava?

Meu irmão começou a tocar e eu voltei para a realidade.

O Vitor não esperava nenhuma resposta, tanto é que se despediu e disse.

- Arrumei uma gatinha pessoal. Não me esperem acordados. - E disse se despedindo.

Se existia alguém mais mulherengo que o Vitor eu desconhecia.

Depois do meu irmão, o Marc tocou algumas músicas e eu o analisava. Caramba, ele ficava ainda mais bonito cantando. Sua voz rouca me deixou sem ar e eu não conseguia desgrudar meus olhos dele. As vezes ele me olhava também e meu estômago gelava.

- Ei cara, sua vez! – O Marc entregou o violão de volta para o meu irmão. – Vou rapidão tomar banho e já volto. – Disse se

afastando.

Quando voltou, ele se sentou ao meu lado. Fiquei um pouco tensa e continuei na mesma posição.

A Lara resolveu ir dormir e a Renata e o Guga foram tomar banho. O Denis começou a tocar.

- Ei, você não está com frio? – Eu disse baixo oferecendo um pedaço do meu cobertor. Ele aceitou e passou em volta do seu corpo.

O Denis tocava músicas calmas, algumas eu conhecia e outras não fazia ideia de quais eram.

A fogueira estava diminuindo. De forma automática acabei encostando minha cabeça no ombro do Marc. Ele não recuou. Fechei meus olhos escutando o som do violão invadir meus ouvidos e o vento gelado batendo no meu rosto. Eu não sei por quanto tempo fiquei assim.

Levantei minha cabeça quando meu irmão e a Renata voltaram do banho, se despediram indo dormir.

O Denis permaneceu por mais alguns minutos e depois foi dormir.

- Que horas são? – Perguntei para o Marc.

- Onze e meia. Você está com sono?

- Ainda não. Mas está começando a ficar mais frio.

Ele se aproximou passando um dos braços sobre meu ombro me puxando para mais perto dele.

Não recuei, pelo contrário. Apoiei meu braço sobre os seus joelhos e encostei minha cabeça.

Senti seus dedos brincando com o meu cabelo. Fechei os olhos e aproveitei o momento.

- Você costuma acampar bastante? – Perguntei.

- Não. Eu acampava mais quando era criança. E você?

- Uma vez só. Mas durou uma noite. Na manhã do dia seguinte a gente precisou voltar porque meu pai teve uma emergência no hospital. A barraca ficou de recordação. – Sorri!

Uma vez meu pai inventou de acampar comigo e o Guga. Ele comprou todos os equipamentos e a gente demorou mais tempo montando a barraca do que acampando. Mas no final foi um dos dias mais legais da minha infância.

Por mim eu ficaria a noite toda aqui. A fogueira estava praticamente apagada e o frio aumentou me forçando a entrar na barraca.

- Eu acho que a ideia mais inteligente agora é eu ir dormir. – Disse o encarando.

Ele concordou com a cabeça e permaneceu em silêncio. Podia jurar que ele me beijaria ali, naquele momento, se o celular dele não tocasse.

Era a sua mãe. Aproveitei e me despedi sem jeito e entrei na barraca me protegendo do frio.

Deitada no colchão inflável, debaixo da coberta, a imagem do Marc vinha na minha mente toda vez que eu fechava meus olhos. O vento estava forte e os galhos do lado de fora balançavam fazendo barulho. Minha consciência bateu. Estava praticamente sozinha no meio do nada. Por mais que o camping dizia ser seguro nunca se sabe quando um maníaco está por perto. Do lado de fora, o barulho continuava e parecia que tinha alguém andando. Peguei meu celular, abri o aplicativo de mensagens e abri na conversa com o Marc.

Maia diz: Está acordado?

Em menos de dois segundos ele respondeu.

Marc diz: Sim! Acabei de descobrir que trouxe pouco cobertor.

Maia diz: E eu acabei de cair na real de que talvez possa ter algum maníaco aqui.

Ele visualizou, mas não respondeu.

Eu escutei alguém andando do lado de fora, o zíper da minha barraca abriu e eu quase tive um infarto. Quando estava prestes a gritar eu vi que era o Marc.

- Eu não tinha pensado nessa possibilidade… - Ele disse baixinho.

- Cacete Marc! Quer me matar do coração!? – Disse.

- Desculpa.

- Ei, fecha aí, ta frio.

O Marc fechou o zíper. Enrolado em um cobertor eu dei espaço pra ele se sentar ao meu lado no colchão.

- Posso ficar até a hora que você dormir, se quiser. – Ele disse.

Concordei com a cabeça.

- Aparentemente a gente subestimou o frio. – Ele disse.

- Er. Por que ao invés de cada um ficar com um cobertor a gente não se cobre com os dois? – Me levantei e ajeitei o cobertor.

Tanto eu quanto o Marc, estávamos usando um conjunto de moletom. Agora com dois cobertores finalmente a gente começou a se aquecer.

- O que a gente vai fazer se um maníaco aparecer? – Perguntei baixinho.

- Lutar? – Ele sugeriu.

- Não! Eu acho que eu já desistiria. Ficar correndo pela mata para acabar sendo morta? Não vou nem me esforçar!

- Que horror Maia!

Demos risadas.

Me virei de lado. Meu olho foi se ajustando no escuro. Lá fora, uma luz fraca iluminava um pouco a barraca. O Marc estava deitado de barriga para cima e eu analisava seu perfil perfeito.

- Marc… - sussurrei.

- Maia… - ele sussurrou de volta.

- Você está dormindo?

- Não… - Ele sorriu.

- Hm…

Ficamos em silêncio. O vento lá fora e o barulho dos galhos batendo preenchia o ambiente.

- Marc. – Sussurrei outra vez.

- Maia… - Ele disse sorrindo virando de lado, ficando de frente para mim.

- Como é a relação com o seu pai? – Perguntei.

Ele franziu as sobrancelhas e me encarou por um tempo.

- Não é das melhores. Por quê?

- Curiosidade! Você tem contato com ele?

- Sim! Não era como antes, mas a gente se dá bem de forma geral.

- Ele se casou outra vez? Teve mais filhos?

- Ele não se casou, mas teve algumas namoradas. E não teve mais filhos, até onde eu saiba.

- Hm… - Respondi.

Ajeitei minha mão embaixo do travesseiro. O Marc me encarava, mesmo com a luz baixa eu conseguia analisar seus olhos.

- Você tem contato com a sua mãe?

- Não!!! Aliás, queria te mostrar isso. – Me levantei, sentada no colchão eu estiquei meus braços e tirei meu livro da mala. Dentro dele, peguei a foto que encontrei nas bagunças do meu pai e mostrei para o Marc. – Achei enquanto procurava pela barraca.
Ele analisou a foto por um momento.

- Me tira uma curiosidade, de onde vem seu cabelo preto? – Ele perguntou brincando.

Poderia responder sem dizer a verdade, mas por quê? Não era nenhum segredo mesmo.

Encarei ele por um momento e senti que uma certa desconfiança. Será que ele sabia?

- Marc, o que mais você escutou ao meu respeito? – Arrisquei.

Ele demorou para responder. Ele sabia. Como ele não respondeu, eu disse.

- Não é nenhum segredo Marc, eu só não saio por aí dizendo. Por que você não me perguntou se era verdade quando soube?

- Porque nada mudaria para mim independente da verdade. – Ele me entregou a foto.

- Fazia muito tempo que eu não via essa foto. Quando eu a encontrei, eu olhei e desejei que ela pudesse me trazer respostas. – Dei um meio sorriso e olhei para ele.

Coloquei a foto de volta no meio do livro e me deitei de lado. Ele fez o mesmo.

Nós encaramos por alguns segundos. Ele ajeitou uma mecha do meu cabelo e eu fiquei tensa.

- Eu não sei quem é meu pai de verdade. – Comentei.

- E você queria saber? – Ele perguntou com a voz baixa.

Fiz que não com a cabeça e disse.

- Como você soube? – Perguntei.

Ele se ajeito no colchão respondendo.

- Foi o dia que eu encontrei com o Leandro. Ele comentou sem eu ter perguntado.

- Você poderia ter me falado.

- Como eu disse Maia, de nada mudaria. Eu sabia que se um dia você quisesse me contar, você contaria.

Concordei com a cabeça.

Senti as lágrimas de formando e me segurei para não chorar mais foi inútil. O Marc levou sua mão até meu rosto enxugando-a. Respirei fundo e disse.

- Eu não sabia, sabe, até meus quinze anos.

- Como você descobriu?

Respirei fundo mais uma vez e respondi.

- Um dia, o Guga estava brincando na casa de um amigo. Ele foi pular na piscina e acabou escorregando e batendo a cabeça. Abriu um corte gigante que não parava de sangrar. Era carnaval e o banco de sangue costuma ficar vazio nessa época e não foi diferente. Eu nunca vi meu pai tão desesperado igual naquele dia. Eu fui doar sangue, e antes eles analisam o tipo sanguíneo. Eu não entendi, não naquele momento. Meu pai ficou estranho e quieto, mas tinha tanta coisa acontecendo naquele dia que não me saquei. Em uma aula de biologia um tempo depois, enquanto o professor explicava sobre os tipos sanguíneos eu entendi. Cheguei em casa e comecei a fuçar a biblioteca e descobri que eu não era filha do meu pai. Meu pai ainda mantinha alguns dados da minha mãe, sabe, do parto e tudo mais. – Eu fiz uma pausa. – A primeira coisa que eu fiz quando meu pai chegou em casa naquele dia foi conversar com ele. Ele me explicou muita coisa, especialmente sobre a relação com a minha mãe! Disse que sabia da possibilidade quando ela engravidou, mas nunca quis saber. Ele teve certeza naquele dia no hospital. Nunca quis me contar, por que para ele eu sempre ia ser a sua filha. Ele me disse que desconfiava quem poderia ser meu pai, mas eu nunca quis saber! Meu pai sempre me tratou igual. Nunca achei ele menos pai por não ser meu pai biológico. Mas, eu não vou mentir, me sentia um pouco perdida sim. Traída pela minha mãe de muitas maneiras… para completar tudo o Guga começou a namorar a Renata e eu me senti um pouco sozinha. Sem meu avô, meu pai trabalhando o dia todo e o Guga menos presente. Quando ele saiu

da escola, a Gabi me perseguiu ainda mais e para piorar ela descobriu que eu não era filha biológica do meu pai. Minha única diversão, o único lugar que me ajudava a fugir da realidade era em frente ao piano. Eu consegui participar do concurso anual do Brasil e o prêmio era um bom dinheiro, mas não era por isso que eu queria participar. Sabe, queria pelo menos uma vez na vida me sentir especial, suficiente. Um dia eu estava descendo as escadas na escola, a Gabi me provocou e dessa vez ela gritou para todo mundo escutar que eu era uma bastarda! Minha mãe me abandonou e meu pai não é meu pai biológico. Ela tinha razão de certa forma. Eu ignorei como sempre fazia, o que a deixava mais louca. Faltava três degraus para eu terminar de descer a escada quando ela me empurrou. Eu caí e quebrei meu braço. Não consegui participar da competição! Foi um período bem difícil. Nunca vi meu pai tão bravo, ele teria ficado ainda mais bravo se soubesse que por conta do meu braço quebrado, eu não iria participar do concurso. Como isso não iria acontecer, eu acabei não comentando com ninguém que tinha conseguido a vaga. Ele foi na escola e brigou feio. Processou e me tirou de lá. O Dr. Tadeu sugeriu que meu pai me colocasse na escola do Henrique. Era fora da cidade e como a gente já se conhecia ele acreditava que a adaptação ia ser rápida, foi daí que surgiu o boato da clínica psiquiátrica. Ela dizia que eu pirei porque descobri que meu pai não era o Paulo. Ninguém mais me viu por que eu mudei de escola e não tinha nenhum amigo para desmentir. Se não fosse comigo, talvez eu também iria acreditar. Na nova escola eu me adaptei rápido. Eu tinha o Henrique como amigo, me aproximei cada vez mais da Renata e tive influência feminina pela primeira vez. Não era popular e nem nada do tipo na nova escola. Eu era o que eu queria ser, uma menina normal que passava despercebida. Depois disso eu fui para a faculdade e acabei passando mais tempo em São Paulo. – Sorri sem mostrar os dentes.

- Eu sinto muito Maia.

O Marc disse, passou o braço por debaixo do meu pescoço e me puxou para um abraço.

Não recuei. Deixei que ele me abraçasse e fechei meus olhos sentindo seu perfume. Eu nunca tinha contado isso pra ninguém.

Não é segredo que meu pai não é meu pai biológico, mas não saio por aí falando.

Eu não gosto de falar sobre a época da escola e nem o Guga e meu pai sabe de tudo, especialmente sobre quando eu não consegui competir.

- Quando o Leandro me falou, eu pensei que fosse mentira.

- De todas as histórias sobre mim, essa é a única que não é.

O Marc continuava me abraçando e acariciando meu cabelo.

Quando menos percebi eu dormi.

*

Acordei, mas mantive meus olhos fechados.

Eu estava deitada de conchinha com o Marc? Eu estava deitada de conchinha com o Marc!

Eu não lembro como fomos parar nessa posição, só sei que ele me abraçava. Sentia sua respiração no meu ouvido e um dos seus braços em cima do meu com a sua mão sobre a minha. Nossas pernas estavam entrelaçadas. Não me movi. Não queria que ele se afastasse. Ainda de olho fechado, senti ele me abraçando com mais força, sua respiração continuava profunda. Dormindo, ele soltou umas frases sem contexto nenhum e disse.

- Eu amo o seu cheiro Maia.

Paralisei e não disse nada.

Ele continuava dormindo.

Sua respiração estava calma e o ar quente que saia do seu nariz fazia cosquinhas na minha orelha.

Aos poucos, quando tive certeza de que ele não iria acordar, eu relaxei e acabei pegando no sono.

16
Marc

Eu abraçava a Maia quando acordei. Nossas pernas entrelaçadas e a minha mão sobre a dela. Seu perfume era viciante. A noite anterior veio em partes na minha mente. Toda a história que ela me contou. Me deixou triste, bravo, revoltado… Eu queria poder estar presente, queria que ela não tivesse passado por tudo sozinha.

Não esperava que a noite terminasse desse jeito.

Quando o Vitor disse para a Maia sobre a regra de ela não se envolver com amigos do Guga, eu tentei analisar sua expressão, mas me senti desconfortável com o assunto.

Eu não queria que isso fosse verdade. Eu precisava que isso não fosse verdade. Eu queria a Maia e tentaria de tudo para ela quebrar essa regra.

Isso me fez lembrar do Vitor. Droga, se ele voltou para a barraca não me encontrou lá e não sei como vou explicar isso para ele.

O dia estava começando a clarear lá fora. Provavelmente a Maia não queria ninguém xeretando a sua vida e talvez ela até se arrependesse de ter dormido comigo, mesmo não tendo acontecido nada.

Se eu tivesse sorte, o Vitor não estaria na barraca quando voltasse.

Por mais que eu não quisesse, lentamente eu fui tirando meu braço de cima dela. Ainda dormindo, eu puxei o meu outro braço, que estava embaixo do seu pescoço e por último, afastei minha perna. Me levantei devagar. Abri o zíper com cuidado, espiei do lado de fora e aparentemente todo mundo estava dormindo. Verifiquei o horário no celular que marcava cinco e meia da manhã. Voltei para minha barraca e me deitei no colchão me recuperando mentalmente da noite passada e agradecendo a ausência do Vitor.

*

Acordei com o despertador. Dez e meia da manhã. Olhei para o lado e o Vitor estava dormindo.
Ele chegou depois de mim, assim espero.

Não tinha ninguém por perto quando acordei. Dei uma volta e encontrei o Denis pescando. A Lara estava ao seu lado com um livro na mão.

- Bom dia! – Eu disse me aproximando.

- Bom dia! – Ambos responderam.

- Onde está todo mundo? – Perguntei.

- O Guga e a Renata foram atrás do almoço. A Maia foi tomar banho, não sei se já voltou. – A Lara respondeu sem tirar os olhos do livro.

- Entendi. – Disse concordando com a cabeça. – Bom, vou aproveitar e tomar banho também.

E foi o que eu fiz. Não encontrei a Maia pelo caminho. O banheiro do camping era limpo e arrumado. Deixei a água escorrer pelo meu corpo e vesti uma roupa quente.

A entrada dos banheiros era separada por uma pia enorme. A Maia estava secando o cabelo. Desligou o secador assim que me viu.

- Você consegue ser mais comunicativo dormindo do que acordado! – Ela comentou sorrindo.

Minha mãe já tinha me avisado que eu falava dormindo, nunca acreditei. Até hoje.

- Meu deus! O que eu falei? – Disse com a testa franzida.

- Nada!!! – Ela sorriu achando graça. – Você usou um idioma que eu não conheço.

Respirei aliviado.

- Qualquer dia eu te ensino. – Brinquei.

- Vou cobrar! Curiosa para decodificar o que você disse.

- Combinado.

Ela sorriu para mim e depois disse.

- Ei, quer secar o cabelo?

Aceitei. Estava frio, não queria pegar uma gripe.

Enquanto secava o cabelo, a Maia escovava os dentes.

- Você deveria escovar os dentes no banho. Ia evitar mexer na água gelada. – Comentei desligando o secador.

- Você tem razão. Eu esqueci de levar a escova para chuveiro. – Deu de ombros guardando as coisas na necessaire.

- Maia. Eu fui embora antes porque achei que você não queria ninguém me vendo sair da sua barraca! – Senti a necessidade de me explicar.

- Eu sei. – Ela disse de forma sincera.

- E o Vitor ainda não tinha chegado quando eu voltei. – Comentei.

- Que horas você foi embora? – Ela me perguntou.

- Cinco e meia. Por quê?

- Ah, por nada. Quando acordei fiquei na dúvida que horas eram. Ai depois acordei de novo e você tinha ido embora. Queria saber quanto tempo eu dormi nesse meio tempo. – Ela sorriu.

Se ela acordou nesse horário, ela sabia que a gente tinha dormido abraçados e mesmo assim não se afastou, não? Eu precisava perguntar.

- Maia… - Eu disse, mas fui interrompido pela Renata.

- Ei vocês!!! – Ela disse se aproximando junto com o Guga. – Não achamos almoço, porém descobrimos que tem um restaurante mirante… A trilha não é tão grande, o que vocês acham?

Concordamos com a cabeça.

No acampamento informamos o Denis que ainda pescava.

- Poxa pessoal, eu só vou sair daqui quando o sol se pôr. Mas tem como trazer uma marmitinha? – O Denis disse.

- Tudo bem. – O Guga respondeu.

- Eu vou junto. Não aguento mais ver esse lago. – A Lara disse irritada.

Tentamos acordar o Vitor, mas ele se recusou a sair da cama.

A trilha era tranquila, bem arborizada e fresca. As meninas estavam um pouco mais atrás e eu subia junto com o Guga. Porém eu precisava ficar sozinho com a Maia.

Eu estava me sentindo um pouco mal por esconder dele o que estava rolando entre mim e a Maia.

O que estava rolando afinal? Nada! Não tinha acontecido nada. Só dormimos na mesma barraca e eu acordei abraçado com

ela, mas fora isso, não tinha acontecido nada.

- Marc? Tá me escutando? – Escutei o Guga falando ao meu lado.

- Desculpa… estava viajando.

- Eu estava falando, é verdade que te chamaram para tocar na sua ex banda?

- É… Por um tempo. Até o vocalista se recuperar.

- E quando você vai começar?

- Na verdade não vou! Recusei.

- Sério? Por quê?

- Já tive a minha cota! Não estou a fim de perder os finais de semana tocando. – *E além do mais, não queria que isso afastasse a Maia de mim, e aposto que se eu tivesse aceitado isso acabaria acontecendo.* Pensei.

- Falta muito? – A Lara perguntou sem fôlego.

- Nãaao!!! – O Guga gritou.

A vista do restaurante era incrível. Uma infinidade de montanhas. O verde se misturando com o azul do céu. Incrível.

- Vou pedir uma marmita para o Denis. – A Lara anunciou.

No almoço eu lutava muito para não ficar olhando o tempo todo para a Maia e me concentrava nos assuntos aleatórios.

- Hoje vai chover! – A Renata disse.

- Impossível, olha esse céu azul. – A Maia respondeu.

- É o que a previsão diz! – E mostrou a tela do celular.

A Lara terminou de almoçar e voltou para o acampamento.

O Vitor apareceu logo em seguida e ficamos tomando cerveja durante a tarde.

A Renata e o Guga voltaram para o acampamento e cinco minutos depois o Vitor encontrou a menina com quem ele tinha dormido noite passada.

- Cara, você se importa de dormir sozinho hoje. É que eu conheci essa gatinha e vou passar a noite com ela e amanhã ela me chamou para ir à praia.

- Tudo bem. – Eu respondi.

Ele não imagina como isso me ajudava.

O Vitor trabalhava na empresa da família dele. Tinha horário flexível e emendava um rolê com o outro com pessoas aleatórias.

Ele se despediu e voltou no acampamento para buscar suas coisas.

Finalmente fiquei sozinha com a Maia.

Nuvens escuras se formavam no céu e eu achei melhor a gente voltar para o acampamento.

No caminho, eu quebrei o silêncio.

- Maia, em qual parte da manhã você acordou? – Perguntei inseguro.

Ela sorriu ao meu lado e me respondeu.

- Na parte em que a sua respiração fazia cosquinhas na minha orelha. – Ela me encarou.

Ela acordou quase no mesmo horário que eu.

- Desculpa por isso. Acho que fui atraído pelo seu perfume.

- Bem provável, pelo que você me disse.

Eu não tinha falado em códigos afinal.

- O que eu disse? – Perguntei tentando diminuir o ritmo porque estávamos chegando perto do nosso acampamento.

Ela sorriu, andando de costas me disse.

- Sabe de uma coisa Marc? Eu vi na temperatura que essa noite vai ser mais fria que a de ontem e eu trouxe pouco cobertor. Passa na minha barraca que eu te conto o que você disse. – Ela continuou sorrindo. Se virou afastando.

Eu a segui e quando cheguei no acampamento eu fui ajudar o Guga a acender a fogueira.

Precisava urgentemente distrair a minha mente se não iria enlouquecer.

- Quais as chances de um raio nos acertar? – A Lara perguntou.

A Maia tinha ido tomar banho junto com a Renata.

- Quase zero. – O Guga disse. – Tem para-raios em alguns pontos. A possibilidade existe embora as chances são pequenas!

- Ótimo!!! – A Lara reclamou. – De todas as maneiras de morrer, essa definitivamente não era a que eu queria.

Dei uma risada silenciosa e o Guga a ignorou. De longe a Lara era a pessoa menos aventureira.

Quando a Maia voltou do banho, percebi que ela estava usando meu moletom, o mesmo do dia da hamburgueria que ela

não tinha me devolvido.

Ele era preto básico, acho que ninguém sabia que era meu, exceto eu e ela.

Ela sorriu quando me viu e se sentou em frente a fogueira.

Me sentei de frente para ela.

Que tipo de jogo é esse Maia?

A chuva não veio, não até a madrugada. Depois de jantarmos e fofocarmos ao redor da fogueira, todo mundo resolveu ir dormir e eu fui tomar banho porque era o único que não tinha feito.

Na volta até a barraca, senti uns pingos me atingindo. Ao invés de entrar na minha barraca, eu entrei na da Maia.

- Oi. – Eu disse entrando.

- Oiiii. – Ela estava sentada enrolada no cobertor lendo e fechou o livro assim que me viu.

A chuva começou a ganhar força do lado de fora e ventava bastante. Fechei o zíper da barraca porque estava entrando água.

Me sentei no colchão ao lado da Maia. Ela colocou o livro sobre a mala.

- A Renata tinha razão. Não é que choveu!? – A Maia disse abraçando o joelho. – Quais aa chances de a barraca alagar?

- Acho muito difícil. Mas se alagar a gente corre para o carro.

- Uma ótima opção. - Ela disse se deitando no colchão ainda enrolada no cobertor. -Você não está com frio?

- Ainda não. Acabei de sair banho. – Me deitei ao seu lado de barriga para cima.

Ela se virou de lado e eu senti seu olhar me analisando.

- Você está?

- Um pouco!

Peguei meu cobertor, que tinha ficado na barraca dela e estendi, aproveitei e entrei debaixo. Sem sair do lugar, ela se desenrolou do seu cobertor e jogou em cima do meu.

- Duas camadas de cobertor quentinho. - Comentou se ajeitando ao meu lado. Me virei e fiquei de frente para ela.

- Curiosidade, por que você trouxe dois travesseiros? – Perguntei.

- Sei lá, eu sempre durmo com dois na verdade. Costume.

Uma das suas mãos estavam embaixo do travesseiro e a outra no quentinho do cobertor.

A Maia me olhava com um leve sorriso. A chuva continuava caindo do lado de fora. Debaixo do cobertor a gente se protegia do frio.

- Quantos graus vai fazer essa noite?

- A mínima é de cinco. – Ela respondeu.

- O que eu te disse hoje de manhã? – Perguntei de forma direta.

- Você estava realmente dormindo… - Ela disse me olhando. – Você disse que eu era cheirosa.

-Por que você não fugiu do meu abraço? – Perguntei.

- Porque eu também estava te abraçando! – Ela disse sorrindo.

É, pensando por esse lado.

- Meu moletom fica bem em você… - Eu disse por que era verdade é porque eu queria que ela tivesse certeza que eu não deixei esse detalhe passar.

- É, eu sei! É por isso que eu não vou mais devolver.

Coloquei uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha de forma delicada. Ela me encarou e seus lábios ainda estavam curvados em um sorriso.

- Eu gosto quando você faz isso!

- Isso o que? – Perguntei na dúvida.

- Quando você arruma o meu cabelo.

A cada frase que a Maia soltava mais ansioso eu ficava.

Ela estava sendo bastante clara comigo.

Ela ainda me olhava, fixamente nos meus olhos. Senti uma eletricidade percorrer o meu corpo. Eu me sentia seguro o suficiente para beijar a Maia e foi o que eu fiz depois que eu disse.

- Eu amo o seu cheiro Maia!

Levei minha mão até o seu rosto. Com o meu polegar, acariciei sua bochecha enquanto o resto dos meus dedos se entrelaçavam no seu cabelo. Ela ainda se mantinha com o olhar fixo nos meus olhos, imóvel, atenta a cada movimento. Meus olhos passeavam por cada pedacinho do seu rosto. Seus olhos com cílios longos, seu nariz perfeito e sua boca, que me deixava louco todas as vezes. Me

aproximei de maneira suave, me levantando o suficiente apoiando um dos meus cotovelos sobre o colchão e em um movimento sincronizado a Maia se virou ficando quase de barriga para cima. Nossos rostos a centímetros de distância. Eu sentia sua respiração quente com cheiro de menta. Minha mão ainda permanecia acariciando seu rosto, fazendo o caminho da bochecha até a orelha. Ela fechou seus olhos sorrindo, quando abriu me encarando, eu finalmente a beijei de forma delicada. Senti suas mãos na minha cintura. Nossas bocas se encaixavam perfeitamente, como se tivéssemos sido feitos um para o outro. Eu aumentei a intensidade porque estava perdendo o controle.

A chuva do lado de fora, a Maia embaixo de mim, o beijo perfeito, suas mãos apertando a minha cintura. Ainda nos beijando, uma das suas mãos foi até a minha cabeça e seus dedos se perderam no meio dos meus cabelos apertando-os de leve e a outra mão, deslizou por debaixo do meu moletom apertando minha cintura. De forma firme, ela me puxava para mais perto. Foi melhor do que eu estava imaginando.

Me aproximei ainda mais diminuindo o espaço entre a gente. Nossos beijos ficaram mais intensos e urgentes. A Maia deslisou umas das pernas por baixo de mim me fazendo ficar totalmente em cima dela. Sua mão agora passeava sobre as minhas costas subindo o meu moletom. Caramba. Toda a espera valeu a pena. Eu não estava raciocinando direito, senti a pressão aumentar entre as minhas pernas e tinha certeza que a Maia também sentiu. Levei umas das minhas mãos até a sua cintura, eu a apertava de leve e descia minha mão apertando sua coxa e segurando a sua bunda puxando para mais perto até não sobrar nenhum espaço entre a gente. Me afastei do beijo.

- O que foi? – Ela me perguntou baixinho com a respiração irregular me encarando.

Ela estava linda, ela era linda e as vezes eu jurava que estava sonhando. O barulho da chuva, agora mais intensa, preenchia o ambiente.

- Eu… Eu… - Eu disse pausadamente.

- Você? – Ela franziu a testa.

- Você me deixa louco e eu não estou conseguindo me controlar.

Sua expressão relaxou e ela sorriu dizendo.

- Eu não espero que você se controle.

Sua mão ainda continuava acariciando as minhas costas.

Senti a pressão lá embaixo ficar ainda maior.

Sem pensar duas vezes, eu voltei beijá-la.

Me entreguei totalmente ao momento. Deixei a razão de lado. De forma desajeitava, tirei sua calça de moletom e ela fez o mesmo comigo. Puxei a para cima deixando-a sentada no meu colo. Se ela não tinha me sentido lá embaixo antes, agora tinha. Ela me pressionava procurando por algum alívio e emitia baixos gemidos entre nossos beijos. Sua mão passeava pelo meu corpo de forma impaciente. Ela agarrou a barra do meu moletom e subiu tirando. Fez o mesmo movimento com a minha camiseta. Minhas mãos foram da sua coxa até a sua bunda apertando e puxando para mais perto e com um movimento ágil eu tirei seu moletom. Por baixo, a Maia usava uma blusa de alcinha e quando eu a toquei descobri a ausência do sutiã. Instantaneamente, a pressão lá embaixo aumentou de uma maneira que eu não fazia ideia que era possível.

Eu beijava a sua boca, sua bochecha, mordiscava sua orelha e beijava seu pescoço, tudo isso enquanto a minha mão apertava de forma delicada seus seios, passeando de um para o outro. Ela respirava com dificuldade perto da minha orelha me deixando ainda mais louco.

- Marc! – Ela sussurrou.

Tirei sua blusa de forma ágil e a encarei por alguns segundos.

Caramba. A cada segundo que passava a Maia se tornava ainda mais incrível.

- Você é linda Maia. – Eu disse olhando bem nos fundos dos seus olhos.

O rosto dela ficou levemente corado e seus lábios se curvaram em um sorriso tímido.

Ela levou uma das mãos na minha orelha a massageando. Me aproximei e voltei a beijá-la puxando para mais perto.

Eu a deitei, tirei sua calcinha e me livrei da minha cueca.

Em cima dela, pele com pele, um cotovelo apoiado no colchão e minha mão brincando com o seu cabelo, enquanto a minha outra mão apertava sua cintura eu sussurrei.

- Você tem certeza?

Sua pálpebra estava pesada de desejo. De forma séria e profunda ela acenou um sim com a cabeça mordendo os lábios.

Devagar, eu deslizei para dentro dela. Caramba, ela estava molhada, muito molhada. Analisei cada expressão com cuidado. Ela me beijou e eu fui um pouco mais fundo. *Meu deus, isso era muito bom. A Maia era apertada e quente.* Mantive um ritmo delicado, quanto mais ela afundava seus dedos na minha pele mais eu aumentava a intensidade. Nossa respiração estava ofegante, entre um beijo e outro a Maia gemia baixinho. Eu me controlava para durar o máximo possível. Apertava sua coxa e beijava seu mamilo.

Aumentei a intensidade indo o mais fundo que conseguia. Segurei uma de suas mãos acima da sua cabeça. Nossos dedos entrelaçados. Senti a eletricidade correndo pelo meu corpo. A Maia gemeu e senti seu corpo tremendo enquanto sussurrava o meu nome. Em seguida eu senti uma explosão, como fogos de artifício dentro de mim me aliviando.

- Maia… - Eu disse baixinho no seu ouvido.

Seus dedos percorriam minhas costas de forma lente e delicada. Aos poucos nossa respiração foi voltando ao normal.

Deite-me ao seu lado me recuperando.

- Você é perfeita sabia? – Disse sorrindo.

E eu te amo. Pensei.

Ela fez uma careta sorrindo e me abraçou apoiando a cabeça no meu ombro acariciando a minha barriga. Puxei ela para mais perto e beijei a sua testa. Ela subiu à cabeça e me beijou na boca, depois se ajeitou sobre o meu peito novamente e entrelaçou sua perna na minha.

Eu estava no paraíso!

17
Maia

Acordei enrolada no meio dos cobertores. A chuva do lado de fora tinha parado e a claridade invadia a barraca. O Marc não estava ao meu lado. Estiquei meu braço acalcando meu celular para verificar a hora. Seis e meia. Bloqueei a tela e afundei minha cara no travesseiro. Puxei o outro travesseiro e abracei repassando a noite toda na minha cabeça.

Estava sorrindo feito uma boba. Eu não teria imaginado nada mais perfeito do que realmente foi. Fechei meus olhos trazendo de volta as lembranças da mão do Marc passeando sobre meu corpo de forma delicada. Seu olhar afastava qualquer dúvida que eu poderia ter, por menor que fosse. Nunca tinha experimentado nada igual. Foi único e intenso de muitas formas diferentes.

Eu queria que ele estivesse ao meu lado agora. Eu queria acordar e abraçar ele o mais apertado que eu conseguisse e não

soltar nunca mais. Por entre os cobertores eu procurei minhas roupas e me vesti. Ainda sonolenta, voltei a me deitar e deixei minha mente se perder nas lembranças da noite anterior.

O despertador do meu celular tocou tão alto que pulei de susto. Desliguei e me sentei criando coragem para sair da barraca!

Do lado de fora, meu irmão estava acordado arrumando algumas coisas.

- Onde está todo mundo? – Perguntei.

- Renata, Denis e Marc foram tomar banho. Lara ainda está dormindo. – Ele disse sem me olhar. – Me ajuda a desmontar a barraca?

- Sim! – Disse um pouco sonolenta!

Comi quase meio saco de bolacha enquanto ajudava meu irmão. Comecei a organizar as minhas coisas e aproveitei para tomar banho.

O combinado foi almoçarmos em um restaurante que tinha no caminho de casa.

O Marc me ajudou a desmontar minha barraca. O Denis e a Renata estavam levando as coisas no carro e meu irmão e a Lara foram tomar banho. O que me dava alguns minutos sozinha com ele.

- Que horas você fugiu para sua barraca? – Perguntei brincando.

- Longe de mim fugir de você… - E sorriu. – Falei alguma coisa dessa vez?

- Não… - E fiz um movimento de cabeça.

A minha vontade era de puxar ele para perto e não soltar mais.

*

Eu me joguei na cama assim que cheguei em casa! Acampar foi legal, mas o conforto do meu colchão era insubstituível. Eu não sabia o que fazer, queria contar para o meu irmão sobre o Marc, mas não sabia onde isso ia dar. Eu segui meu coração e estava com medo. Medo de me machucar por mais incrível que o Marc fosse.

Bati duas vezes na porta do meu irmão antes de abrir.

- Oi. Tem um tempinho? – Eu disse me sentando na cama.

- Sempre! Qual o problema?

- Não tem problema, eu acho. – Abracei meus joelhos.

- Então o que foi?

- Eu e o Marc, a gente ficou. – Disse fazendo uma careta. Ele sorriu sacudindo a cabeça.

- E isso é ruim?

- Não… Eu não sei na verdade, eu acho que não…

- Como assim?

- A gente se dá bem e tudo o mais. Mas sabe quanto está tudo muito perfeito?

- Sei. – Meu irmão sorriu achando graça. – Nem sempre isso é sinal que vai dar errado Maia.

- Eu sei! Bom, enfim. Eu só queria te avisar… sabe…

- Sei.

- Bom, é isso então. – Pulei para fora da cama e antes de sair meu irmão disse.

- Maia! – Me virei – Se ele te machucar eu o mato. – E piscou para mim.

- Espero que ele não me machuque. Não quero ter que ir te visitar na prisão. – Brinquei sorrindo e fui para o meu quarto.

*

Quarta-feira. Estava tão atolada de trabalho que mal tive tempo de respirar. Minha cabeça estava explodindo, não aguentava mais ver tanta letra na minha frente.

Meu celular tocou, desviei minha atenção para o visor que piscava o nome do Marc.

- Alo!!! – Disse sorrindo.

Desde o final de semana, a gente não voltou a se encontrar pessoalmente, mas trocamos várias mensagens. Eu acabei não o avisando que meu irmão estava sabendo sobre a gente.

- Preciso de cinco minutos.

- Só cinco minutos? – Disse encostando na cadeira e fechando meus olhos.

- Cinco minutos para te propor uma coisa e depois mais umas duas horas até você cansar e desligar na minha cara.

- Acho difícil. Mas, qual é? Fiquei curiosa!

- Eu e você, sábado. Te deixo de volta na sua casa no domingo. O que você acha?

- Para onde?

- Segredo! Mas posso te dizer que é perto.

- E como eu sei o que levar na mala?

- Roupa confortável e quente. Pouco contato social.

- Ok!

- Sério?

- Sim. Por quê?

- Esperava mais perguntas…

- Sinto muito em te decepcionar.

- Não me decepcionou. Longe disso.

- Fico feliz em saber.

Conversamos por mais alguns minutos e depois precisei desligar e voltar a trabalhar.

Fiquei curiosa com o convite. Precisava fazer uma mini mala e fiquei imaginando mil coisas e automaticamente fiquei um pouco ansiosa.

A verdade era que eu estava com saudades do Marc. Deixar o trabalho de lado e correr até a sua casa era tentador, mas coloquei toda a razão pra funcionar e me concentrei no trabalho. Eu realmente esperava que tudo desse certo, porque caso não desse, a queda ia ser grande.

*

No sábado, o Marc combinou de me buscar dez da manhã. Segundo ele, não precisávamos sair tão cedo.

Fiz minha mala com o básico. Roupa confortável, pijama, calcinha, meia, itens de higiene básica e alguns remédios que nunca faltavam.

Estava frio. O vento gelado bateu assim que abri a porta de casa e fui até o carro.

O Marc me ajudou com a mala e ficou sem saber o que fazer, meio perdido na hora de me cumprimentar e decidiu por um abraço. Achei engraçado e entrei no carro fugindo do frio.

- Ainda vai manter segredo? – Perguntei assim que ele colocou o cinto.

- Sem segredos! Pensei em passar um dia em um hotel estilo chalé. – E deu de ombros.

Sorri, me aproximei e o beijei.

- Senti falta disso. – Ele disse assim que me afastei.

- Eu também.

O sol brilhava do lado de fora trazendo um quentinho reconfortante.

De fato, o lugar era perto e eu não fazia ideia que existia. Menos de meia hora da cidade e ao mesmo tempo isolado.

O verde ao redor deixava tudo mais lindo, se misturando com o azul do céu.

Fiquei sentada na mini recepção analisando o Marc enquanto ele preenchia os papéis. Descarregamos a mala do carro e procuramos pelo número oito.

Eu senti uma ansiedade se formando assim que entramos.

O lugar era agradável, com piso de madeira e paredes brancas. Cheirava limpeza e tinha uma minicozinha.

- Você pretende cozinhar? – Perguntei brincando.

- Na verdade sim! Pensei em preparar o jantar. – Ele me encarou sorrindo. – E pensei que você poderia me ajudar.

- Sério?

- Que eu vou cozinhar? Sim! Por quê? – Ele disse franzindo a sobrancelhas com ar de riso.

- Nada. – Dei de ombros. - Achei que você estivesse brincando.

- Não! Mas se você quiser a gente pode comer em algum lugar!

- Não!!! Lógico que não…

- Perfeito então. Eu vou buscar as sacolas no carro.

Enquanto o Marc buscava o restante das coisas no carro, eu aproveitei e fucei os armários da minicozinha e me surpreendi ao descobrir que ela era bem equipada.

Colocando uma caixa com os ingredientes sobre a bancada ele me diz.

- Tem um mirante por aí, pelo que pesquisei. Pensei que a gente poderia ir e comer alguma coisa no restaurante que tem perto. O que você acha?

- Uma ótima ideia.

Minha roupa estava apropriada para uma pequena caminhada. Um conjunto de moletom e um tênis confortável. Antes de sair, mandei uma mensagem para o meu irmão avisando que tinha chegado e mandei a minha localização. Sempre bom.

A subida até o mirante foi tranquila. A gente conversava qualquer assunto que surgia.

O restaurante era simples, porém a comida era muito boa.

- O pôr do sol aqui deve ser lindo. – Comentei.

- A gente pode ficar até o pôr do sol se você quiser.

Sorri e concordei com a cabeça.

- Minha vista agradece por eu ver outra coisa além de números e letras…

- Muito trabalho essa semana?

- Muito!

Terminamos de almoçar e nos sentamos no deque apreciando a vista.

- Maia, posso te fazer uma pergunta?

Eu sempre me sentia nervosa quando ele anunciava que queria fazer uma pergunta.

- O que você disse para o seu irmão, sabe…? – *Sei?* Com a sobrancelhas franzidas perguntei.

- Sobre onde eu vou passar a noite?

- Isso!

- Eu contei… que ia vir com você! Contei para ele que gente ficou.

- E ele?

- E ele nada. – Dei de ombros.

- E o seu pai?

- Eu contei que ia sair com você e voltava amanhã. Não sei se o Guga comentou alguma coisa com ele na verdade, só sei que ele não disse nada além de, divirta-se e juízo. – Sorri.

- Ele não fica bravo? – Ele perguntou inseguro.

- Meu pai?

- Sim.

- Bravo por eu estar saindo com você especificamente ou bravo por estar saindo com alguém?

- Pelos dois.

- Não… bom, na verdade ele nunca me viu saindo com ninguém antes, não fazia muito sentido contar, sabe... Então não sei se ele iria ser tranquilo ou se ele é tranquilo com você porque te conhece. E você? O que disse para sua mãe?

- Disse que ia sair com você.

- E ela, falou alguma coisa?

- Não… acho que ela até ficou feliz.

- Isso é bom… para o meu lado, sabe. – Dei uma risadinha nervosa.

Nunca fui bem aceita na vida, exceto pela minha reduzida família que metade dela não era parente de sangue. É inevitável eu não me sentir insegura.

- Ei, minha mãe vai te amar! Aliás ela gosta de você!!! – O Marc disse me puxando para um abraço e beijou meu pescoço. Me aninhei no seu colo e encostei a cabeça no seu ombro apreciando a paisagem enquanto seus braços se mantinham ao meu redor como um escudo.

- O sentimento muda quando ela descobrir que eu não sou só uma amiga.

E geralmente era isso que acontecia.

Bastava as mães saberem que a relação de amizade foi além com uma garota para elas mudarem o sentimento.

Fechei meus olhos por um segundo inalando o seu perfume.

- Minha mãe não é assim. E você não precisa ficar insegura. – Ele disse. Seu hálito quente fazia cosquinhas na minha orelha. Levantei a cabeça, me ajeitei de frente para ele, nossas pernas entrelaçadas de forma bagunçada. Olhei bem no fundo dos seus olhos enquanto ele ajeitava uma mexa do meu cabelo acariciando minha bochecha com o polegar.

- Prometo tentar não ficar. – Eu disse.

Ele me beijou. Um beijo quente e delicado. Seu abraço me protegia do vento gelado que batia de leve.

O pôr do sol foi um dos mais bonitos que eu já tinha visto. O frio aumentou conforme a noite foi se aproximando.

- Eu vou tomar um banho antes, tudo bem? – Anunciei assim que cheguei no chalé.

- Sim! Ai quando você sair eu tomo.

- Tá.

Lutei um pouco com o chuveiro e depois de uns cinco minutos consegui deixar a água na temperatura certa. Aproveitei cada segundo do meu banho e vesti o roupão para ir até o quarto.

O Marc estava sentado na cama vendo alguma coisa no celular. Ele desviou a atenção da tela e me encarou por alguns segundos. Mesmo de roupão e mesmo o Marc já ter me visto pelada antes, eu me senti tímida e tenho certeza que meu rosto ficou vermelho. Pelo menos poderia culpar o banho quente.

- Minha vez. – Ele disse se levantando. Caminhou na minha direção, segurou meu rosto com as duas mãos, me beijou e completou. – Você é linda sabia?

E antes que eu pudesse responder qualquer coisa ele entrou no banheiro fechando a porta.

Ok! Aproveitei os minutos sozinha e me troquei.

Excelente Maia, você trouxe seu pijama mais geek possível! Bom, mas se tivesse pegado a minha camisola não sei se iria me sentir confortável o suficiente! Deixa de ser idiota, ele já te viu pelada.

Corrigi meus pensamentos e foquei na mala a minha frente me vestindo. Estava escovando meu cabelo quando o Marc saiu do banho enrolado na toalha.

Foco Maia, foco!

Me levantei um pouco tonta da poltrona e procurei o secador na minha mala.

Ao contrário de mim, o Marc não parecia nada tímido na minha frente, se trocou de forma espontânea. Afinal, o que seria eu ver o que eu já senti?

Meu rosto ficou vermelho de novo com a lembrança e um calor percorreu o meu corpo.

Terminei de secar meu cabelo e fui ajudar ele na minicozinha.

- Você prefere beber vinho ou cerveja? – Ele me perguntou procurando alguma coisa no armário.

- Pode ser vinho. Você também vai beber ou vai me deixar na mão igual da última vez? – Provoquei.

- Eu também vou beber, e, em minha defesa, eu estava dirigindo.

Procurei no armário em cima da pia e por incrível que parece eu encontrei taças e abridor.

- Posso te ajudar abrindo o vinho… cozinhando não garanto.

Ele sorriu. Abri o vinho e servi, entreguei uma taça para ele.

- Zero habilidades na cozinha? – Ele me perguntou.

- Eu diria um em uma escala até dez! – Sorri e ele sorriu de volta.

- E esse um seria o que? Um ovo frito?

- Jamais! Eu sempre deixo grudar. Esse um se resume a miojo.

- Já existe panela antiaderente sabia? – Ele provocou enquanto enchia uma panela de água e levava até o fogo. Pegou alho e cebola e começou a cortar.

- Sabia. Comprei uma, o ovo não grudou, mas deixei queimar.

- Meu deus Maia! E como você sobrevive? Não vai me dizer que é de miojo.

- Não… Delivery. – Dei de ombros. Ele me encarou com um ar julgador. – Sem essa de me julgar! – Me defendi.

- E na época da escola? Imagino que seu pai não tinha tempo de cozinhar.

Eu não sabia que isso era possível, mas o Marc ficava ainda mais lindo picotando cebola.

- Quando meu vô era vivo, ele que preparava as refeições. Depois disso, meu pai contratou uma cozinheira para o almoço e ela sempre deixava a janta pronta, acho que ficava com dó de duas crianças. Depois que eu mudei de escola, eu almoçava lá e o Guga na época já trabalhava e fazia faculdade, mal ficava em casa e comia na rua mesmo. Meu pai se virava como sempre fez. Quando chegava da escola eu geralmente pedia alguma coisa ou recorria ao miojo! Em São Paulo só delivery. – Me expliquei.

- Uau! Você não cansa? – Ele mantinha a atenção na panela a sua frente e eu mantinha a minha atenção nele sem perder qualquer

detalhe.

- Eu sinto saudades da comida do meu avô. Mas me acostumei depois, sabe… - Apoiei minha cintura na pia e bebi um pouco do vinho.

- Você sente falta dele né!? – Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

- Muita! Às vezes eu me pergunto… - Fiz uma pausa. – Se ele iria continuar gostando de mim quando soubesse que na verdade ele não era meu avô sabe, de sangue.

O Marc parou de mexer a panela e me encarou por alguns segundos.

- Ei Maia… lógico que sim! – Ele beijou a minha testa. – E como você sabe que talvez ele soubesse? Você mesmo disse que seu pai desconfiava.

- Ele não sabia. Eu perguntei para o meu pai. – Forcei um sorriso e mudei de assunto. – Mas, e você, como aprendeu a cozinhar?

- Fui forçado. – Ele sorriu. – Minha mãe finalmente decidiu se divorciar, mudamos para cá, ela precisou trabalhar muito mais porque meu pai pagava uma merreca de pensão que mal dava para a escola. Precisei me virar, não podia alimentar a Yara com miojo todo dia.

- Queria que o Guga pensasse assim! – Brinquei.

- Pode ter certeza de que ele cuida de você de outras maneiras.

Franzi minhas sobrancelhas curiosa.

- Como assim?

- Ah Maia. Sabe, a gente só foi se conhecer aquele dia na sua casa, depois da farmácia. Mas isso não significa que eu nunca tenha escutado sobre você. Às vezes, algum amigo dele, na maioria das vezes idiota, perguntava de você e eu sentia uma certa hostilidade da parte dele.

- Sério? Não sabia. Não consigo imaginar ninguém perguntado de mim.

- Não precisa ir muito longe. O Vitor mesmo é um. No paintball o foco principal do seu irmão era ele.

- Porque fazia mais sentido. A Renata é namorada, eu sou irmã e a Lara, bom, a Lara se auto elimina.

- Se é nisso que você quer acreditar. – Ele deu de ombros. – Mais cinco minutos e tá pronto. – Ele disse encerrando o assunto.

Aproveitei e arrumei a mesinha de dois lugares.

Caramba, ele sabia cozinhar! O cheiro fez meu estômago roncar. Ele tinha preparado um risoto de queijo que ganhava de muito restaurante por aí.

- Cacete!!! A Yara está no céu. – Brinquei.

- Ela odeia risoto! E olha que tentei de todos os sabores.

Só percebi que estava com fome quando terminei de comer o segundo prato.

- A louça é comigo. – Disse retirando o prato quando terminamos.

O Marc aguentava beber mais do que eu. Ele abriu outra garrafa enquanto terminava de lavar os pratos.

- Está um pouco frio, você quer que eu ligue a lareira?

- Pode ser!

A torneira não era aquecida e minha mão estava quase congelando.

Eu o observei acendendo a lareira e deixando uma fresta da janela aberta para circular o ar. Aproximei me sentando no sofá com a minha taça e antes do Marc se juntar a mim ele pegou um cobertor.

- Esqueci de falar!!! Gostei do pijama!

- Você está sendo irônico? – Estreitei meus olhos em dúvida!

- Não… to falando sério. Você fica fofa. – Ele sorriu.

Meu pijama era listrado, igualzinho os que meu avô usava.

Bebi mais um gole do vinho e encostei minha cabeça no sofá analisando cada pedacinho do rosto do Marc.

- Posso te perguntar uma coisa? – Ele disse se ajeitando no sofá.

Da última vez a pergunta não foi tão ruim assim.

- Pode.

- Com quantos meninos você já…? - Ele não terminou a pergunta.

As chances de nada de bom sair dessa conversa é alta, mas ele queria saber e sinceridade era uma coisa que eu prezava.

- “Já” você quis dizer mais do que beijar? – Levantei minha cabeça o encarando. Ele concordou com a cabeça e disse.

- Não precisa responder se não quiser. Aliás, esquece que eu te perguntei.

- Quatro. Três sem você! – Analisei sua expressão. – Os três da faculdade. Sabe, não foi de primeira igual foi com você! Nenhum durou mais do que dois meses. – Dei de ombros. Ele permaneceu quieto, pensativo.

- Todos estudavam na mesma faculdade que você? – Não entendi a pergunta de primeira.

- Sim! – Senti sua expressão relaxar.

- Você já ficou com o Henrique?

Agora entendi a pergunta! Ele queria saber sobre o Henrique.

- Não! Ele é meu amigo. Sempre foi só amigo…

Ele concordou com a cabeça! Eu queria saber dele?

Maia, você queria saber o histórico dele? Provavelmente foi o triplo. Mas o que de tão ruim poderia ter? O pior foi a Gabi e disso você já sabe.

Eu me controlava demais para não pensar nos dois juntos…

- E você? – Perguntei insegura.

- Três. Com você. - Acho que fiz uma cara tão surpresa que ele disse. – Esperava mais?

- Sim! – Disse sincera! – Fala sério, você é bonito e tocava em uma banda! – Me justifiquei.

- Eu namorava quando tocava.

- A Gabi foi a sua primeira?

- Não. A primeira foi uma amiga do meu primo. Foi bem aleatório. Eu sempre fui mais tranquilo Maia. Se você esperava mais de mim, sinto muito em te decepcionar.

- Pelo contrário. – Eu disse o encarando.

- Posso te confessar uma coisa?

- Pode!

- Eu estou sendo sincero, quero que você tenha consciência disso! Tudo bem?

Concordei insegura.

- Nada, nenhuma vez… - Ele respirou fundo me encarando e colocando uma mecha atrás da minha orelha. – nenhuma vez, nem metade dela, foi igual ao que foi com você! Eu não saberia definir nem sei eu tentasse.

Senti uma eletricidade misturada com uma felicidade percorrer o meu corpo. Se isso fosse mentira eu caí igual uma tonta! Eu deveria confessar o mesmo? Nenhuma das outras vezes foi tão intenso como foi com o Marc! Minha mente girava e eu não conseguia formar nenhuma frase.

Tudo estava em câmera lenta.

Sua mão firme agarrando a minha cintura e me puxando para perto. O cobertor nos abraçando e o barulho da madeira queimando na lareira ao nosso lado. Ele me beijou, tão igual e tão diferente da última vez.

Eu amava quando sua mão envolvia os meus cabelos. Apertei minha perna ao redor da sua cintura o mais forte que consegui aumentando o nosso contato e ali estava ele, tão excitado quanto eu.

Entre beijos e gemidos eu tirei a sua camisa em um movimento rápido e o Marc fez o mesmo comigo.

Meu pijama poderia ser sem graça, mas eu fiz a escolha certa na lingerie e eu tive a certeza disso pelo seu olhar.

Toda a minha timidez de antes desapareceu me deixando totalmente confortável. Isso era tão novo e incrível.

Voltei a beijá-lo. Em movimentos confusos eu tirei o restante da sua roupa enquanto ele tirava a minha e sem perceber a gente estava no chão. O tapete felpudo se misturando com o cobertor e nossos corpos entrelaçados.

Eu me sentei no seu colo e o senti, como da última vez.

Deslizando dentro de mim. Abafei um gemido de prazer. Ele agarrava a minha bunda com uma das mãos e deixava a outra livre para percorrer meu corpo. Com movimentos coordenados eu me movimentava o beijando.

Não existia mais ninguém no mundo, só eu e ele.

Tudo era tão íntimo e intenso. De forma natural, como se a gente soubesse o que cada um queria, o Marc me deitou de costas no chão. Em cima de mim, ele me encarava com as pálpebras

pesadas. Seu braço ao redor da minha cabeça me dava livre acesso ao seu bíceps que eu apertava com uma das mãos enquanto a outra acariciava as suas costas. Seu ritmo foi ficando mais intenso conforme ele me beijava. Eu senti meu corpo formigando e o prazer me dominando. O Marc segurou a minha mão apertando enquanto, de uma forma sincronizada, a gente chegou ao clímax juntos.

Eu não sabia que poderia ser melhor. Ainda dentro de mim, ele beijou minha orelha fazendo cosquinhas com a sua respiração irregular.

Sorri e ele sorriu de volta me olhando e acariciando meu rosto.

- Eu já te disse que você é perfeita?

Sorri arrumando uma mecha do seu cabelo.

- Você também é. – Disse o encarando.

Ficamos por mais alguns minutos deitados no chão. A lareira estava quase apagada e o Marc sugeriu de irmos para a cama.

Embaixo do edredom branco e fofo, ele me abraçou envolvendo seus braços ao meu redor. Fechei meus olhos e quando menos percebi já estava dormindo, não sei se era pela semana cansativa, pela falta de sono, pelo vinho, por me sentir segura ao seu lado ou tudo junto.

18
Marc

Fiquei observando a Maia dormindo nos meus braços. Ela desmaiou em menos de cinco minutos. Acariciava seus cabelos e sorria feito um bobo sem acreditar que ela era *minha*.

Três!!! Três antes de mim. Queria ter sido o seu primeiro e único. Queria que ela fosse a minha primeira e única. Fiquei feliz em saber que nunca aconteceu nada entre ela e o Henrique. Provavelmente porque ela não quis. Eu precisava deixar meus ciúmes de lado e tentei esquecer isso. Mas eu tinha problemas com confiança, sabia disso!

Ainda dormindo, ela me abraçou aquecendo meu coração.

Não conseguia imaginar como a Maia ainda poderia se sentir insegura! Ela é linda, especial e todo mundo ao seu redor a ama. Desde quando ela me contou que não era filha biológica do Dr. Paulo eu fiquei me imaginando na mesma situação. Era natural ela se sentir insegura. Bullying na infância e adolescência, descobertas e perdas. Eu queria protegê-la o máximo. Eu também tinha minhas

cicatrizes e inseguranças, mas a Maia me fez acreditar em tudo de melhor que a vida poderia ser. Eu a amava e queria que ela nunca duvidasse disso.

Me perdi nos meus pensamentos e acabei pegando no sono.

Acordei um pouco perdido. Aos poucos voltei para a realidade. Olhei para o lado e a Maia não estava, verifiquei o horário no relógio da cabeceira que marcava uma e meia da manhã. Escutei a descarga e a porta do banheiro se abrindo. Com o quarto escuro, ela voltou para debaixo do cobertor e eu a puxei para perto.

- Não queria te acordar. – Ela disse se aninhando nos meus braços.

- Não acordou! – Beijei sua testa. – Prefiro você sem roupa. – Brinquei levando minha mão embaixo da sua camiseta.

Ela sorriu e me abraçou mais forte.

- Achei que você tinha fugido. – Brinquei.

- Não… quem faz isso é você. – Ela sorriu.

- Contra a minha vontade. – Disse.

Ela passeou os dedos na minha barriga.

Automaticamente me senti desperto e aposto que ela também sentiu porque se aproximou me beijando.

- Maia, desse jeito eu vou te sequestrar. – Disse com voz rouca.

Ela sorriu entre os beijos e disse.

- Eu iria amar.

Me beijando de forma intensa, ela ficou sobre mim e eu me rendi totalmente.

*

O dia estava claro lá fora, acordado, mas ainda de olho fechado, a Maia acaricia de leve minha barriga com a cabeça encostada no meu ombro. Fingi que ainda estava dormindo aproveitando o momento por alguns segundos.

- Marc, tá acordado? – Ela disse baixinho quando me mexi.

- Aham… - Respondi ainda sonolento.

Ela me olhou e voltou a encostar a cabeça no meu ombro. Me virei de lado ficando de frente para ela.

- Bom dia! – Eu disse piscando lentamente me forçando a acordar.

- Bom dia!!! – Ela me deu um selinho.

- Que horas são? – Perguntei.

- Quase dez!

Resmunguei e a abracei.

- Não quero ir embora!!!

- A gente pode ir amanhã de manhã!!! – Ela sugeriu.

- Não da. Amanhã eu vou viajar e volto só na quinta!!! – Disse desanimado.

- Viajar para onde?

- A trabalho. Tem um cliente em Minas que a cada um ano a empresa da assistência em algumas máquinas.

- Bom. Então na quinta a gente se vê de novo.

Enterrei minha cabeça no travesseiro e soltei um grito abafado.

- Não seja dramático… - Ela disse brincando. – Eu vou tomar banho.

- Não… - Eu disse quando ela fez um movimento de se levantar. – Fica mais um pouco aqui…

E ela ficou.

*

Graças a Maia, a louça estava toda limpa. Arrumamos nossas coisas e decidimos almoçar no restaurante da pousada.

No caminho de volta, concentrado na estrada, escutava a Maia cantando baixinho. Sorri achando a coisa mais fofa do universo.

- O que foi? – Ela perguntou se virando de lado.

- Nada!!!

- Sério… Qual a graça? – Ela me encarava.

- Nada… Você fica muito fofa cantando sabia. – Olhei na sua direção.

Com o rosto corado ela fez uma careta.

- Meu irmão perguntou se a gente quer ir lá pelas três no pub? – Ela disse encarando o celular.

- Se você quiser, podemos ir.

Eu sabia o quanto a Maia ficava ressentida em sair na cidade, ainda mais depois do que aconteceu da última vez! Se antes a Gabi e sua turminha tinha dúvidas sobre mim e a Maia, agora ela teria certeza, e eu não me importava nem um pouco com isso, mas ficava preocupado com o que ela poderia fazer com a Maia.

- Pode ser. – Ela respondeu. – Vou avisar meu irmão!!!

*

De volta para a realidade. Deixei a Maia na sua casa e fui para minha descarregar as minhas coisas! A noite teria que fazer a mala outra vez!

- Já chegou? – Minha mãe perguntou assim que eu bati a porta da entrada.

- Já!!! Mas já to saindo de novo, vou no Pub.

- Hm!!! – Ela disse. – Ah, antes que eu esqueça o Leandro te ligou.

Fala sério. Eu já disse que não ia voltar a cantar, mas o cara insistia em me ligar. Deixei meu celular no silencioso esse final de semana e ignorei todas as mensagens para aproveitar o máximo possível com a Maia.

- Tá!!! Depois eu falo com ele.

Não pretendia falar com ele. Já tinha dito que não ia rolar eu voltar para a banda, nem que por um período pequeno e mesmo assim ele insistia.

*

O pub estava cheio. A banda era boa e o pessoal acabava aparecendo mesmo sendo domingo. Não olhei muito as pessoas a minha volta porque não me interessava.

Estava um pouco ansioso com a reação do Guga. Desde quando eu comecei a me relacionar com a Maia eu não o vi mais e por mensagem ele parecia o mesmo.

Eu sabia que ele era ciumento, mesmo a Maia acreditando que ele não se importava.

A Renata e a Lara estavam com um risinho bobo no rosto quando viu a gente juntos. Percebi a Maia ficando tímida, mas ela se saiu bem. O Guga continuava a mesma pessoa comigo e o Denis não expressou nenhuma reação. Já o Vitor se aproximou e me perguntou qual a bruxaria eu tinha feio… Sorri e dei de ombros.

Sim, a Gabi e sua turminha estavam e ela não parecia nada feliz. Protegi a Maia da visão dela o máximo que consegui e fiquei atento ao meu redor.

- Ei, o que você tem? Parece distante!!! – Ela disse me encarando.

- Nada!!! – Menti. – Triste que só vou conseguir te ver na quinta. – Verdade.

- Passa rapidinho. – Ela disse sorrindo.

Concordei com a cabeça e a beijei.

*

O que eu mais temia, aconteceu! Denis, Lara e a Renata foram embora meia hora antes. Eu, Maia e o Guga, ficamos até a banda terminar. Na verdade, por mim, eu teria ido embora junto com os três, mas o Guga queria terminar de ver a banda. Em grupo maior a probabilidade de alguém nos provocar era menor.

Na saída, eu foquei em chegar no carro o quanto antes sem olhar para os lados. O Guga estava começando a ficar alegrinho pela bebida e a Maia parecia tranquila ao meu lado.

Tinha alguém atrás da gente, eu estava em alerta o suficiente para reparar no barulho de passos. Não me virei, apenas continuei. O Guga ao meu lado e a Maia do outro. Puxei ela para mais perto a deixando quase na minha frente.

- A bastardinha não consegue se defender sozinha? Precisa sair com dois seguranças.

Sem me virar, segurei o braço do Guga ao meu lado forçando-o a continuar. Senti a Maia estremecer na minha na frente, apertei sua mão com mais força para ela se sentir segura.

Vendo que a provocação não teve resultado, o Aldo jogou mais baixo e escutei a risadinha da Gabi de fundo.

- Como é bastardinha, ficar com a sobra da Gabi? Ahh, esqueci, você já deve estar acostumada!!! Deve ter puxado a biscate da sua mãe… ou quem sabe do seu pai? Sabe lá quem é…

Antes de conseguir segurar o Guga de novo, eu vi de relance ele se virando e escutei um barulho de soco. *Droga!* Eu não julgo o Guga. Ele viu a irmã sendo ridicularizada mais vezes do que eu. Foi difícil me controlar, muito difícil, mas sabia que a Maia não queria confusão. Me virei e antes que o Aldo se levantasse do chão com o nariz sangrando eu vi o amigo dele indo para cima do Guga. Ao separar a briga acabei levando um soco no nariz. O Guga era mais alto e mais forte do que qualquer um ali. O nível da burrice dos caras era de se admirar. Com um soco do Guga o amigo do Aldo foi parar no chão. Aproveitei a brecha e forcei ele a ir para o carro.

Cadê a Maia? Pensei.

Na confusão eu me perdi dela. Olhei ao redor procurando rápido e a vi ao lado do carro, a Gabi estava perto falando alguma coisa. Ela permanecia em silêncio a encarando com os braços cruzados.

Quando a Gabi percebeu que eu estava chegando perto com o Guga, ela fugiu com passos apresados. Encarei a Maia por um momento que não me olhou.

- Idiotas!!! Idiotas!!! – O Guga xingava ao meu lado. – Isso tem que parar Maia. O que a gente pode fazer? – Ele disse agitado.

Olhei pelo retrovisor preocupado. A Maia permanecia em silêncio com a cabeça baixa. Fiquei preocupado.

O que a Gabi tinha falado para ela?

- Maia!? – Eu disse chamando a sua atenção.

- Nada! A gente não pode fazer nada. – Ela disse me olhando pelo espelho com os olhos vermelhos.

Meu nariz estava sangrando. Eu senti quando o líquido quente escorreu depois do soco. O Guga ia ganhar no máximo um olho roxo. E os dois idiotas, se a gente tivesse sorte, teriam o nariz quebrado.

Uma tensão tomou conta de mim. Fiquei ansioso e com medo. Desci do carro quando cheguei na casa da Maia. Ela permanecia em silêncio. O Guga ainda estava soltando xingamentos de forma aleatória.

Subi as escadas e segui a Maia até o banheiro.

- Maia. – Eu disse quando ficamos sozinhos.

- Eu vou limpar seu nariz e ver se não quebrou.

- Não quebrou. – Eu disse segurando seus pulsos fazendo a parar e me olhar.

Ela tinha chorado e eu odiava isso.

- O que a Gabi te disse? – Perguntei ainda segurando seus pulsos no ar.

- Nada! – Ela disse e uma lágrima solitária escorreu no seu rosto. Limpei com o polegar.

- O que ela te disse? – Insisti.

Ela não respondeu. Encarou a pia do banheiro e forçou a mão para baixo tentando fugir do meu contato. Soltei e permaneci em silêncio.

Ela pegou alguma coisa na caixa de primeiros socorros e começou a limpar meu nariz.

- Eu odeio isso Marc! – Gelei. – Odeio te ver machucado e sangrando. – Ela continuava limpando um pouco trêmula.

- Maia, para, vem aqui. – Eu disse fazendo a parar e puxei ela para um abraço.

Ela chorou baixinho e senti suas lágrimas na minha camiseta. Acariciei seu cabelo e segurei ela em um abraço forte.

Sentia meu coração disparado de raiva e nervoso.

- Se você quiser, eu vejo de não ir viajar amanhã. Tento conversar com o meu chefe. – Disse.

- Não… - Ela disse se afastando e limpando as lágrimas. – Não precisa. Eu estou bem, sério.

Ela estava mentindo e eu sabia disso! A Maia não estava nada bem.

19
Maia

Como pode um dia perfeito se transformar em um dia horrível? Bom, na minha vida isso acontecia de uma forma bem natural.

Sábado foi tão incrível, tão surreal, eu me senti tão segura, que eu acreditei que nada pudesse me derrubar. Mas todas as vezes que as coisas finalmente começavam a fluir, a vida vinha e me dava uma rasteira me trazendo de volta para a realidade. E a realidade, a realidade eu e Marc, era a que eu mais temia.

Eu menti falando que eu iria ficar bem. Menti tão mal e ele fingiu que acreditou. Eu fiquei irritada e brava comigo mesmo por ainda me deixar afetar pelas palavras da Gabi.

"Você não percebe? O Marc só está com você para se vingar de mim."

Foi o que ela disse. Quando permaneci em silêncio ela continuou rindo com ironia. *"Já até posso imaginar as mentiras que ele te disse… Você caiu direitinho."*

Eu não queria conversar com meu irmão sobre o que a Gabi tinha dito. Na verdade, eu acho que ele nem percebeu.

Tentamos esconder do meu pai, mas o olho roxo do Guga denunciou. A cidade era pequena e uma hora ou outra ele ia acabar descobrindo. A reação dele não foi das melhores.

- O que eu faço com vocês? Uma hora é um sangrando sentado na privada. Outra hora é uma que me aparece com o pé quebrado e agora você com o olho roxo!!!

- Pai, a gente não teve culpa. – Meu irmão se explicava pela segunda vez contando tudo o que tinha acontecido.

- Maia!!! – Ele me disse encarando. – Isso precisa parar! Eu vou na casa da mãe dessa menina.

- Não pai! – Meu deus, isso seria tão humilhante. – Uma hora ela para.

- Foi o que você me disse quando ela te empurrou da escada. Acho que ela não parou, né? – Ele respirou fundo. – Não tem como processar? Não tem imagem de segurança?

- Não sei. E mesmo se tivesse, o Guga bateu primeiro.

- Droga!!! – Meu pai disse frustrado. – Eu vou pensar em alguma coisa. – Ele disse e logo em seguida precisou correr para o hospital para uma emergência. – Essa conversa não acabou! – Ele disse se afastando.

*

Minha mente insistia em voltar naquele final de domingo. Me sentia ansiosa e comecei repassar todos os meus momentos com o Marc e duvidar deles.

É possível eu ter sido tão cega assim? Sim! Era possível.

Eu não estava normal com o Marc e mesmo por mensagem ele conseguia perceber. Na terça feira ele me ligou e ficou comigo no telefone por uma hora. Era impossível ele mentir tão bem. Tudo era tão real e intenso e eu estava tão confusa. Precisava de uma luz, de um guia, alguém que enxergasse de fora. E eis que eu recebo essa luz quando a notificação piscou na tela do meu celular.

Henrique diz: Maia, seu pai me contou o que aconteceu. Está tudo bem? Quer conversar?

Sim. Eu queria conversar.

Maia diz: Mais ou menos. Sim, você está livre amanhã?

Henrique diz: Sim! Se quiser hoje também…

Maia diz: Pode ser hoje sim.

Henrique diz: Pode ser no café? Final da tarde?

Maia diz: Sim! Te encontro lá às cinco.

No café, encontrei o Henrique sentado em uma mesa mais reservada.

- Oi!!! – Disse me sentando na sua frente.
- Ooiii! – Ele disse soando animado. – Você parece cansada!
- Eu estou cansada na verdade. – Disse apoiando meu cotovelo na mesa. – Não tenho dormido muito bem.
- Maia. O que aconteceu afinal? Seu pai comentou por cima…

Antes de contar sobre o domingo, fizemos nossos pedidos.

Contei tudo sobre o domingo e sobre a minha pequena história com o Marc, incluindo o que a Gabi me disse.

- Eu não acho que ela estava falando a verdade. – O Henrique disse com a testa franzida.
- Foi o que eu pensei de primeiro. Mas depois… - respirei fundo – depois eu pensei que poderia ser verdade. Talvez ele soubesse que a Gabi me odiava e ficou comigo para se vingar!
- É uma chance, mas ele foi assim tão convincente desde o começo? Eu acho que seria difícil manter um personagem por tanto tempo. E por que ele continuaria depois da primeira provocação? Ele não teve a vingança dele aí?
- Pode ser, eu não sei!!!
- Maia! Vamos pensar juntos! Você sabe que os dois nunca mais se falaram depois do término, se é verdade ou não a gente não sabe ao certo, mas parece ser. Depois, ele te defendeu quando você precisou, duas vezes. Ele recusou tocar na antiga banda, provavelmente porque não quer mais contato, talvez porque seria

difícil para você, visto que os caras são da turma da Gabi! A Gabi te odeia, o prazer dela é te provocar. Você nunca caiu na pilha, deixando-a ainda mais brava. Agora você começou a se relacionar com o ex dela que simplesmente a ignorou assim que descobriu que estava sendo traído, a Gabi nunca foi de ser ignorada. É óbvio que ela vai tentar acabar com isso. As duas pessoas que ela não consegue atingir juntas? Ela deve estar realmente irritada.

- Você acha que eu devo deixar isso de lado?

- Eu acho que sim! Se você sente que ele está sendo sincero, por que cair na pilha de uma menina que te odeia?

- Mas, e se for verdade? E se eu estiver entendo tudo errado.

- É um risco Maia. É a vida! Se for tudo mentira, eu te ajudo a recolher os pedacinhos quando você se quebrar! Mas, e se não for? Você vai perder isso?

- É. Acho que você tem razão.

- Mudando de assunto. – Ele disse bebendo um gole do café – Meu pai está namorando!

- Sério? Quem?

- Não sei o nome. Marcou um jantar amanhã para eu conhecer. Ei, você poderia ir comigo né? Para me dar uma força.

- Não sei… não é uma coisa de família?

- Família… - Ele revirou os olhos.

- Pode ser… se for te dar um apoio.

- Valeu Maia. Vai me ajudar sim.

A relação do Henrique com o pai era neutra. Quando ele entrou na faculdade seus pais se divorciaram, mas aparentemente a mãe não aceitou muito bem e acho que ela gosta dele até hoje, mesmo tento um namorado. Toda vez que ele ia visitar o pai a mãe fazia um milhão de perguntas e sempre queria que ele investigasse a vida amorosa do pai.

Voltei para casa mais leve e consegui agir normalmente com o Marc, mas senti ele distante, ou era coisa da minha cabeça.

*

Quarta-feira! Mais um dia e eu veria o Marc. Estava com saudades e eu quase não conversei mais com ele durante o dia.

Combinei com o Henrique e ele veio me buscar no horário combinado.

- Ansioso? – Perguntei entrando no carro.

- Não na verdade. Só espero que ela não seja chata! – Comentou.

- Afinal, onde está a Isadora?

- Em um congresso!

- E as coisas entre vocês…?

- Melhor impossível. – Ele disse sorrindo.

O Jantar estava marcado na cantina italiana. O Henrique estacionou o carro e verificou o celular.

- Ótimo. Eles já estão aqui. – Comentou.

Assim que eu pisei no restaurante, eu descobri que a namorada do Dr. Tadeu era a Júlia, mãe do Marc. Congelei e me sentei pálida, ela estava com uma cara tão constrangida quanto a minha.

Meu deus, será que o Marc sabia disso? Será que ela ia achar que eu e o Henrique? Meu deus, espero que não. Eu não tinha comentado nada com o Marc porque queria falar ao vivo, percebi que ele sentia ciúmes do Henrique e não queria que ele interpretasse errado.

- Maia? – Escutei o Dr. Tadeu me chamando.

- Oi… Oi, desculpa. Viajei aqui.

Todo mundo foi apresentado e tanto eu como a Júlia não dissemos nada.

Faz sentido… agora faz muito sentido… O Dr. Tadeu era chefe da clínica.

Será que fazia tempo que eles estavam saindo?

- Maia, quer me acompanhar até o banheiro? – Ela me perguntou com um sorriso no rosto.

- Sim! – Concordei e a acompanhei.

Chegando no banheiro ela disse.

- Maia. O Marc ainda não sabe! Você poderia não contar para ele ainda? – Ela perguntou com um olhar de bambi.

Jurei que ela ia me perguntar o que eu estava fazendo junto com o Henrique, mas a preocupação dela era outra, mesmo assim queria me explicar.

- Tudo bem! – Eu disse. – Aproveitando, só queria que você soubesse que eu sou só amiga do Henrique!!! Eu vim porque ele queria um apoio moral, e eu vou contar para o Marc, quando, sabe… - Me enrolei nas palavras.

- Sim querida! Eu sei!

Acho que ela realmente ficou nervosa. Segurei sua mão passando tranquilidade e voltamos para a mesa.

Tudo aconteceu de uma forma tão rápida e bizarra! Logo depois do garçom servir o vinho e a gente brindar eu recebi uma mensagem do Marc, uma foto apareceu na tela do meu celular e nela estava a gente, aqui e agora. Automaticamente olhei para a entrada do restaurante e vi um vulto saindo.

Droga. *Hoje era quarta, ele voltava na quinta. Não era? Era!*

Me levantei rápido e andei depressa para fora.

- Marc!!! – Gritei. Ele continuou andando indo até o carro. – Marc!!! – Consegui o alcançar e segurei seu braço.

- Não Maia!!! – Ele disse me fitando com um olhar de raiva.

Senti um tremor por dentro.

- Marc, deixa eu explicar. – Implorei segurando seu braço. Ele se afastou.

- Explicar o que? – Ele disse entre dentes. – Isso? – Apontou para o restaurante. – Ou isso? – E me mostrou uma foto no seu celular. Era eu e o Henrique na cafeteria. – Desde quando isso está acontecendo? Desde quando você sabe sobre a minha mãe?

Fechei meus olhos por um segundo e respirei fundo. Eu sei o que isso parecia, mas não era. Como eu iria explicar isso?

- Marc! Não é… Eu não sabia de n…

- Chega Maia! – Ele disse com o maxilar trincado.

- Marc!!! – Escuto a Júlia atrás de mim se aproximando.

Ele olhou por cima dos ombros.

- Marc, por favor… - Eu disse implorando sentindo lágrimas se formando. – Vamos conversar… - Segurei seu braço de novo.

- Não!!! Não Maia… - Ele se soltou me afastando. Olhou mais uma vez sobre meus ombros e soltou uma risada irritada. – Sabe de uma coisa? Agora eu entendi por que você ficou distante a semana toda!!! No final você é igualzinha sua mãe…

Isso foi o bastante. Isso foi baixo. Dei um passo para traz, senti uma lágrima quente escorrer no meu rosto. Ouvi o Henrique se aproximando e dizendo.

- Não seja babaca Marc!

Senti a mão dele no meu ombro enquanto o Marc dizia alguma coisa da qual eu não prestava mais atenção.

- Vem Maia, vamos!!!

Minha mente girava. Senti a falta de oxigênio no meu cérebro e sem me dar conta eu estava dentro do carro indo de volta para a casa.

- Maia!!! – O Henrique disse.

Levantei minha cabeça. Meu choro se tornou mais desesperado e levei minha mão tapando meu rosto. O Henrique me abraçou me consolando.

- Calma… tenta respirar. Quer que entre?

Disse não com a cabeça sem me soltar do seu abraço e falei entre soluços.

- Não precisa! – Enxuguei minhas lágrimas me afastando.

- Maia. Tudo vai ficar bem!!! Se precisar eu estou aqui, ok? Entra, descansa e amanhã tudo vai melhorar.

Concordei com a cabeça duvidando que isso fosse acontecer.

De todos os dias, justo hoje meu pai estava em casa quando cheguei meia hora depois de ter saído!

- Já chegou? – Ele disse e parou quando me viu chorando. – O que aconteceu dessa vez?

Minhas lágrimas voltaram com toda força e ele se aproximou me abraçando. Expliquei toda a situação e ele me abraçou mais forte.

- Pai, você acha que eu sou igual a minha mãe? – Perguntei um pouco mais calma.

- Não… Não Maia! Por que você fala isso? – Ele perguntou com a testa franzida.

- Nada. – Disse sacudindo a cabeça.

- Vem. Senta-se aqui. – Ele me puxou para o sofá e me abraçou. – Você é a minha vida Maia. Você e seu irmão… Vocês são tudo para mim e eu quero que você saiba disso. Você entende?

Concordei com a cabeça!

- Se o Marc for inteligente o suficiente, ele vai perceber a burrice que fez. E se ele não te procurar, bom, então ele não te merece. – Ele beijou minha testa.

Subi para o quarto, me deitei na cama e chorei até dormir. Acordei no meio da noite. Verifiquei o horário no celular e não tinha nenhuma mensagem do Marc.

Bloqueei a tela e afundei a cabeça no travesseiro.

Alguém tinha mandado uma foto minha com Henrique na cafeteria. Não tinha nada de mais, eu não tinha avisado o Marc, não deveria, mas ao mesmo tempo se fosse comigo eu iria ficar chateada também e um pouco insegura. Eu ia contar, eu ia contar sobre o jantar. Meu deus, o jantar. Se a mãe dele ficou desesperada que eu contasse alguma coisa, isso significava que o Marc não iria gostar! Imagino como ele deve ter se sentindo visto nos quatro, como uma família feliz jantando! Ele iria voltar na quinta, mas fez surpresa e voltou antes. Provavelmente alguém tinha falado sobre o restaurante ou ele seguiu? Quem tinha mandado a foto? Não encontrei ninguém de conhecido no café, mas também não prestei muita atenção. Será que foi a Gabi? E se foi ela, isso significa que os dois ainda se falavam? Meu deus, minha mente girava com tantas perguntas. Lembrar do olhar do Marc fazia eu me sentir desesperada. Será mesmo que ele achou que eu seria capaz de trai-lo? E quando ele me comparou com a minha mãe… aquilo foi baixo. Se ele soubesse o meu lado. Se ele soubesse de verdade o porquê eu fiquei mais distante na semana, será que ele seria tão injusto comigo? Eu precisava me explicar, precisava conversar com ele.

20
Marc

Eu perdi minha cabeça. Eu não consegui me controlar, eu não conseguia me controlar quando o assunto era a Maia. Falei coisas para ela da qual não gostaria. De todas as pessoas, a última que eu imaginava uma traição era dela.

Cheguei em casa naquele dia e me tranquei no quarto. Na segunda senti a Maia mais distante. Na terça eu recebi uma foto dela com o Henrique. Paralisei. Não sabia quem tinha me mandado e na verdade, não importava. Eu consegui voltar um dia antes do combinado, não avisei porque a foto me desconcentrou totalmente. Tremia por dentro e tentei me acalmar.

Eu cheguei na cidade e recebi do mesmo número uma mensagem dizendo “Se você ainda precisa de mais provas, hoje à noite na cantina italiana”. Eu segui direto para lá e quando cheguei minha surpresa foi dupla. O que era isso!? Uma espécie de família de comercial de margarina? Quando a minha mãe ia me contar? E a Maia, sabia disso o tempo todo? Era alguma conspiração contra mim?

A Maia parecia desesperada. Foi desmascarada e a reação foi natural. Como fui tão burro? Pela segunda vez, como fui tão idiota?

No dia seguinte a Maia me mandou uma mensagem. Ignorei. À noite, ela me mandou outra mensagem. Ignorei. No dia seguinte ela me mandou mais duas mensagens, não li e ignorei. No terceiro dia

ela me mandou mais uma mensagem. Não li e ignorei e finalmente ela desistiu.

Evitei minha mãe o máximo que consegui, mas quando foi na quinta feira ela entrou no meu quarto fechando a porta atrás de si.

- Marc! A gente é adulto e essa situação já está patética! – Ela disse me encarando.

Não respondi nada e ela continuou.

- Eu estou saindo com o Tadeu! Não sabia que você conhecia o filho dele.

- Não conheço. – Disse irritado.

Ela respirou fundo e continuou.

- A Maia não sabia de nada.

- Não quero saber. Eu não ligo. – Respondi.

- Deixa de ser idiota e me escuta! – Ela disse irritada. - Ela não sabia de nada! O Henrique não sabia que eu era a sua mãe. Foi uma surpresa para todo mundo. Eu ia te contar, mas estava com medo da sua reação. E no final eu tinha razão.

- Tanto faz! Isso não muda o fato de os dois estarem juntos.

- Eles são amigos, até onde sei. Você conversou com ela?

- Não… e nem quero.

- Marc! – Minha mãe se sentou e fechou os olhos por alguns segundos. Abriu e me fitou. – Todo mundo merece uma chance de se explicar.

Não disse nada. Ela se levantou e saiu do quarto fechando a porta.

*

Eu estava perdido. Totalmente perdido! Tão pedido que quando o Leandro me ligou me chamando para voltar para a banda pelas incontáveis vezes eu acabei aceitando. Qualquer coisa para distrair minha mente. Sentia saudades da Maia e me odiava por isso! Às vezes me torturava vendo a foto dela e do Henrique.

Como eu fui tão idiota?

Tudo me lembrava ela. Não tinha mais conversado com o Guga diretamente, apenas em grupos do qual ele fazia parte e ele continuava interagindo normalmente.

Naquela segunda feira, logo depois do trabalho eu parei na farmácia! A mesma farmácia que eu tinha visto a Maia pela primeira vez.

Saindo do carro eu tive a infelicidade de cruzar com a Gabi no estacionamento.

- Marc!!! - Ela disse sorrindo. - Que bom te ver. Fiquei sabendo… - Ela segurou meu braço.

Qual é dessa garota? Ela não percebeu que eu não gostava dela?

Escutei alguém se aproximando e quando me virei era a Maia. Ela encarava um papel na sua mão e quando subiu o olhar nos encarou surpresa. Não disse nada, mas eu vi seu olhar de decepção. Meu coração bateu mais forte. Ela voltou a andar indo até o seu carro com passos rápidos.

Me soltei do toque da Gabi e segui na sua direção. A Gabi soltou um risinho e sumiu.

- Maia! – Ela não se virou. Continuou andando e destravou o carro.

- Maia! – Repeti.

Por que eu sentia a necessidade de me explicar?

Ela abriu a porta do carro e antes de entrar eu segurei seu braço. Ela afastou o braço e disse irritada.

- Por favor Marc. Continua me ignorando que é o melhor que você faz!!! – Seu olho estava lagrimejado e o nariz vermelho.

Essa doeu. Mas eu mereci.

- Eu posso explicar! Me deixa te explicar.

Ela sorriu com ironia limpando com força uma lágrima. Pegou alguma coisa dentro do carro e me devolveu de forma brusca o meu moletom dizendo.

- Igual você me deixou explicar? Me deixa em paz Marc! O que você faz ou deixa de fazer não é problema meu!

- Maia!

- Qual o seu problema Marc? Sabe, a Gabi tinha razão! Eu caí direitinho na sua… De todas as idiotices da minha vida a maior foi você! Naquele dia… naquele dia da cafeteria… - Ela limpou outra lágrima que escorria. – Eu precisava de alguém de fora para me ajudar a pensar. O Henrique me disse que provavelmente o que a

Gabi tinha me dito era mentira e me aconselhou acreditar em você! – Ela sorriu irritada chorando. – Ele sempre me deu os melhores conselhos, mas dessa vez ele estava errado. E quer saber de uma coisa? Vocês dois se merecem! Me deixa em paz Marc! Você já bagunçou a minha vida o suficiente.

Engoli em seco. Fiquei sem reação segurando o moletom.

O que a Gabi tinha falado para ela? Por que ela não me disse nada?

Ela entrou no carro e fechou a porta com tudo dando ré saindo do estacionamento me deixando sozinho com meus erros.

Eu era um idiota de todas as formas possíveis! Eu amava a Maia e eu a perdi. Eu revi diversas vezes a foto e o que tinha nela? Nada! Não tinha nada. Eu fiquei irritado por ela não ter me contado, mas o que eu esperava? Que ela me mandasse sua agenda? Eu não escutei sua explicação, não dei chances e simplesmente a ignorei. Como ela se sentiu? Péssima, rejeitada e sozinha. Chorei porque sabia que fui eu quem a machuquei. A única pessoa que ela precisava se defender era de mim!

Segui minha vida no automático. A Maia não queria mais contato, deixei ela em paz embora me controlasse muito para não mandar mensagem. Pensei em conversar com o Guga, mas provavelmente ele ia me ignorar e com razão.

Cumpria minha agenda de shows esperando que acabasse logo, mas a recuperação do antigo vocalista estava mais demorada do que eles imaginaram.

Minha mãe continuava saindo com o Dr. Tadeu. Ela parecia feliz, tentei aceitar a ideia embora fosse difícil!!! Não queria ela se machucando de novo, mas eu não aceitando o namoro acabava a machucando mesmo assim!

Aparentemente magoar as pessoas que eu amava e afastá-la era a minha especialidade.

No domingo, precisei levar minha irmã até o parque para um piquenique com as amigas.

Na saída, encontrei com o Denis.

- Fala Marc!!! – Ele me cumprimentou dando um soquinho no ombro. – Anda sumido.

- Pois é. Tô quebrando o galho para os caras da banda por um tempo, acabei ficando com a agenda lotada. E você, o que tem feito de bom?

- Nada demais… o de sempre, sabe como é!!! Aliás, a gente combinou de ir à praia, você não vai?

Se tinha uma pessoa mais lesada que o Denis, eu desconhecia.

- Não fui convidado cara… - Dei de ombros.

- Poxa Marc! – Ele levou a mão na testa. – Esqueci completamente… foi mal… teve o lance entre você e a Maia né? – Ele fez uma cara de pena.

- Sim! Eu fui um idiota!!! – Disse encarando meus pés. Aproveitei e perguntei. – Sabe como ela está?

- Bem… - Ele respondeu, mas não me convenceu. – Ela não tem saído muito ultimamente, então…

Concordei coma cabeça. Ele me olhou com uma cara de pena e se despediu saindo apressado.

Marc, você é a pessoa mais patética que existe.

21
Maia

Era isso! Eu sou uma idiota! Pensei enquanto pisava no acelerador. Eu estava chorando de raiva por ter sido tão cega.

Depois daquela noite caótica, tentei contato com o Marc. Ele me ignorou totalmente, queria me explicar, queria entender o que tinha acontecido, ele não me deu chances.

Eu fiquei ansiosa. Não conseguia fazer nada direito. Emagreci dois quilos em uma semana e dormia o máximo que eu conseguia, o que se resumia três horas por noite.

Em um determinado momento, meu irmão conversou comigo, me ajudando a sair do buraco.

- Maia. O que eu posso fazer para te ajudar? – Ele disse sentando-se na minha cama enquanto eu encarava o teto com o rosto inchado de chorar.

- Nada. – Eu respondi. – Eu sei que você está ao meu lado, mas preciso passar por isso sozinha. Se eu soubesse… - Eu disse olhando para ele. – Você entende agora Guga, por que não gosto de me envolver com amigo seu? – Me levantei ficando de frente para ele.

- Não esquenta com isso! – Ele me abraçou. – Eu sempre vou querer a sua felicidade.

- Você acha… você acha que ele ficou comigo, sabe, por alguma vingança ou algo do tipo?

- De verdade? Não… não acho… - Ele disse me encarando. – Acho que ele é um pouco inseguro. Talvez alguns gatilhos com traição e interpretou tudo errado, sabe, quando te viu com o Henrique. – Deu de ombros.

- E por que ele não me deixou explicar?

- Porque é um idiota!

- Como pode Guga, a gente teve dois finais de semana incríveis, e de uma hora para outra ele simplesmente me ignora sem me deixar explicar.

- Eu sei Maia. Eu só não quero que você se afaste, entendeu? Não quero que você fuja da cidade ou deixe de fazer as coisas por

aí por causa dele, ou da Gabi ou de qualquer outra pessoa.

O que ele estava me pedindo era difícil. Eu só não tinha corrido ainda para São Paulo porque eu era idiota o suficiente para acreditar que ele iria me procurar para conversar.

Passou uma, duas, três semanas e na quarta eu descobri sem querer que o Marc tinha voltado a cantar na antiga banda. Automaticamente acendeu um alerta na minha cabeça com o nome gigante da Gabi!

Embora minha vontade fosse fugir, eu permaneci no interior, dessa vez eu não ia me esconder, dessa vez eu não ia me afastar das pessoas que eu amo (meu pai e o Guga), dessa vez, eu iria enfrentar de frente e superar. Ia ao mercado quando precisava, saia com o Guga quando sabia que a chances de encontrar com ele eram pequenas e conversava bastante com o Henrique.

Encostei o carro em um lugar mais movimentado, limpei as lagrimas que insistiam em cair e digitei uma mensagem para o Henrique.

Maia diz: Sei que você não quer saber disso, mas acabei de ver o Marc com a Gabi.

Henrique diz: Estavam juntos? Tipo…

Maia diz: Estava saindo da farmácia e dei de cara com os dois no estacionamento. Ele me viu antes de eu conseguir fugir, queria se explicar, mas entrei no carro e fui embora.

Henrique diz: Se explicar? Qual o sentido?

Maia diz: Nenhum né? Ele não me deixou explicar e agora quer que eu o escute!

Henrique diz: E como você está?

Maia diz: Péssima! Eu gosto dele, isso não muda de uma forma rápida né? Mas preciso esquecer. Ele e a Gabi… sei lá

Henrique diz: Quer que eu descubra se os dois estão juntos?

Maia diz: Não… Eu quero deixar isso de lado.

Henrique diz: Tudo bem. Mas se precisar, sabe que eu estou aqui… E vamos marcar alguma coisa essa semana, tá?

Maia diz: Sim.

Encostei minha cabeça no encosto do banco e fechei meus olhos por alguns segundos criando coragem de voltar para a casa.

Depois daquele dia, tentei com todas as minhas forças deixar o Marc de lado. Acho que desde a primeira vez que nos encontramos, eu sabia que era um caso perdido, mesmo assim me iludi e segui com isso e o resultado foi esse, uma grande bagunça.

Não queria causar um afastamento entre meu irmão e o Marc, mas isso aconteceu e seria estranho se fosse diferente. Mesmo assim, evitava qualquer assunto e me mantive mais distante das saídas com o meu irmão. Preenchia o meu tempo lendo, trabalhando, tocando piano e evitava o máximo idas ao mercado ou farmácia, porém naquele sábado final do dia eu resolvi distrair minha cabeça tentando fazer um bolo que eu tinha visto na internet, mas é claro que na minha casa a despensa era limitada, criei coragem e fui ao mercado.

O vento gelado me forçou a usar uma jaqueta, peguei a primeira que vi no meu guarda-roupa, estava dois números maiores, mas que se foda. Vesti sobre meu vestido e torci para que a meia fina que eu estava usando desse conta.

Coloquei o aquecedor do carro para funcionar enquanto percorria o caminho até o mercado.

Estacionamento quase vazio. Perfeito.

Me concentrei no visor do celular eliminando itens da lista conforme eu ia pegando e colocando na cesta.

Estava indo em direção ao corredor onde ficava o trigo quando vi a Júlia, mãe do Marc.

Droga! Antes que ela me visse eu desviei e entrei no corredor ao lado encarando uma prateleira a minha frente cheio de cervejas. Verifiquei de novo a minha lista e o único item que faltava era o trigo. Permaneci no mesmo lugar por alguns segundos ganhando tempo.

De rabo de olho, eu vi o momento que ela passou, aproveitei a chance e corri até o corredor ao lado pegando o trigo e quando me virei para ir até o caixa eu dei de cara com ela.

- Maia!!! – Ela disse quando quase batemos uma na outra.

- Júlia! – Disse fingindo supressa.

Quase Maia. Quase…

- Quanto tempo querida!!! – Ela me analisava. – Como você anda? – Dizia com uma voz doce como se eu fosse uma criança de dez anos.

- Bem… bem!!! – Respondi sem muitas explicações. Não perguntei como ela estava porque queria sumir dali o mais rápido possível. – Foi bom te ver Julia. – Disse colocando o trigo na cesta.

- Maia!!! – Ela disse antes que conseguisse ir embora. Parei e esperei ela continuar. – Eu sinto muito… pelo que aconteceu.

Concordei com a cabeça sem nenhuma expressão e disse.

- Eu também! – Dei de ombros. – De qualquer forma, eu preciso ir.

Antes que eu me movimentasse ela segurou de leve meu braço me fazendo parar.

- Maia!!! – Ela respirou fundo. Com uma cara de pena ela disse. – É um desperdício. Talvez você não queira saber, mas… eu nunca vi o Marc tão no limbo, tão para baixo. Nem quando… - Ela disse pausadamente – Nem quando eu me divorciei ele ficou desse jeito.

- Eu sinto muito. – Disse com a voz um pouco trêmula. – Ele me ignorou totalmente, eu fui até onde ele me deixou ir.

Controlei para não chorar. Eu queria fugir dali.

- Eu sei! – Ela disse soltando meu braço. – Ele é orgulhoso Maia. Eu tentei sabe, conversar, mas ele também está um pouco bravo comigo.

- Imagino.

- Bom querida! Não vou mais te segurar aqui! Qualquer dia a gente se encontra né? Agora que descobri que você é amiga do Henrique.

- Sim. – Forcei um sorriso engolindo meu choro. – Até mais Júlia.

Só percebi que eu estava tremendo quando me sentei no carro e coloquei a chave na ignição. Antes de dar partida eu tentei me acalmar um pouco.

Esperava encontrar alguém conhecido no mercado, mas não esperava por isso. Não esperava revelações sobre o Marc.

Ele estava sofrendo? Por mim? Não, não pode ser! Por que ele não veio me procurar? Ele tentou se explicar no estacionamento, era verdade, mas fora isso…

Minha mente girava, mal terminava uma pergunta e eu começava outra.

O que deveria fazer? Nada! Nada Maia!

Abri uma nova mensagem com o número do Marc!

Eu deveria escrever alguma coisa? Não Maia! Você tentou muitas vezes e ele não respondeu. Por que ele não me procura? Isso, se ele quiser, ele que me procure. Nada de se humilhar.

Bloquei o celular, joguei no banco do lado e me forcei a ligar o carro.

Separei os ingredientes em cima da bancada! Precisava distrair a minha mente e foi o que eu fiz. Terminei de untar a forma quando o Henrique me ligou.

- Alo!!! – Eu disse despejando a massa na assadeira enquanto meu celular estava no viva voz.

- Maia!!! O que está fazendo de bom?

- Se minha receita der certo, bolo! Por quê?

- Você na cozinha? Me pegou de surpresa.

- Há Há Há!

- Brincadeira! Posso passar aí na sua casa?

- Pode! Por quê?

- Nada! Saindo do hospital agora e queria dicas!

- Dicas?

- Sim! Chego aí em dez minutos.

E não deu outra, em dez minutos o telefone toca informando que o Henrique tinha chegado.

O vento frio entrou assim que abri a porta.

- Oi!!! – Ele disse entrando. Fechei a porta e segui para a cozinha.

- Oii! E aí?

- Tudo bem e com você?

- Tudo também!

- O cheiro está bom. – Ele disse se sentando na banqueta a minha frente.

- E aí, qual o motivo da sua visita em um sábado à noite? Nada de melhor para fazer?

- É sempre bom estar ao seu lado… - Revirei meus olhos e fiz uma careta. – Mas, na verdade precisava de conselhos femininos!!

- E você pensou em mim? Não quero nem imaginar sua pior opção!

- Sem essa Maia!

- Quer comer alguma coisa?

- Não, comi faz pouco tempo.

- Ok! E beber?

- Pode ser. Tem cerveja?

- Sim!

Tirei duas da geladeira. Entreguei uma para ele e abri a outra pra mim.

- Então… - Disse depois de dar um gole.

- Estava querendo pedir a Isadora em namoro.

- E onde eu entro nisso?

- Eu não sei se ela quer!

Franzi minhas sobrancelhas.

- E por que você acha isso?

- Não sei!!! – Ele disse bebendo a cerveja. – Eu só sinto…

- Ué, se você pedir ela em namoro você vai descobrir. Não?

- Sim! Mas e se ela falar sim querendo falar não?

- Talvez ela termine com você depois. E acho que você vai saber se ela falar sim querendo falar não!

- Não sei!

- O que você faria?

- Se eu não quisesse?

- Sim!

- Provavelmente eu não passaria nem do primeiro encontro. Não é o seu caso né!?

- Tem razão! Eu vou pedir!

- Eu achei que vocês já estavam namorando.

- Não!!! Nunca pedi! Mas vou fazer isso.

- E onde pretende fazer o pedido?

- A gente vai viajar para uma cidadezinha perto. Pensei em pedir lá!

- Você vai viajar com ela e ainda tem dúvidas? – Brinquei! – Meu deus Henrique! E ainda veio pedir conselho para mim?

- Você é racional e sem dúvida falaria a verdade.

- Racional? Olha onde eu vim parar sendo racional. – Sorri com ironia.

Ele deu de ombros. O alarme apitou e eu vi se o bolo estava pronto.

- Mais cinco minutos. – Comentei tirando o palito um pouco melecado do bolo.

Quando subi minha cabeça o Henrique me encarava sério.

- O que foi? – Perguntei com as mãos apoiada na bancada.

- O Marc foi no hospital hoje. – *Hospital?* Acho que a minha cara de medo foi tanta que ele disse logo em seguida. – Sabe, levar a irmã tirar o gesso do braço.

Soltei o ar que estava prendendo. Eu não disse nada! Pela segunda vez na noite eu precisei escutar sobre ele.

- Ele perguntou de você! – Ele disse bebendo um gole da cerveja. Fiz o mesmo. – Você não quer saber, né?

- Na verdade não.

- Mesmo assim! Ele perguntou como você estava!!!

Respirei fundo e disse irritada.

- Sério? E o que você disse?

- Que você estava bem. – Ele deu de ombros. – Sem nenhuma explicação!

- Ótimo! – Meu celular tocou de novo o alarme, verifiquei o bolo e tirei ele do forno.

- Ele gosta de você Maia!

- Quando foi que você mudou de lado?

- Eu não mudei!

- Ele não gosta de mim Henrique! – Disse frustrada. – Ele me ignorou totalmente e depois eu o vi com a Gabi.

- Você já parou para pensar que talvez… talvez do mesmo jeito que ele pensou errado sobre você, você está pensando errado sobre ele?

- É diferente! Você nunca o perseguiu na escola… você nunca… - Parei e respirei fundo.

- Eu sei!!! – Ele disse cruzando os braços. – Talvez ele estivesse na hora errada no dia errado. Se ele não gostasse de você, não iria sentir a necessidade de se explicar.

- Tanto faz. – Dei de ombros. – Meu número é o mesmo… Por que ele não me procurou?

- Porque você disse para ele não te procurar!? Quando ele te ignorou você não parou de mandar mensagem? Talvez ele esteja te respeitando.

- Droga Henrique! – Fechei meus olhos e abri o encarando. – Não confunda a minha cabeça mais do que ela já está confusa.

Ele sorriu achando graça. Terminou o resto da cerveja em um gole e disse.

- Bom Maia. Agradeço pela cerveja e pelo conselho. – Se levantou da banqueta. – Mas eu preciso ir. Fazer minha mala e dormir, sabe como é…

Acompanhei ele até a porta.

- Me conta depois… se deu certo - Eu disse.

- Conto. – Ele me abraçou de forma amigável e disse. – E não seja tão orgulhosa.

Piscou para mim sorrindo e foi embora.

22
Marc

Não conseguia tirar a Maia da minha cabeça nem por um instante. Eu escrevi diversas mensagens e apaguei antes de enviar lembrando dela no estacionamento, *“você já bagunçou a minha vida o suficiente.”*

Fiquei de levar a Yara no hospital tirar o gesso. Tentei de todos os jeitos convencer a minha mãe, mas ela não poderia se atrasar para o trabalho.

No hospital, eu torci muito para não precisar ver o Henrique. Por sorte, a remoção de gesso foi feita por uma enfermeira. Quase terminado, para o meu azar o Henrique entra na sala para avaliar minha irmã pela última vez.

- Olá. – Ele cumprimenta de forma serena. – Tudo certo aí Cleide? – Ele diz para a enfermeira.

- Sim Dr. – Ela termina de limpar o braço da minha irmã. - Quase terminando.

Permaneci em silêncio concentrado no movimento da mão da enfermeira. Quando terminou o Henrique examinou o braço da minha irmã e a liberou.

- Marc, posso falar com você um minuto? – Ele disse quando eu estava quase saindo da sala. Pedi para minha irmã esperar sentada no banco que tinha fora da sala e me virei fechando a porta.

- Ok! – Respondi e permaneci imóvel esperando.

- Marc! Eu sinto que eu preciso me explicar. Não por mim, não por você, mas pela Maia. – Ele fechou os olhos e respirou fundo soltando o ar e continuou. - Naquele dia no restaurante, pode apostar que eu fiquei tão surpreso quanto você… sabe, quando soube que a namorada do meu pai na verdade era a sua mãe. Acontece que, assim como eu, ela não sabia de nada. Ela foi me dar um apoio porque eu pedi. Tem algumas questões pessoais no divórcio entre meus pais que ela sabe e me ajudou na época, enfim… - Ele apoiou na mesa e continuou. - Me sinto na obrigação

de te dizer isso porque ela se meteu em uma confusão por minha culpa.

- Acho que esse assunto é entre a Maia e eu. – Eu disse.

- Caramba Marc! É sim, mas você não a deixou se explicar e ainda por cima a ignorou totalmente, como você acha que ela se sentiu? – Ele disse irritado. – E eu me sinto culpado de certa forma. Talvez você seja orgulhoso demais para reconhecer que cometeu um erro.

Permaneci em silêncio. O que eu poderia dizer? No final ele tinha razão.

- Você sabe por que a gente estava no café aquele dia? – Ele me perguntou.

- Não. Mas isso importa?

- Importa. Não deveria ser eu a explicar. Você deveria dar essa chance para a Maia, mas o que eu posso te falar é que na briga que aconteceu no estacionamento, a Gabi disse umas merdas. Ela se sentiu insegura e precisava conversar com alguém.

- Ela deveria ter vindo falar comigo! Eu nunca dei motivos para ela se sentir insegura.

- E ela te deu motivos para você se sentir inseguro? Aposto que não e mesmo assim você acusou de traição...

Ele tinha razão. Eu sabia disso. Era difícil admitir para nós mesmos que estávamos errados.

- De qualquer forma, não tem mais volta. A Maia me odeia e eu não tiro a razão dela.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, eu saí da sala chamando a Yara.

*

Como foi que eu cheguei até aqui!?

Deitado na cama eu encarava o teto e verificava as mensagens no meu celular na esperança, do que afinal? Da Maia me mandar mensagem?

Ela mandou várias seu idiota e você ignorou todas!

Tampei meus olhos com o braço, respirei fundo e pensei em todas as possibilidades!

Bater na porta da casa dela? Não! Provavelmente o pai ou o Guga iria acabar comigo e com razão. Ligar? E falar o que? "Oi Maia, desculpa por ser um completo idiota, não deixei você se explicar, mas será que você pode fazer isso agora"? Que ridículo que você é Marc!

Sexta feira iria ser meu último show com a banda! Pelo menos uma notícia boa. As noites de show se resumia a montar os equipamentos, subir no palco, cantar, desmontar os equipamentos e voltar para a casa! Eu entregava o meu melhor, que no final acabava sendo ok. No desespero por um vocalista, eles acabaram aceitando qualquer coisa! Às vezes, no auge da minha ilusão eu tentava procurar a Maia por entre a multidão. Tive que lidar com a presença da Gabi em alguns shows, mas como era parte do trato com os caras da banda, nem ela e nem o Aldo e sua turminha apareceram no camarim. Não aguentava mais tocar. Não aguentava mais a rotina. Subi no palco aliviado por ser o último show.

Sábado, no caminho para a casa do meu pai, a Yara dormia ao meu lado. O carro era preenchido pela minha playlist de músicas tristes! A Maia não saia do meu pensamento e eu me sentia ansioso.

Minha antiga cidade, era maior do que a que eu morava agora. Tinha shopping e vida noturna. Aqui, a opções de restaurantes e lojas de varejo eram muito maiores. Não era tão diferente assim de São Paulo. É louco pensar que em menos de vinte minutos você está em uma cidade completamente diferente.

Mesmo com a proximidade, era raro eu vir visitar meu pai. Ele tinha uma rotina agitada. Nossa relação não era das melhores. Não existia conselho de pai e filho. Eu me esforçava bastante pela Yara!

Estacionei o carro na garagem, acordei a Yara e descarreguei as coisas do porta-malas.

- PAIII!!!! – Gritei assim que abri a porta de casa.

Ele apareceu da lavanderia e a Yara saiu correndo na sua direção e o abraçou.

Me aproximei deixando as malas e o cumprimentei.

A casa do meu pai era nova e pequena. Não tinha muitos móveis e eu e a Yara dividia um quarto que se resumia a uma cama king e uma cômoda.

- Estava pensando em ir almoçar no shopping e depois cinema. O que vocês acham?

- SIIIM. – A Yara gritou pulando ao meu lado.

Concordei com a cabeça e tomei um banho antes de sair.

Meu pai dirigia de forma calma. Ele e a Yara conversaram sobre filmes e eu analisava a paisagem que ia passando do lado de fora.

- O que você tem Marc? Está mais quieto do que o normal.

Antes que eu pudesse responder a Yara disse.

- Ele está assim porque brigou com a namorada!!!

- Namorada? – Meu pai me perguntou.

- Esquece isso! Não tem nenhuma namorada! – Respondi.

- Tem sim! A Maia. – Minha irmã disse.

- Tanto faz. – Dei de ombros.

- Meu pai me encarou e depois pelo retrovisor olhou para a Yara e ambos deram de ombros.

Pisamos no shopping e meu pai disse.

- O que vocês acham de comer uma massa?

A Yara concordou e eu a deixei escolher.

O restaurante ficava dentro do shopping. Um vidro gigante separava as mesas do corredor e de dentro dava para ver quem passava. Fizemos nosso pedido e meu pai se esforçava para puxar assunto.

- E como vai a banda? Sua mãe me contou que você voltou a tocar. – Ele disse cortando um pão e comendo.

- Já parei. Só ajudei os caras em alguns shows porque o vocalista estava afastado.

- Hm!!! – Meu pai respondeu. – Entendi. E não pretende mais tocar?

- Não…

A Yara comia a entrada enquanto assistia um vídeo no celular. Meu pai pegou o celular e focou toda sua atenção na tela iluminada a sua frente. Analisei o movimento lá fora por um momento e de

longe, passando na frente do restaurante, eu vejo a Maia, Renata e Lara.

Eu gelei. Senti a falta de sangue no meu rosto. Tudo aconteceu em câmera lenta. As três estavam andando. A Maia parou procurando alguma coisa na bolsa, a Renata perguntou alguma coisa e as três voltaram por onde estavam vindo.

A Maia estava mais linda do que nunca. Parece um pouco mais magra ou a jaqueta xadrez que ela usava estava dois números acima. Mas o vestido curto por baixo deixava a mostra suas pernas e o mesmo velho coturno surrado vestia seus pés. Meu corpo não obedecia a minha mente e eu permaneci sentado no mesmo lugar quando eu deveria correr até ela.

Um vulto na minha frente chamava a minha atenção.

- Marc!!! – O barulho de estalar dos dedos me fez voltar para o presente. – Marc!!! – Meu pai chamava.

- Oi! – Eu disse olhando. Ele virou a cabeça para trás, na direção da Maia que agora estava mais longe e depois olhou para mim.

- Já escolheu seu prato? – Ele perguntou.

- Sim!

O garçom se aproximou, fizemos nosso pedido e eu aproveitei para ir ao banheiro.

Eu poderia ou talvez eu deveria sair correndo da mesa e ir conversar com a Maia! Nenhuma das três me viram. No caminho do restaurante até o cinema eu prestava atenção em cada detalhe para ver se não encontrava com ela por aí.

Quais as chances de encontrar com a Maia em um shopping grande na cidade vizinha? Provavelmente as três estavam fazendo compras visto a quantidade de sacolas que elas carregavam.

Fiquei agitado o resto do dia. Meu pai olhava com uma cara de desconfiado e não perguntou nada até chegar em casa.

- Você estava quieto no começo do dia, mas depois do almoço… - Ele disse quando a Yara entrou no banho.

Não respondi nada.

- É a garota? Que sua irmã comentou? Foi ela quem você viu no shopping? – Ele perguntou.

O que era isso? Ele queria ter uma relação de pai e filho?

A última pessoa que poderia me dar conselho era ele.

- Era a Maia sim no shopping. – Respondi sem grandes explicações.

- E o que aconteceu? Entre vocês…

- Eu estraguei tudo. – Disse impaciente.

- Você a traiu?

- Não. Eu não faria isso! – Disse com ironia e ele percebeu a indireta.

- Ok! Talvez eu mereça. – Ele respirou fundo. – O que aconteceu então?

- Não quero falar sobre! – Disse cortando o assunto.

- Sabe Marc! Você não quer me escutar, mas eu vou falar! Quando a gente é criança e adolescente, tudo parece fácil, simples. A gente acredita que as nossas decisões se baseiam em dizer sim ou não e pronto, como se fosse uma matemática simples. É o que a gente quer acreditar, é o que a gente queria que fosse. Mas, talvez agora você perceba que entre o sim e não existe o talvez, existe “e se”… Você não vai acreditar, mas eu sempre amei a sua mãe. Começamos a namorar cedo, duas crianças… nos casamos, passamos apertado financeiramente em alguns momentos, tivemos você e sua irmã e nos transformamos muito como pessoas. Cada um de um jeito. Eu não estou querendo aliviar a minha culpa. Sim, eu deveria ter terminado com a sua mãe antes de trai-la e sim, você nunca deveria precisar lidar com a descoberta naquela idade. Mas existia uma história, existia vocês, existia amor por mais que você não acredite! Só estou querendo dizer Marc, que a gente vive sempre querendo acertar, e no meio disso existe nossos erros, e eles vão moldando nosso caminho. As vezes o erro é algo pequeno, que não afeta tanto. Às vezes é algo grande, que muda uma vida toda. Eu nunca quis errar com a sua mãe. Eu tinha os meus medos e inseguranças assim como todo mundo, assim como a sua mãe também tem. Aposto que tudo o que você fez com essa garota foi querendo acertar. Não foi?

- Sim!

- E mesmo assim você errou! Mas isso não significa que você não possa concertar! Você já tentou?

- Acho que ela não quer, na verdade!

- Se você não tentar nunca vai saber.

Antes que pudesse responder qualquer coisa o celular do meu pai tocou e ele se afastou para atender.

Deitado na cama com a Yara dormindo ao meu lado, eu pensei sobre o que meu pai tinha falado. Eu tentei, tudo o que eu fiz eu fiz querendo acertar, até aquele dia no restaurante… Meu medo e minha insegurança me dominaram e eu estraguei tudo. A ideia de ser enganado me deixou furioso e eu agi sem pensar.

Eu queria a Maia de volta, as chances eram mínimas, talvez nem existissem, mas eu iria tentar.

Peguei meu celular debaixo do travesseiro, abri o aplicativo de mensagens e fui direto no nome da Maia e digitei.

Marc diz: Maia! Será que a gente pode conversar algum dia dessa semana? Eu realmente preciso falar com você. Eu sinto a sua falta. Eu sei que fui um idiota. Eu sei que não mereço uma segunda chance, mas será que a gente pode se ver?

Apertei enviar. Fiquei por um tempo encarando a mensagem na minha frente que nunca foi entregue. Provavelmente ela tinha me bloqueado.

23
Maia

Naquele sábado a Renata apareceu em casa e me convidou para ir ao shopping que ficava na cidade vizinha a menos de trinta minutos.

- Maia!!! Preciso de uma roupa nova para ir ao Pub semana que vem. Meu guarda-roupa parece um museu! Vamos comigo hoje no shopping?

- O que tem no pub semana que vem? – Perguntei recolhendo o ipad que estava sobre o piano.

- Aniversário da Lara! E você vai, esqueceu?

- Acho que não vou conseguir ir!

- Conta outra Maia! Você não tem nenhum compromisso que eu sei! E pode ficar tranquila que o Marc saiu da banda.

- Não é por isso!

- Não!? – Ela disse desconfiada. – Então é por quê?

- Não sei se vou estar a fim de ir, só isso! – Dei de ombros.

- Maia! – Ela disse se aproximando e segurando a minha mão. – Você vai estar comigo e com a Lara e se quiser ir embora a qualquer momento a gente não vai proibir! Por favor! Vamos, vai ser divertido! Você precisa se divertir um pouco!

- Tudo bem! – Disse um pouco insegura!

- Então… partiu compras? – Ela disse sorrindo.

- Partiu compras!

A Lara era a pessoa que mais gostava de falar que eu já conheci. Ela não parava um minuto e tudo o que via comprava. Eu estava precisando sair de casa e me distrair e uma ida ao shopping era uma ótima pedida. Ainda mais fora da cidade, onde as chances de encontrar alguém conhecido eram baixas.

Em uma loja de departamento, enquanto a Lara e a Renata iam adicionando um milhão de coisas no cesto, eu tentava encontrar alguma roupa interessante no meio de muitas estampas.

Cabides e mais cabides de roupas até que finalmente eu encontrei um vestido, preto, básico e com cara de quentinho com manga comprida! Olhei ele por alguns segundos tentando visualizar o que eu usaria no pé. Ok! Meu coturno, como sempre. O tempo estava gelado então precisava colocar uma meia fina. Aproveitei e procurei uma porque as minhas estavam todas velhas. Me olhei no espelho com o vestido na minha mão e percebi que eu estava usando praticamente a mesma roupa que eu queria comprar!

Como você é original Maia! Pensei e comprei mesmo assim.

Estava começando a ficar com fome. A Lara quis entrar em uma loja antes de ir almoçar e eu aproveitei e fui à livraria que ficava ao lado.

Muitos títulos interessantes, mas acabei comprando um livro só.

- Vamos almoçar massa? Tem um restaurante muito bom aqui. – A Renata disse.

- Pode ser. – Eu disse e a Lara concordou.

No caminho até o restaurante, quase chegando, eu começo a procurar na minha bolsa o meu celular. No meio de papéis, carteira e fios, minha mão passeia. Sou obrigada a parar e olhar no interior procurando melhor o celular.

Droga, eu não estou achando.

- Maia? – A Renata fala parando alguns passos a minha frente.

- Acho que perdi meu celular! – Eu respondo sem tirar a atenção do interior da minha bolsa.

- Sério? – As duas se aproximam. – Tem certeza de que não está aí? – A Lara pergunta!

- Sim! – Digo frustrada. – Eu vou ver se está na livraria. – Digo me virando e fazendo o caminho de volta.

As duas me seguiram. Chegando na livraria eu pergunto para a moça do caixa que me responde que não encontrou nenhum celular.

A Renata tenta ligar e cai direto na caixa postal. Tentei rastrear ele pelo celular da Lara e estava sem sinal. Puxei na minha

memória a última vez que eu mexi nele. Fui até os achados e perdidos e nada do meu celular, deixei o número da Renata caso alguém encontrasse e devolvesse. Frustrada, tentei deixar isso de lado e sugeri irmos almoçarmos, não tinha muito o que eu pudesse fazer mesmo.

Antes de ir embora voltei mais uma vez nos achados e perdidos e nada! Assim que chegasse em casa mandaria um e-mail para o meu chefe avisando que estava sem contato por telefone. Por sorte, eu era a rainha do backup e tinha tudo salvo na nuvem. Meu celular estava quase completando quatro anos o que fez meu prejuízo ser menor.

Tive a paciência de esperar dois dias antes de investir meu dinheiro em um novo aparelho. Se o correio colaborasse, antes de sábado ele chegava.

Sábado chegou e finalmente meu celular também! Por sorte, me planejei antes e já estava com o chip habilitado. Coloquei no aparelho e esperei ele ligar enquanto me arrumava para o aniversário.

Eu estava ansiosa! Meu irmão não iria porque estava viajando. Tentei dar para traz, mas a Renata foi insistente.

Vesti meu vestido por cima de uma blusa preta de manga comprida. Usei minha meia fina nova e coloquei meu velho coturno. Por garantia, levei meu casaco xadrez caso precisasse.

Finalmente meu celular terminou de configurar. Perdi todas as minhas mensagens, mas por sorte os contatos estavam salvos. Viva a tecnologia.

Oito horas. Estava meia hora atrasada e a Renata me ligou assim que estacionei o carro.

- Acabei de chegar. – Disse atendendo a ligação.

- Se não te ver entrar em cinco minutos eu vou atrás de você. – Ela gritava por conta da música de fundo.

Desliguei o celular e respirei fundo saindo do carro.

O Pub estava lotado. Eu não sabia se isso era bom ou ruim. Por um lado, eu conseguia me camuflar na multidão e por outro lado, multidão significava mais chances de encontrar *alguém* conhecido.

Com facilidade, encontrei a mesa da Lara e a cumprimentei desejando parabéns. Me juntei ao lado da Renata e decidi beber uma cerveja para relaxar.

- Não posso exagerar!!! Vim dirigindo. – Gritei no ouvido da Renata quando ela me entregou uma garrafa.

- Relaxa! Qualquer coisa a gente volta de carona e amanhã busca o carro. – Ela piscou e sorriu.

Não prestei atenção ao meu redor por medo de encontrar o Marc e não saber como agir. A verdade é que ele ainda estava nos meus pensamentos e não sabia como lidar caso encontrasse com ele.

Me permitia analisar a banda por alguns segundos e me pegava imaginando o Marc atras do microfone e o quanto ele deveria ficar ainda mais bonito. Aposto que nesse tempo tocando, meninas é que não faltaram. Senti o ciúme me dominar e voltei minha atenção para a conversa da mesa expulsando meus pensamentos.

- Maia. Quer fumar? – A Lara perguntou.

Recusei. Dessa vez eu iria ficar longe da área de fumantes.

Fiquei na mesa com a Renata e dois casais que eu não conhecia.

Eu estava cansada de ficar de pé e ir até a área de fumante me pareceu uma ideia tentadora. Estava quase avisando a Renata, a música parou, o vocalista agradeceu os aplausos e disse.

- Como grande parte das pessoas sabem eu estive fora por algum tempo me recuperando do meu pequeno acidente! – Ele sorriu encarando o pessoal que estava na frente do palco. – Graças ao nosso antigo vocalista, vocês puderam curtir nosso som!!! – A plateia gritou e aplaudiu. – E para nos despedirmos oficialmente do Marc, hoje ele vai cantar uma música!!!

Gelei. Respirei fundo tentando oxigenar meu cérebro.

A plateia gritava e assobiava. Eu congelei. Não conseguia me mover, por mais que meu cérebro gritasse para eu correr eu permaneci parada encarando o palco. Em câmera lenta, eu vi o Marc entrar no pequeno palco, pegar o violão e se sentar na frente do microfone.

Corre Maia. Meu cérebro gritava.

A Renata estava ao meu lado apoiando a mão no meu ombro.

Meu deus, ele estava mais lindo do que nunca e estava usando o moletom preto. O mesmo moletom que eu usei, isso me desestabilizou totalmente. Seu cabelo estava bagunçado do mesmo jeito quando ele acordava. Meu coração bateu descompassado e todas as lembranças que eu forçava a esquecer voltaram com tudo naquele momento.

Será que ele sabia que eu estava aqui? Aposto que não.

Ele ficou alguns segundos se ajeitando e falou alguma coisa para o resto da banda. Ele fez um som no violão testando o volume, todo mundo estava em silêncio e ele disse.

- Gostaria de agradecer a todos que participaram dos shows nesses últimos tempos. Espero que tenham se divertido. Essa música… - Ele respirou fundo e levantou a cabeça me encarando como se buscasse palavras. Gelei. – Bom, espero que gostem…

Ele voltou a ajeitar o violão e começou a tocar.

Fechei meus olhos por alguns segundos enquanto as primeiras notas soavam e a sua voz preencha o ambiente.

Eu conhecia essa música e eu sabia o que significava.

Ele tocava concentrado e eu não desviei meu olhar nem por um segundo.

"*E o que eu ensinei a ela, era tudo*
E eu sei que ela me deu tudo o que podia"

É Marc, eu realmente te dei tudo, e mesmo assim você decidiu terminar.

Me mantive imóvel, conforme a música tocava eu encarava o Marc me forçando a respirar.

"*Todo o amor tornou-se prejudicial*
Transformou meu mundo em escuridão
Tatuou tudo que vejo
Tudo o que sou
Tudo o que serei, sim"

Ok. Eu não conseguia mais ficar aqui. Me virei e avisei a Renata que precisava ir embora. Ela queria ir junto, mas eu não deixei.

"*Eu sei que algum dia você terá uma bela vida*
Eu sei que você será uma estrela
No céu de outro alguém, mas por quê? Por quê? Por quê?
Não pode ser, oh, não pode ser no meu?"

Eu me forcei a passar no meio da multidão. A música acabou e eu escutei os aplausos. Enquanto me afastava para fora do bar o barulho foi ficando cada vez menor.

O vento gelado me atingiu com tudo e eu senti lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto.

Eu estava cansada de chorar.

Segui a passos rápidos em direção ao meu carro e escutei alguém correndo atras de mim.

- Maia!!! – O Marc me chamou. Eu não virei.

- Maia!!! Por favor. – Ele disse me alcançando.

Antes de virar eu fechei meus olhos e respirei fundo. Eu não queria que ele me visse chorando. Eu queria sumir, mas era inútil correr. A verdade é que eu precisava de um ponto final, a gente precisava de um ponto final. Tudo ficou mal resolvido. Deixei meu orgulho de lado e me virei.

Por que ele tinha que ser tão bonito? Por que eu tinha que o amar tanto?

Eu sempre fui boa em controlar minhas lágrimas, mas quando o assunto era Marc, controle era o que menos existia.

- Maia… - Ele disse dando um passo para a frente na minha direção. Com a testa franzida e um olhar triste ele abriu a boca buscando palavras. Permaneci em silêncio esperando.

Um pouco inseguro ele levantou os braços, como não recuei ele me puxou para um abraço e eu deixei que ele o fizesse.

O resto do controle que eu tinha acabou quando senti seu perfume. Ele me abraçou mais forte e acariciou minha cabeça. Senti seu coração batendo acelerado. Fechei meus olhos ainda úmidos. Eu estava tremendo, de frio e nervoso.

- Ei, veste aqui. - Ele se afastou e tirou seu moletom e me entregou. – Ele fica melhor em você mesmo.

Vesti o moletom. Ele voltou a me abraçar de novo e disse.

- Eu sei que você não quer saber de mim, eu sei você bloqueou meu número, eu sei… - Ele respirou fundo. – Eu sei que eu sou um idiota, mas Maia… eu realmente queria conversar com você.

Me afastei do seu abraço e com a testa franzida eu respondi.

- Eu não bloquei seu número. – Me defendi.

Com uma cara surpresa ele disse.

- Não?! Mas… eu te mandei mensagem e ela nunca chegou.

- Quando?

- Sábado! Depois que te vi no shopping! – Ele respondeu.

- Você me viu no shopping? – Perguntei na dúvida.

- Sim! Eu pensei em falar com você, mas imaginei que você não fosse querer! A noite te mandei mensagem… enfim. – Ele se explicou.

- Sua mensagem não chegou porque eu perdi meu celular. – Expliquei. – O que tinha nela?

- Eu perguntei se a gente poderia conversar… - Ele disse.

Lembrei da música que ele tinha acabado de tocar. Lembrei do que a Julia tinha me contado no mercado. Lembrei da minha conversa com o Henrique. Respirei fundo e respondi.

- Sim, a gente pode conversar. – Eu disse o encarando.

- A gente pode ir em casa, se você quiser. Minha mãe viajou. – Ele disse inseguro.

- Tudo bem. Você dirige? – Perguntei entregando a chave.

Ele pegou da minha mão e eu segui para o lado do passageiro entrando no carro.

Enquanto o Marc dirigia eu me recuperava e reorganizava meus pensamentos. Aproveitei e mandei uma mensagem para a Renata avisando que estava tudo bem.

Tentei afastar o nervosismo, mas ele aumentou quando o Marc estacionou o carro na garagem.

- Vem, vamos entrar… se você quiser.

Concordei com a cabeça e sai do carro. Acompanhei o Marc que seguiu para o seu quarto. Me sentei na cama e o analisei

tirando um cobertor do guarda-roupa. Ele se aproximou e me entregou o cobertor sentando-se ao meu lado.

Abri o cobertor e joguei ao redor do meu corpo me aquecendo. O cheiro de amaciante e o calor me reconfortava. Permaneci em silêncio.

- Eu sinto muito Maia! – Ele disse quebrando o silêncio.

Se ajeitou na cama e ficou de frente para mim. Permaneci na mesma posição, mas virei minha cabeça para manter contato visual. Ainda em silêncio ele continuou.

- O que a Gabi te disse aquele dia da briga? – Ele me perguntou.

- Que você estava comigo para se vingar dela. Que eu caí direitinho. – Respondi.

- E você acreditou? – Ele me perguntou me encarando.

- O que você teria feito no meu lugar? – Disse irritada. – Não acreditei totalmente, mas fiquei insegura sim.

- Você deveria ter me falado, Maia. Quando eu te perguntei, você deveria ter me falado.

- Eu pretendia te contar. Depois eu conversei com o Henrique e eu resolvi deixar isso de lado. Eu estava esperando você voltar, não queria falar por mensagem. Enfim… O resto você já sabe. – Voltei a encarar meu pé me concentrando para não chorar.

- Eu queria te pedir desculpas por isso! – Ele disse segurando meu braço. – Maia... eu nunca… - Sua voz falhou. – Eu nunca quis te magoar. Eu não queria dizer nada do que eu disse, mas eu realmente acreditei… - Ele respirou fundo. – Em um momento de raiva, eu não pensei direito e acreditei que você preferia o Henrique ao invés de mim.

Uma lágrima escorreu por seu rosto. Me ajeitei na cama ficando de frente para ele.

- Por que você achou isso?

Ele sacudiu a cabeça em negativa e deu de ombros.

- Porque eu me senti inseguro… estava com medo de te perder.

Limpei uma lágrima que escorria no seu rosto e disse.

- Marc!!! Eu não sabia sobre a sua mãe e o Tadeu. O Henrique me ajudou muito na adolescência e eu o ajudei quando seus pais se

separaram. Nunca existiu nada além de amizade e eu preciso que você entenda isso! – Eu disse o encarando. – Naquele dia, eu fui sem pensar no que você poderia pensar. Eu fui ajudar um amigo, nada além disso. Eu ia te contar, mas não queria que fosse por mensagem… Quando eu cheguei no restaurante tive uma surpresa. Eu não sei o que eu faria depois daquilo porque sua mãe pediu para eu não te contar por um tempo. Eu realmente não sei o que eu teria feito. Mas aí você viu tudo e não deixou eu me explicar. Quem te mandou aquela foto Marc?

- Não sei! De verdade, não faço ideia.

- Você tem conversado com a Gabi?

- Não Maia… Aquilo que você viu no estacionamento… - Ele negou com a cabeça.

- Você não parou para pensar que do mesmo jeito que eu deixei minha insegurança me dominar e me permitir duvidar da gente, por um segundo que seja… quando a Gabi me provocou no estacionamento… Você parou para pensar que, alguém te mandou a foto para tentar separar a gente? Para você duvidar de mim? – Perguntei.

- Na hora eu não raciocinei, Maia. Mas depois sim. – Ele sorriu de forma triste. – Eu fui um idiota, eu sei disso! Eu não pensei e acabei afastado uma das pessoas que eu mais amo! Acho que no final esse é o meu dom! – Ele disse me encarando.

Uma das pessoas que eu mais amo? Eu escutei direito? Ele falou isso mesmo ou eu entendi errado.

- Você está falando sério? – Perguntei com a voz trêmula.

- Sim, eu sei que sou um idiota! Admito isso!

- Não… - Eu respondi me forçando a respirar. Meu coração iria sair pela boca de tão rápido que batia. – Depois… é sério o que você disse depois?

Ele pensou por um momento, sua testa franzida relaxou, ele me encarou. Ele arrumou uma mecha do meu cabelo colocando atrás da minha orelha.

Ele lembrava que eu amava quando ele fazia isso?

- Eu falei sério sim! – Seu polegar acaricia a minha bochecha. - Eu te amo Maia. Eu te amo muito. Tem sido um verdadeiro inferno desde quando…

Eu não o esperei terminar. Em um movimento rápido eu me aproximei e o beijei. De forma desesperada como se quisesse recuperar todo o tempo perdido.

Ele me puxou para o seu colo e eu me afastei por um segundo recuperando meu fôlego.

- Maia, eu achei… - Ele disse eufórico. – Eu achei que você nunca mais…

Não esperei ele terminar de falar.

- Eu também te amo Marc! – Disse o encarando. – Eu te amo muito.

Ele sorriu e voltou a me beijar.

23
Marc

Nossas roupas estavam espalhadas pelo chão do quarto. A Maia estava deitada com a cabeça apoiada no meu ombro e eu brincava com uma mecha do seu cabelo. Como eu senti falta disso! Como eu senti falta do seu cheiro, do calor do seu corpo sobre o meu, dos seus dedos fazendo cosquinhas na minha barriga, da sua risada… me virei de lado ficando de frente para ela e beijei sua testa, depois sua bochecha, pescoço e por último a sua boca. Apoiei minha cabeça no travesseiro e ficamos nos observamos em silêncio por um tempo.

- Você está com uma cara de quem quer me perguntar alguma coisa. – Disse.

Ela deu um meio sorriso e não disse nada.

- Maia… pergunta! – Disse com uma voz suave.

Um pouco sem jeito ela falou.

- Marc, depois que a gente… - Ela mordeu o lábio. – Nesse tempo que a gente ficou separado… - Ela disse insegura.

Eu imaginava o que ela queria me perguntar e respondi antecipando.

- Eu não fiquei com nenhuma outra garota, Maia! Isso nem passou pela minha cabeça. Só existia você… Só existe você. – Disse sincero.

Ela concordou com a cabeça com os olhos lagrimejados.

Passei meus dedos entre o seu cabelo e continuei.

- Eu aceitei a tocar na banda porque eu precisava de alguma coisa para distrair minha mente. Foi o tempo mais solitário que eu já tive, depois que a gente se afastou. – Confessei. – Minha vida se resumida a trabalho, casa e tocar. Do mesmo jeito que subia no palco eu saia, arrumava as minhas coisas e voltava para casa. Nunca aconteceu nada, com nenhuma garota… nunca nem chegou perto disso.

Ela não disse nada. Me beijou e depois se aninhou no meu corpo.

Deixei o seu abraço afastar toda a tristeza que existia dentro de mim.

*

A Maia não estava do meu lado quando acordei. Verifiquei o horário no celular e marcava cinco da manhã. Verifiquei as mensagens e tinha uma dela.

Maia diz: Precisei ir embora. Não quis te acordar. Mais tarde a gente se fala!

Não consegui mais dormir. Rodei de um lado para o outro na cama. Às vezes eu ficava me perguntando se a noite tinha acontecido ou se foi um sonho. Relia a mensagem da Maia só para ter certeza de que era verdade.

Eu ainda me sentia inseguro do que iria acontecer daqui para a frente.

Eu e a Maia estávamos totalmente resolvidos? Ela ainda iria continuar comigo? O Guga teria alguma conversa constrangedora comigo? Ou seu pai? Eles iriam aceitar bem a nossa relação?

Pensar em tudo isso me deixou ansioso. Resolvi tomar um banho para distrair minha mente.

Quando deu um horário aceitável eu respondi para a Maia.

Marc diz: No final, eu não sou o único que sai fugido no meio da noite.

Enviei e preparei alguma coisa para comer.

Meu celular apitou.

Maia diz: Você acabou de confessar que saia fugido!!! Eu sabia.

Marc diz: Ou era isso, ou um tiro do Guga!

Maia diz: Vou aceitar como desculpa… mesmo sabendo que isso não iria acontecer.

Maia diz: Vamos fazer alguma coisa a tarde?

Marc diz: Me diz o horário e eu estarei aí.

Eu sabia que estava com um sorriso idiota no rosto, mas não conseguia evitar.

Marquei de buscar a Maia no meio da tarde e resolvemos passear no parque.

Embora o dia estivesse ensolarado, o vento estava gelado. Era inverno e a gente caminhava devagar pelo parque.

- Maia, posso te fazer uma pergunta?

- Pode. – Ela disse me olhando com as mãos no bolso.

Encarei meu pé e depois olhei para ela.

- Você consegue descobrir de quem é o número que me mandou sua foto?

- Por quê? – Ela me perguntou com a testa franzida.

- Porque eu queria saber.

Ela ficou muda por alguns segundos. O barulho dos nossos passos preenchia o silêncio.

- Tem… - Ela disse me olhando. – Não seria algo fácil, mas daria sim.

- E você descobriria, se eu pedisse?

Ela parou. Parei também. De frente para mim, ainda com a mão no bolso ela disse calma.

- Marc, o que te fez mudar de ideia? Sabe, para você me procurar… - Ela me perguntou. – Foi a conversa com o Henrique ou alguma coisa do tipo…?

- Como você sabe que eu conversei com ele?

- Ele passou um dia em casa e comentou que você foi levar a Yara tirar o gesso. Ele não me contou tudo.

- Eu queria ter conversado com você antes… mas, você me viu aquele dia no estacionamento e deixou bem claro que não queria mais me ver.

- Sim. Você me ignorou totalmente sem me deixar explicar. Sabe Marc… Eu realmente achei… realmente achei que você nunca mais ia querer me ver e depois que eu te vi com a Gabi no estacionamento, eu tive certeza.

- Aquilo… A Gabi… - Fechei meus olhos e respirei fundo controlando minha raiva. – Foi um azar, ela estar lá, você me ver…

- Eu sei. Você me explicou e eu acredito em você.

Ela pegou minha mão e me levou até um banco próximo. Nos sentamos e ela disse.

- Eu preciso… - Ela disse me encarando. – Eu preciso que você confie e acredite em mim também… Marc, se você confiar em mim, nenhuma foto vai mexer com a sua cabeça.

Ela tinha razão. Eu sei que ela tinha.

- Você tem razão Maia. – Eu disse a encarando. – Mas, eu me sinto inseguro…

- Por quê? Você acredita que eu seria capaz de te trair? Por que eu faria isso? – Ela me perguntou com a testa franzida.

- Não Maia, eu confio em você. Mas, eu sou inseguro. Eu não confio em mim, não acredito que eu seja interessante o suficiente para você. Entende?

Ela se aproximou e segurou a minha mão.

- Marc… será que você não percebe? Você não percebe o quanto eu te deixei ir longe? O quanto, talvez sem você perceber, eu

te deixei derrubar tijolo por tijolo que eu construí por todos esses anos? Você sabe de coisas que nem o Guga sabe… ou meu pai. Eu me senti segura ao seu lado. Eu odiei quando você me afastou, quando você duvidou, porque eu achei que tivesse deixado claro o quanto você é importante para mim. E eu odeio que mesmo depois de tudo, você ainda tenha dúvidas!

Droga Marc! Por que sua cabeça não funciona?

- Desculpa Maia. – Eu disse a abraçando. - Às vezes eu acho que eu estou sonhando sabia? Com você, junto comigo… às vezes acho que não mereço.

Ela não disse nada, apenas me beijou da forma delicada que só ela sabia beijar.

- Eu te amo. – Eu disse abraçando-a forte e inspirando seu perfume.

- Eu também te amo.

- Mudando de assunto. – Eu disse. – Qual a chance de eu apanhar se eu for na sua casa?

Ela sorriu e respondeu.

- Nenhuma!

- Duvido! Nem uma conversa intimidadora?

- Não… - Ela ainda sorria. – Eu conversei com o Guga.

- Sério? E ele…

- Ele quer me ver feliz. – Deu de ombros. – Se fosse você com a sua irmã aposto que faria o mesmo!!!

Fiz uma careta.

- Impossível. Ela nunca vai namorar. – Sorri brincando.

- Marc… - Ela disse séria me encarando.

- Maia… - Respondi.

Ela se ajeitou no banco, cruzou as pernas colocando em cima do banco e se virou ficando de frente para mim.

- Você promete para mim, que… promete que não vai sentir ciúmes do Henrique?

Respirei fundo.

Eu conseguia prometer isso? Minha resposta demorou para chegar e ela completou.

- Eu entendo que pode ser difícil. Sabe, acho que eu ficaria com um pouco de ciúmes também se você saísse por aí com uma

amiga, mas eu tentaria deixar a insegurança de lado.

- Eu prometo tentar…

- E Marc… - Ela encarou os dedos por um segundo e disse me olhando. – Sempre conversa comigo antes, tudo bem? Sabe…

Eu sabia! Concordei com a cabeça e a beijei.

Prólogo!

Duas semanas após eu e o Marc finalmente se acertar, eu me encontrei com o Henrique no café para saber sobre as novidades. Ele me contou que o pedido de namoro com a Isadora foi melhor do que ele imaginava e eu conseguia ver a felicidade no seu olhar.

Ao contrário como da última vez, eu avisei o Marc, que igual da última vez, estava viajando a trabalho.

Quando cheguei em casa naquele dia, tirei meu sapato e me joguei no sofá, verifiquei meu celular e tinha uma mensagem do Marc.

Marc que te enviou uma foto

Abri a mensagem e lá estava, como da última vez, uma foto minha e do Henrique no café. Não pude evitar uma ansiedade. O Marc sabia que não existia nada entre mim e o Henrique. Mas não pude deixar de lembrar da última vez. Antes que pudesse responder qualquer coisa ele me enviou outra mensagem

Marc diz: Você ainda não quer descobrir de quem é esse número?

De verdade? Eu poderia imaginar de quem era. O que isso mudaria se eu descobrisse? Antes de responder eu pensei um pouco sobre o assunto. Estava ficando realmente cansativo toda essa perseguição. Por muito tempo eu lidei com isso, estava começando a ficar esgotada.

Maia diz: Vou bolar um plano. O que você acha?

Marc diz: Eu sou do mesmo time, lembra?

Sorri feito uma idiota.

E foi o que eu fiz. Meu companheiro de equipe no trabalho me devia muitos favores. Depois que eu bolei meu plano e repassei diversas vezes na minha cabeça, eu contei para o Marc e coloquei ele em ação.

Graças alguns contatos eu acabei descobrindo que esse celular estava no nome do pai da Gabi. Eu não queria envolver a justiça de verdade porque daria muito trabalho, mas iria fazer ela acreditar que era de verdade.

Bolei um processo e coloquei algumas provas que em um processo real não serviriam para nada. Peguei imagens de segurança da cafeteria da tia do Henrique. Coloquei as mensagens que ela mandava e escrevi nos termos mais difíceis que faziam parecer que o processo era mais sério possível.

O Fabio, meu companheiro de trabalho, veio um dia para o interior, bateu na porta da casa da Gabi fingindo ser um oficial de justiça e intimou ela para uma audiência entregando o processo. Do carro, eu analisava sua expressão de medo e espanto.

A Gabi era burra o suficiente para acreditar em qualquer coisa, ainda mais nervosa. No fórum da cidade, meu pai conseguiu com um juiz que era seu paciente, cinco minutos em uma das salas para o nosso plano ser ainda mais perfeito.

Na mesa, eu estava ao lado do Fabio (que fingia ser um oficial de justiça). Me segurando muito para não rir da cara de desespero da Gabi e do seu irmão, Aldo, que estava ao seu lado.

- Gabriela. Você sabe muito bem o motivo dessa audiência. A Maia entrou com um processo de perseguição e danos morais contra a senhorita. Temos provas aqui no processo. O valor dos danos morais está em sessenta mil reais. Qual a sua defesa?

Meu deus, como eu esperei por esse dia. A Gabi ficou branca, quase chorando ela disse.

- Eu... eu.. – Ela gaguejava. – Eu não tive essa intenção. Meu pai não pode saber. Eu não tenho esse dinheiro. – Ela não aguentou e começou a chorar depois de despejar tudo.

Me controlei muito para não rir na cara dela. Por um segundo quase fiquei com dó. O Aldo estava mais branco do que ela e tremia.

- Gabriela, chorar não vai resolver seu problema. – O Fabio dizia sério. Ele era um ótimo ator. – O que você propõe? Quer responder com um advogado? Você tem direito!

- Não... – Ela dizia entre soluços. – Meu pai não pode saber. Eu... Eu... Prometo te deixar em paz. – Ela me olhou nos olhos. – Por favor Maia...

Como esperei pelo dia em que a Gabi iria me implorar.

- Tudo bem! – Eu disse. – Mas, com uma condição. Eu não quero mais você me perseguindo e nem me provocando. E se você fizer isso de novo, eu vou dar continuidade no processo! – Disse séria a encarando.

Ela me olhava com os olhos arregalados e concordava com a cabeça.

- Si..Sim... – Ela dizia gaguejando. – Eu prometo.

O Fabio, bateu o martelo na mesa levando o teatro bastante a sério e encerrou a audição.

Quando a Gabi saiu da sala, eu esperei alguns segundos e finalmente soltei a risada que estava segurando. Não vou mentir, ver a Gabi vulnerável foi uma satisfação pessoal.

- Meu deus, essa menina é burra mesmo! – O Fabio me disse quando saímos da sala. – Esse foi o pior teatro que a gente fez. Ela realmente acreditou nisso?

- O martelo no final foi a cereja do bolo.

*

Não consegui esperar o Marc chegar em casa para contar. Assim que entrei no carro liguei para ele e contei tudo. Acho que finalmente teríamos paz.

Quando cheguei em casa, ainda rindo, eu encontrei meu irmão no sofá com o cotovelo apoiado no joelho e a cabeça entre as mãos.

- Guga? – Meu sorriso sumiu.

Ele levantou a cabeça e com os olhos vermelhos me disse.

- Eu e a Renata... A gente terminou.

Toda a minha alegria sumiu.

Agradecimentos.

Fico feliz em saber que você, leitor, chegou até aqui!
Esse foi meu primeiro livro. Enquanto a vida foi acontecendo as ideias foram aparecendo e finalmente consegui dar vida a história da Maia e do Marc.
Realmente espero que vocês gostem.